UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO ACADÊMICO

**ROSÂNGELA GUEDÊLHA DA SILVA**

# HORIZONTES DO ENVELHECER:

a geograficidade na obra *Prantos, amores e outros desvarios*, de Teolinda Gersão

São Luís
2019

**ROSÂNGELA GUEDÊLHA DA SILVA**

# HORIZONTES DO ENVELHECER:

a geograficidade na obra *Prantos, amores e outros desvarios*, de Teolinda Gersão

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção de título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa

São Luís

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Silva, Rosângela Guedêlha da.
HORIZONTES DO ENVELHECER : a geograficidade na obra Prantos, amores e outros desvarios, de Teolinda Gersão / Rosângela Guedêlha da Silva. - 2019.
146 f.

Orientador(a): Márcia Manir Miguel Feitosa.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís - MA, 2019.

1. Geograficidade. 2. Literatura Portuguesa Contemporânea. 3. Lugar. 4. Teolinda Gersão. 5. Velhice. I. Feitosa, Márcia Manir Miguel. II. Título.

**ROSÂNGELA GUEDÊLHA DA SILVA**

**HORIZONTES DO ENVELHECER:**

a geograficidade na obra *Prantos, amores e outros desvarios*, de Teolinda Gersão.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção de título de Mestre.

Linha de pesquisa: Expressões e processos socioculturais.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

_____

**Profa. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa** (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão

_____

**Profa. Dra. Cristiane Navarrete Tolomei**

Universidade Federal do Maranhão

_____

**Profa. Dra. Maria Elvira Brito Campos**

Universidade Federal do Piauí

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, fonte primordial de vida, inspiração, proteção e fortalecimento em minha existência e a Nossa Senhora, por seu precioso zelo de mãe que se faz sempre presente no íntimo de meu ser.

Aos amados Elias, Eric e Elis, por seu Amor, apoio, compreensão e companheirismo incondicionais e diários ao longo dessa trajetória. Vocês estiveram ao meu lado me fortalecendo e ajudando desde a decisão de retomar os estudos em busca do sonho do mestrado, assim como na concretização de cada etapa até a realização final.

À minha mãe, Maria da Conceição e à minha irmã, Milene, mulheres admiráveis e batalhadoras destemidas que me protegeram, como *fortalezas que são*... Tiveram a sensibilidade de me proporcionar recursos complementares para favorecer minhas condições de estudo.

Ao meu amado sobrinho Guilherme, por sua alegria e carinhosa torcida. Assim como ao meu cunhado Rodrigo e à querida Gisele, minha gratidão por sua amizade, disponibilidade e gentileza; seus gestos foram importantes formas de estímulo e apoio.

À incansável Ana Lúcia, por seu companheirismo e dedicação ao cuidar das tarefas domésticas, zelando pelo bem-estar cotidiano de minha família.

Aos demais familiares e amigos, agradeço a torcida e por compreenderem as razões de minha ausência ao longo desse período.

Toda gratidão à minha orientadora, Professora Márcia Manir Miguel Feitosa, de quem recebi muito mais que uma significativa orientação na pesquisa... Ela me ofereceu ensinamentos de vida, além de imensurável apoio e valiosa amizade, pessoa com quem pude incondicionalmente contar frente aos desafios acadêmicos e pessoais nesse período. Professora, a senhora se fez luz a me guiar.

Aos professores do Programa que ampliaram meus horizontes teóricos, em especial, ao prof. João Batista Bottentuit por incentivar a sonhar e a realizar.

À Professora Cristiane Navarrete, pela disponibilidade em participar dos momentos avaliativos, desde a pré-qualificação até a banca de defesa final, fazendo sempre uma leitura atenciosa com observações pertinentes e ressaltando o potencial da pesquisa.

À Professora Zulimar Máritas pela atenção com que leu o material para a qualificação, oferecendo o seu olhar de geógrafa acerca do diálogo interdisciplinar proposto.

À Professora Maria Elvira, pelo solícito aceite ao convite de integrar a banca examinadora.

Aos colegas da PPPGI, Rita, Socorro, Ana Paula, Ferreira, Fátima, ao Professor César Castro, às Professoras Iran e Francisca, agradeço imensamente a compreensão e o carinho, duas formas preciosas de apoio.

Às caríssimas amigas, Luciana Soares e Luciane Amorim, que, além do incentivo, ofereceram-me seu companheirismo na resiliência e no enfrentamento das adversidades no espaço do trabalho.

À amiga Karina Rivero, o anjo amigo com que Deus me presenteou com a precisão necessária, e ela fraternal e incondicionalmente me ofereceu sua fundamental parceria no ambiente de trabalho e nas traduções.

Ao amigo Amaury, por seu carinho, incentivo e ajuda com a normalização, mas, sobretudo, pelos momentos de descontração e a certeza da incondicional amizade.

Aos colegas do GEPLIT, sou grata por em nossas reuniões conseguirmos vivenciar a topofilia e o humanismo de que tanto falamos em meio ao nem sempre acolhedor ambiente acadêmico. Em especial, aos queridos da "velha guarda geplitiana" com quem tive experiências pontuais nesses dois anos, Cláudia, Flávia, Fábio, Ana Cláudia, Lussandra, José, Juliana, Andreia, Luís e Renata Ribeiro. Obrigada pelos materiais emprestados, dicas, conselhos, escuta, abraços reconfortantes e riso solto no pós-reunião.

À turma 2017 do PGCult, meu carinho e gratidão pelas parcerias e partilhas nos estudos, pela descontração e pelos "desabafos pgcultianos" na tão desafiadora vida de mestrando. E, ainda fica a admiração pela competência, assim como, pela força com que cada um buscou enfrentar os desafios que se apresentaram em suas vidas nesse período, não se deixando vencer mesmo quando a dor era mortal ou a estabilidade se esvaía... O mestrado finda, o aprendizado permanece.

Aos funcionários do PGCult, especialmente Adriana e Roberto, pela atencioso e eficiente atendimento.

Agradeço a Bernadete e aos demais colegas do CEM Vicente Maia pelo valioso apoio e compreensão.

À Teolinda Gersão, pela simpatia e por sua escrita significativa e inspiradora.

E a todos que em algum momento e de alguma forma me incentivaram e apoiaram, muitíssimo obrigada.

*“Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir”.*

*(Cora Coralina)*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o espaço pelo enfoque da geograficidade na representação da velhice na obra *Prantos, amores e outros desvarios* (2016), da escritora portuguesa Teolinda Gersão. Para tanto, serão analisados os contos "As mimosas", "Mal-entendidos", "Vizinhas" e "Água-marinha", uma vez que a tessitura textual dessas narrativas articula a subjetividade ficcional das personagens idosas à objetivação do mundo real, expressando vivências humanas com o lugar, que permitem antever atitudes de resistência no contexto da condição humana dos idosos no século XXI. Essa pesquisa, de base qualitativa e bibliográfica, procura aproximar, sob o viés interdisciplinar, a Literatura e a Geografia Humanista Cultural, de cunho fenomenológico, sustentada pelo aporte teórico de Yi-Fu Tuan, Eric Dardel, Gaston Bachelard e Edward Relph, com importantes contribuições, sobretudo, de Simone de Beauvoir acerca da velhice e de Zigmunt Bauman no tocante às relações humanas no contexto da "modernidade líquida". Nesse sentido, serão focalizados os recursos estéticos empregados na tessitura textual e sua articulação com a representação das categorias implicadas no conceito de geograficidade, como: espaço, lugar, mundo vivido, lar, topofilia, apinhamento, espaciosidade, lugaridade, exílio e paisagem. Espera-se, assim, demonstrar o entrelaçamento entre a produção contística de Teolinda Gersão com o lugar dos idosos na contemporaneidade.



**Palavras-chave:** Literatura Portuguesa Contemporânea. Geograficidade. Lugar. Teolinda Gersão. Velhice.

## ABSTRACT

This study aims to investigate the space through the geographic focus in the representation of old age in the literary work *Prantos, amores e outros desvarios* (2016), by the Portuguese author Teolinda Gersão. In order to do so, the tales "As mimosas", "Mal-entendidos", "Vizinhas" and "Água-marinha", will be analyzed since the textual tessitura of these narratives articulates the fictional subjectivity of the elderly characters with the objectivism of the real world, expressing human experiences with the space, which allow us to foresee attitudes of resistance in the context of the human condition of the elderly in the 21st century. This research, with a qualitative and bibliographical basis, seeks to bring closer, via the interdisciplinary bias, the Literature and the Humanist Cultural Geography, with a phenomenological nature, supported by the theoretical contribution of Yi-Fu Tuan, Eric Dardel, Gaston Bachelard and Edward Relph, with important contributions, mainly, of Simone de Beauvoir about old age and Zigmunt Bauman on human relations in the context of "liquid modernity". In this sense, the aesthetic resources used in textual tessitura will be focused as well as their articulation with the representation of the categories implied in the concepts of geography, such as: space, place lived world, home, topophilia, crowding, spaciousness, placeness, exile and landscape. It is expected, therefore, to demonstrate the interlacing between the tales' production of Teolinda Gersão and the place of the elderly people in contemporary world.



**Keywords:** Contemporary Portuguese Literature. Geography. Place. Teolinda Gersão. Old age.

**SUMÁRIO**


**1 INTRODUÇÃO** ..... 9

**2 LITERATURA E GEOGRAFIA**: aproximações interdisciplinares sob o viés da fenomenologia ..... 16

**2.1 A Geografia Humanista Cultural**: um breve panorama epistemológico ..... 20

2.1.1 Eric Dardel e o fenômeno da geograficidade ..... 26

2.1.2 Gaston Bachelard e a intimidade do espaço poético ..... 30

2.1.3 Yi-Fu Tuan e a valoração da experiência ..... 34

2.1.4 Edward Relph e a perspectiva do lugar ..... 38

**3 "A VELHICE E O ENVELHECER SÃO TEMAS BONS PARA SE PENSAR"** ..... 44

**3.1 Velhice e envelhecimento:** uma breve introdução ..... 44

**3.2 O mundo vivido na velhice:** algumas considerações sobre espaço, memória e a condição da mulher idosa na vida cotidiana contemporânea ..... 50

**4 O UNIVERSO LITERÁRIO DE TEOLINDA GERSÃO** ..... 59

**4.1 A autora no contexto da literatura portuguesa contemporânea** ..... 59

**4.2 O modo de narrar** ..... 63

4.2.1 O espaço na escrita gersiana ..... 68

**4.3 A produção contística** ..... 72

**4.4 O tema do envelhecimento na sua relação com o espaço vivido** ..... 78

**5 A GEOGRAFICIDADE NA REPRESENTAÇÃO DA VELHICE EM CONTOS DE *PRANTOS, AMORES E OUTROS DESVARIOS*** ..... 83

**5.1 Apinhamento em "As mimosas"** ..... 85

**5.2 O exílio interior em "Mal-entendidos"** ..... 94

**5.3 O "lugar líquido" em "Vizinhas"** ..... 103

**5.4 O mergulho na imensidão íntima em "Água-marinha"** ..... 112

**5.5 Horizontes do envelhecer:** o entrelaçamento entre as narrativas analisadas ..... 122

**6 CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... 131

**REFERÊNCIAS** ..... 136

**APÊNDICE A - Quadro-síntese sobre obras de Teolinda Gersão de 2002 a 2016 que abordam a velhice** ..... 146

# 1 INTRODUÇÃO

Estudos acadêmicos contemporâneos sobre o espaço literário têm discutido e demonstrado vivências e configurações de paisagem que refletem uma confluência entre o "estar no mundo" e o "estar na escrita" como forma de expressão da condição humana tecida textualmente a partir das experiências com e no lugar vivido. Essa é uma perspectiva fenomenológica de abordagem do espaço poético (literário) que o coloca em articulação ou aproximação com outras áreas do conhecimento, como a Geografia Humanista Cultural[1].

Em uma incisiva de ruptura como o reducionismo científico, essa vertente da geografia trabalha com a concepção de espaço geográfico centrado na ideia de "geograficidade", compreendida como o elo humano com o espaço/mundo, a partir das experiências de lugar vivenciadas, nas quais se encontram entrelaçados aspectos objetivos (elementos físicos relacionados ao ambiente e aos indivíduos) e subjetivos (percepção, sensações, pensamentos, sentimentos, imaginação e memória), compondo, assim, horizontes ou paisagens humanas no e do mundo. A base humanista desses estudos prevê, dentre outros princípios, a busca por uma visão holística da experiência humana no mundo, tendo, para isso, práticas interdisciplinaridades com as Humanidades e as artes.

Assim, valendo-se desses fios teóricos, esta pesquisa propõe o entrelaçamento interdisciplinar entre a Literatura e a Geografia Humanista Cultural para investigação do espaço (FEITOSA; MORAES; COSTA, 2012), pelo enfoque da geograficidade, na representação da velhice em contos da obra *Prantos, amores e outros desvarios* (2016), da escritora portuguesa Teolinda Gersão. Um estudo que se articula às discussões e pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura/Universidade Federal do Maranhão (GEPLIT/UFMA).

A proposta desta pesquisa originou-se de uma inquietação a partir da análise do conto "Vizinhas", da obra *Prantos, amores e outros desvarios* (2016). Essa narrativa faz uma abordagem poética e profunda da condição de idosos no âmbito da vida pessoal no mundo contemporâneo, manifestada no espaço vivido das protagonistas. De tão significativa, ela despertou a curiosidade acerca do que mais havia sobre essa temática na produção de Teolinda. Constatou-se que a focalização da velhice tem sido recorrente e deixou de ser um elemento secundário para estar no centro das narrativas da autora nos últimos anos, e, ainda,

[1] Denominação convencionalmente empregada nos estudos do GEPLIT/UFMA, a exemplo do que fazem muitos geógrafos, em referência ao emprego de aportes teóricos da Geografia Humanista e da Geografia Cultural em estudos interdisciplinares a respeito de temáticas comuns a essas duas vertentes da ciência geográfica.

que a abordagem não se traz uma representação estigmatizada dos idosos, tal como avós bondosos, velhas bruxas ou feiticeiras, velhos lunáticos, andarilhos, mendigos, sábios exóticos, figuras eroticamente ridicularizadas etc., a autora retrata a velhice no cotidiano das relações humanas contemporâneas, como os velhos se relacionam com o mundo e o mundo com eles, ressaltando a complexidade das vivências com os familiares e as demais pessoas do cotidiano social do mundo hodierno.

Com base em um levantamento analítico das obras de Teolinda que focalizam a velhice, chegou-se a nove contos e um romance, todos publicados entre 2002 e 2016. Resistindo ao ímpeto inicial de realizar um estudo que abrangesse todas essas obras, tanto pelo acesso restrito a esse material quanto pelo exíguo tempo para a elaboração da dissertação propriamente dita, optou-se pelos contos de Teolinda que tematizam a velhice pela experiência feminina como *leitmotiv* na obra *Prantos, amores e outros desvarios* (2016): "As mimosas", "Mal-entendidos", "Vizinhas" e "Água-marinha". Assim, por meio de um diálogo entre o universo literário e o da ciência geográfica na vertente humanista cultural, pretende-se realizar a leitura do espaço vivido pelos idosos no tocante às relações humanas, uma vez que a tessitura textual dessas narrativas articula a subjetividade ficcional das personagens idosas à objetivação do mundo real, expressando vivências com e no lugar, que permitem antever atitudes de resistência no contexto da velhice vivenciada no século XXI.

O que não surpreende porque Teolinda é uma das vozes femininas mais atuantes e premiadas da literatura portuguesa da atualidade que tem sua história de vida no regime ditatorial salazarista e, como escritora, assume uma incansável atitude combativa à opressão no período pós-ditadura. Desde seu primeiro livro, *O Silêncio* (1981), assume uma atuação estética contrária às estruturas autocráticas e a qualquer forma de alienação, em busca da valorização e consolidação da liberdade e da dignidade humana, sobretudo, da mulher.

Consagrada como romancista, desde os anos 2000 tem ampliado sua produção de formas breves, sempre operando com maestria o jogo da transfiguração do real pelo poético, em histórias que iluminam a existência humana, o que, neste estudo, será abordado no tocante à incursão que a autora tem feito ao universo da velhice.

O emprego do termo "horizontes" no título deste trabalho equivale à "paisagem", sob o prisma poético e lírico, ainda que diretamente relacionado com o âmbito da Geografia Humanista. Além disso, horizonte remete à ideia de perspectiva, campo de visão passível de ser ampliado(a) em um infinito vir a ser, exatamente como a existência humana pode ser ressignificada no contexto das relações. Fundamentalmente, nessas duas acepções de horizonte, tem-se a "inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida", como

sintetiza Dardel (2015, p. 32), o teórico criador do termo “geograficidade”, o principal conceito norteador do diálogo interdisciplinar deste estudo e que muito expressa sobre o viver humano.

O debruçar sobre a produção de Teolinda, ainda que parcialmente, consiste em percorrer um campo de possibilidades, tanto em relação às temáticas, quanto ao aspecto formal - linguagem e estrutura das obras, o que faz dessa tarefa algo interessante, estimulante e significativo. Mas surgiram entraves... O desafio inicial foi o acesso às obras quase não publicadas no Brasil, o que demandou esforço e custo para aquisição de originais. Entretanto, prevaleceu a convicção de que este estudo contribui para a visibilidade de temas relativos à vida dos idosos no contexto cotidiano familiar e de sua forma de estar no mundo, que tais discussões corroboram com a ideia de humanização do envelhecimento, o que diz respeito a toda a humanidade e, ainda, divulga o trabalho de uma brilhante autora em língua portuguesa que ainda precisa ser mais conhecida no Brasil para além dos espaços acadêmicos, como já ocorre em outros países.

Este estudo insere-se no campo de interesse da área das humanidades por examinar e comentar produções artísticas que refletem e são reflexo de faces da condição humana no mundo atual. Isso porque a escrita de Teolinda é repleta de singularidades: comprometida com as crises e os desafios de homens e mulheres contemporâneos, emprega linguagem que subverte delimitações formais, faz uso de prosa poética, enfim, rompe com o usual, com sua escrita criativa, intensa e ousada. Além disso, desenvolve uma abordagem crítico-reflexiva não-panfletária de temas ligados ao contexto histórico, político e social português, mas que encontra ressonância em outros contextos pelo mundo. Análises dessa natureza auxiliam para o conhecimento (e autoconhecimento) humano, bem como para a compreensão da condição humana no mundo contemporâneo, em uma perspectiva individual e/ou coletiva.

No intuito de realizar a análise proposta neste estudo, organizou-se um percurso de passos orientados pelos seguintes objetivos específicos:

a) Apresentar pressupostos teóricos que embasaram a abordagem interdisciplinar do espaço pelo viés da geograficidade em relação à condição dos idosos na contemporaneidade, analisada na representção em contos de Teolinda Gersão;
b) Caracterizar a produção literária de Teolinda Gersão no contexto da literatura portuguesa contemporânea, ressaltando sua face contista e a abordagem do tema do envelhecimento humano;

c) Analisar separadamente os contos que compõem o *corpus* da pesquisa, à luz do escopo teórico delimitado, a fim de identificar experiências de geograficidade configuradas na representação da velhice e que aspectos do envelhecimento discutem, cotejando-os, em seguida, no tocante a pontos de aproximação e diferenciação desses aspectos.

Dessa forma, intenciona-se responder à questão central de quais experiências de geograficidade são configuradas na representação da velhice na obra *Prantos, amores e outros desvarios*, de Teolinda Gersão, e que ideia de velhice representam, demonstrando, assim, o entrelaçamento entre a produção contística de Teolinda Gersão com o lugar dos idosos na contemporaneidade.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, pois visa à análise de informações não quantificáveis objetivamente, tendo como principais procedimentos a reflexão e a interpretação do mundo, utilizando fontes bibliográficas para fundamentação (GIL, 1999) (CRESWELL, 2014). Conforme já exposto, envolve mais de uma área de conhecimento voltadas a uma só perspectiva, em uma relação claramente interdisciplinar (MORIN, 2005).

A pesquisa foi realizada em duas etapas: na primeira, como as obras literárias já haviam sido lidas, realizou-se uma revisão e aprofundamento teórico para construção do objeto de estudo e da perspectiva analítica, com base em livros e artigos científicos localizados por meio de levantamento bibliográfico e revisão de literatura. Tal estudo implicou em fichamentos e participação em discussões, tanto no grupo de pesquisa como em colóquios com a orientadora. A segunda etapa consistiu na análise dos contos, seguindo preceitos metodológicos da fenomenologia hermenêutica (EAGLETON, 2003), à luz dos fundamentos teóricos principalmente da Literatura e da Geografia, com vistas a alcançar os objetivos propostos.

Os procedimentos metodológicos de análise dos contos seguem orientação da fenomenologia com base nos pressupostos de Martin Heidegger e Gaston Bachelard. O método fenomenológico foi inicialmente proposto por Edmund Husserl (1859-1938), intencionando apresentar uma base segura para todas as ciências, livre de suposições empíricas. A regra principal desse método é avançar para as próprias coisas, em busca de sua essência do fenômeno em estudo (GIL, 1999).

Discordando do pensamento essencialista de sujeito transcendental não histórico da fenomenologia essencialista husserliana, Heidegger defende que o significado é histórico e tem como ponto de partida o *dasein* ou a condição dada da existência humana, por isso sua teoria ser caracterizada como “existencialista”. Segundo esse filósofo, a existência humana é

sempre como “ser-no-mundo”, o que significa que a existência humana se constitui necessariamente articulada com ligação prática com o mundo material. A linguagem não é somente um meio de comunicação, mas o local/meio em que a “verdade do mundo” se mostra: “Só há mundo onde há linguagem, no sentido especificamente humano” (EAGLETON, 2003, p.87). Esse pensamento filosófico é denominado de “hermenêutica do ser” ou “fenomenologia da hermenêutica”, que é a ciência ou arte da interpretação. Nessa concepção, a interpretação literária emana da própria obra, “não é alguma coisa que fazemos, mas algo que devemos deixar que aconteça. Devemos nos abrir passivamente ao texto, submetendo-nos ao seu ser misteriosamente inesgotável, deixando-nos interrogar por ele” (EAGLETON, 2003, p. 90).

Em perspectiva aproximada, seguem-se os preceitos do filósofo francês Gaston Bachelard que, ao realizar o estudo que denominou de fenomenologia da imaginação, afirma que toda obra de arte é um novo ponto de partida: “Por princípio, a fenomenologia liquida um passado e encara a novidade. [...] é preciso que o saber seja acompanhado de um igual esquecimento do saber [...] espécie de começo puro que faz de sua criação um exercício de liberdade” (BACHELARD, 2008, p.16). Entretanto, isso não quer dizer que as palavras seguem simplesmente as intenções particulares dos indivíduos, pois, antes de pertencer ao plano particular, a linguagem tem um significado que é social. Portanto, a qualidade e a profundidade da análise do texto literário, inevitavelmente, estão ligadas a um contexto histórico-ideológico, assim como sujeitas à capacidade analítica do estudioso em dialogar com a obra para que ela revele sentidos que lhe são inerentes.

Refletindo o percurso metodológico, a dissertação encontra-se organizada em seis capítulos, incluindo a Introdução e as Considerações Finais. Os capítulos dois, três e quatro apresentam os pressupostos teóricos que embasam a realização da presente pesquisa e quinto traz a análise dos contos.

O capítulo dois fundamenta a aproximação interdisciplinar entre a Literatura e a Geografia. Inicia-se abordando a relação entre essas áreas: a contextualização histórica, os pressupostos teóricos, as especificidades de cada área e alguns parâmetros desse diálogo interdisciplinar. Em seguida, elaborou-se um breve panorama epistemológico da Geografia Humanista Cultural no qual consta uma síntese do percurso histórico de formação dessa vertente dos estudos geográficos, servindo para contextualização dos princípios e fundamentos do humanismo e da fenomenologia existencialista que a norteiam. Após esse preâmbulo, o capítulo traz abordagens teóricas de Eric Dardel e o fenômeno da

geograficidade; Gaston Bachelard e a intimidade do espaço poético; Yi-Fu Tuan e a valoração da experiência; e, ainda, Edward Relph e a perspectiva do lugar.

O terceiro capítulo, intitulado "A velhice e o envelhecer são temas bons para se pensar", traz uma apresentação acerca do embasamento teórico que serviu de apoio suplementar a esta pesquisa, iniciando com uma breve introdução acerca de velhice e do processo de envelhecimento, seguindo para algumas considerações sobre mundo vivido na velhice em relação ao espaço, à memória e à condição da mulher idosa, relacionando-os à vida cotidiana. O conteúdo foi organizando em uma perspectiva crítico-reflexiva, tendo por base os estudos de cunho sociológico de Simone de Beauvoir (2018, 2016), Zigmunt Bauman (2001), Ecléa Bosi (2006), Maurice Halbwachs (2003), complementados por pesquisas da Antropologia Social de Myriam Moraes Lins de Barros (2006), Guita Grin Debert (1999), Clarice Peixoto (2006), Philippe Ariès (1986), Alda Britto da Motta (2006) e outros.

O quarto capítulo centraliza a literatura no tocante ao universo literário de Teolinda Gersão, ressaltando sua face contista e a focalização do tema da velhice em suas obras. A organização dos itens intenciona um gradativo ajuste do enfoque que o estudo requer: inicia com a apresentação da autora no contexto da literatura portuguesa contemporânea, desdobra-se sobre o modo de narrar e o espaço em suas narrativas. Segue com a caracterização da escrita contística de Teolinda a partir de contribuições selecionadas na fortuna crítica referente a essa produção e conclui com um panorama a respeito do tema da velhice/envelhecimento na produção da autora no período de 2002 a 2016. Serviram de suporte os estudos de Álvaro Cardoso Gomes (1993, 1994), Maria Heloísa Martins Dias (1994, 2008), Julio Cortázar (1993), Ricardo Piglia (2004), João Barrento (2009), Júlio Conrado (2016), Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira (2012), Miguel Real (2015), João Alves das Neves (1982), Maria Isabel Rocheda e Serafina Martins (2006), Massaud Moisés (2002), José Rodrigues de Paiva (2015), Maria Inês de Moraes Marreco (2012), Judite de Jesus Rosa Judas da Cunha Vieira (2013), dentre outros pesquisadores.

A análise literária à luz da Geografia Humanista Cultural foi realizada no quinto capítulo. Os contos que compõem o *corpus* da pesquisa foram analisados separadamente no tocante às experiências de geograficidade configuradas na representação da velhice, sobretudo em relação à figura da mulher idosa. E, ao final, retomados comparativamente a fim de identificar aproximações e distanciamentos que permitiram demonstrar o entrelaçamento entre a produção contística de Teolinda Gersão com o lugar dos idosos na contemporaneidade, compondo, assim, um painel denominado "horizontes do envelhecer".

As Considerações Finais trazem o arremate do caminho analítico erigido, assim como um balanço a respeito do alcance dos objetivos propostos e, ainda, indicam possíveis novas abordagens que ampliem e/ou discutam esta investigação.

# 2 LITERATURA E GEOGRAFIA: aproximações interdisciplinares sob o viés da fenomenologia

A realização deste estudo dissertativo implica a promoção de um produtivo encontro interdisciplinar entre Literatura e Geografia a fim de que se consiga investigar a geograficidade[2] no texto literário. Essa aproximação consiste em um exercício dialógico (MORIN, 2005) entre campos com formas muito distintas de conhecimento, neste caso, entre a arte (literária) e a ciência (geográfica), o que somente se tornou possível a partir de rupturas decorrentes da oposição aos preceitos do positivismo, da visão mecanicista do mundo e do cientificismo cartesiano e seus ditames racionalistas.

Entre os movimentos contrários, há o existencialismo filosófico que critica a concepção da verdade atribuída exclusivamente à razão científica; do homem como ser unicamente racional e coeso, assim como da natureza como algo separado e a serviço do homem, que levou à hegemonia da formalização do conhecimento objetivo, científico e racional, reconhecido como o único dotado de legitimidade e prestígio, visão que predominou no mundo eurocêntrico até a primeira metade século XX.

Boaventura de Sousa Santos, em *Um discurso sobre as ciências* (2010), afirma que essa crise no modelo de racionalidade da chamada ciência moderna faz com que o mundo hodierno seja um período de revolução científica na fase de transição iniciada com Einstein e a mecânica quântica. Um dos aspectos que se apresentam nesse paradigma emergente e em construção é que

> Os pressupostos metafísicos, os sistemas de crenças, os juízos de valor não estão antes nem depois da explicação científica da natureza ou da sociedade. São parte integrante dessa explicação. A ciência moderna não é a única explicação possível da realidade e não há sequer razão científica para a considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia (SANTOS, 2010, p. 83).

Assim, o mundo contemporâneo tem sido fecundo em teorias abertas, revisões epistemológicas que implicam em condutas científicas renovadas ou vanguardistas. Uma dessas inovações ocorreu com a inserção do Humanismo e da abordagem fenomenológica na prática científica das pesquisas geográficas a partir da segunda metade do século XX, o que resultou na instauração de um campo de pesquisa distinto no âmbito geográfico e com intensa aproximação com as Humanidades e as artes.

[2] Haverá uma abordagem mais detalhada a respeito da ideia de geograficidade no item 2.1.1 deste estudo.

A literatura e geografia sempre se aproximaram por possuírem o “espaço” como um aspecto em comum, entretanto, foi no contexto de abertura a uma certa flexibilização científica iniciado no século XX, que “limites viraram fronteiras” (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2009, p. 489) e a ciência geográfica, delineada na tendência humanista, caminhou de forma mais intensa ao encontro da literatura.

Sem intencionar reconstituir a trajetória da produção de estudos geográficos em relação a textos literários, uma vez que tais informações se encontram detidamente apresentadas por Marc Brosseau (2007) e em estudos dos geógrafos Eduardo Marandola Jr. e Lívia de Oliveira (2009) e Eduardo Marandola Jr. e Lúcia Helena Batista Gratão (2010), dentre outros; convém destacar que a aproximação entre essas áreas, embora ainda vista com certa desconfiança por parte da comunidade acadêmica na atualidade, era antes impensável, sendo, portanto, significativo a esta pesquisa apresentar como esse canal dialógico tem se estabelecido.

De acordo com Brosseau (2007), as investigações geográficas para o universo literário antes de 1970 são importantes incursões em direção a um possível conhecimento geográfico existente no campo artístico. A ciência geográfica até esse período seguia um rigoroso enquadramento aos parâmetros científicos positivas de objetivismo, racionalismo, uso de técnicas estatísticas e matemáticas, quantificação, abordagens sistêmicas, usos de modelos e desenvolvimento de teorias (CHRISTOFOLETTI, 1982).

No cerne dessa proposta, o Humanismo aparece incorporado à prática científica geográfica na acepção de que tanto a ciência de forma geral, quanto a geográfica em particular sejam ampliadas no sentido de irem além da abordagem descritiva e quantitativa dos elementos físicos da paisagem terrestre. A perspectiva humanista focaliza o ser humano em todas as dimensões de sua existência, valorizando os “fenômenos sentimentais (nas artes), racionais (nas construções, na economia e na política) os psíquicos (nos sonhos, no imaginário e na imaginação), nas escalas individual (existência) e coletivo (cultura)” (MARANDOLA JR., 2005, p. 413).

A fundamentação filosófica adotada para a realização desses estudos confirmou-se fenomenológica com traços existencialistas. A orientação fenomenológica está no método empregado nas pesquisas e nos pressupostos teóricos, implicando na valorização do mundo vivido, da experiência, da intencionalidade, do autoconhecimento, do antropocentrismo, da interdisciplinaridade entre as áreas de Humanidades e com as artes (HOLZER, 2016).

O geógrafo humanista Yi-Fu Tuan, um dos pioneiros da Geografia Humanista explica que a interdisciplinaridade da Geografia com as artes e outras disciplinas acadêmicas

permite “aumentar o peso do conhecimento” (TUAN, 2013, p. 247), além de romper com o reducionismo positivista de que tudo o que não pode ser transformado em dado quantificável deve ser ignorado.

Marandola Jr. e Oliveira (2009, p. 488) analisam que, segundo a compreensão de Tuan, para os humanistas, “lugar, arte e o ‘eu’ são dimensões convergentes que expressam esta indissociabilidade, vendo por diferentes ângulos a natureza da experiência e da existência humana”. Além de convergirem, imbricam-se na constituição do eu, na pausa da fruição diante da obra de arte, o que reverbera na relação desse indivíduo com o mundo, em uma espécie de “jogo de espelhos onde todos falam de cada um, revelando em sua projeção a dimensão essencial do ser-no-mundo”.

Ainda sobre o olhar da geografia para a literatura, Feitosa (2016, p.298) evidencia que, inicialmente, o interesse dos geógrafos concentrou-se na prosa realista do século XIX, em função do descritivismo “digno de tratados geográficos, voltados, muitas vezes, para o conhecimento e a compreensão das regiões, paisagens e lugares”. Ao que os geógrafos Marandola Jr. e Oliveira (2009) ressaltam que a Geografia e a História podem ser abundantemente encontradas na literatura brasileira também dos romances do século XX, graças à dedicação e genialidade de diversos escritores que também foram estudiosos e pesquisadores acerca de um vasto campo cultural, como Érico Veríssimo, Jorge Amado, Mário de Andrade, Graciliano Ramos e outros. Mas que, em diversas abordagens por geógrafos, são abordadas somente como complemento ou fonte de informações descritivas e representações espacializadas.

Para Marandola Jr. e Oliveira (2009, p. 494), somente há práticas diferenciadas sob a perspectiva da geosofia de John K. Wright, cujo foco de estudo são as *terrae incognitae* dos geógrafos, a busca pelas “terras íntimas mais incógnitas”, como explica Feitosa (2016, p. 299); e da geograficidade de Dardel (2015), que é uma proposta fenomenológica da relação do homem com a terra, a qual norteia fundamentalmente os estudo dessa vertente geográfica:

> A partir dela (e não nela) os significados, o sentido dos lugares, as identidades territoriais, os sentimentos de desterritorialização e de envolvimento com o meio, a percepção da paisagem, os sentimentos topofóbicos e topofílicos (rejeição e afeição aos lugares), além dos símbolos e metáforas de natureza espacial e telúrica tornaram-se foco do estudo geográfico de obras literárias (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2009, p. 495).

Contemporaneamente, segundo Feitosa (2016, p.298), tem havido uma ampliação da focalização, uma vez que há abordagens acerca da “dimensão subversiva, em que seja

possível identificar manifestações de resistência à hegemonia e matéria de ocupação e de práticas do espaço".

No tocante à geografia vir para complementação de estudos literários, que é a situação do presente estudo, o diálogo interdisciplinar volta-se às experiências humanas vividas no lugar pondo em contato paisagem e arte. Nesse sentido, a aproximação entre a geografia e a literatura ocorre por diferentes perspectivas, sendo, em linhas gerais, pela espacialidade (materialidade) ou pela geograficidade (imaterialidade)[3].

Para Marandola Jr. e Oliveira (2009, p. 488), a articulação Geografia-Literatura,

> Envolve aproximar duas visões de mundo que, enquanto tais, possuem suas especificidades, virtudes e limitações. Uma aproximação simplista reduziria o potencial compreensivo de uma ou de outra. Quer dizer: ler literariamente a Geografia ou ler cientificamente a Literatura, numa transposição de discursos, produziria deformações e reduções, diminuindo assim a riqueza da interação e a sua permeabilidade.

Dessa forma, o contato entre a Geografia e a Literatura exige o reconhecimento e respeito das especificidades de cada campo que se aproximam em um diálogo complementar: "O que buscamos são as marcas que a arte imprime no espaço, como também as marcas que o espaço inscreve na arte" (MARANDOLA JR., 2010, p. 15).

Nesse sentido, convém destacar que há três tendências de articulação entre a Geografia e Literatura: a primeira refere-se à elaboração do texto geográfico que "pode conter qualidades literárias"; a segunda usa o texto literário como "uma fonte para a análise geográfica" e a terceira reconhece que "a literatura pode encerrar em seu texto uma perspectiva para as pessoas vivenciarem suas visões de mundo sendo um referencial para a percepção e cognição do meio ambiente" (TUAN, 1978, p. 195 *apud* MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2009, p. 132). E, por considerar que o texto literário pode expressar a condição humana e sua existência, a abordagem interdisciplinar desenvolvida neste estudo encontra-se expressa na terceira tendência apontada por Tuan e reconhecida por Feitosa como sendo uma tendência contemporânea de abordagem por um viés de crítica social. Tal configuração analítica, de base fenomenológica, tem constituído o fulcro de estudos contemporâneos acerca do espaço, ora voltados para o verso, o texto propriamente poético, ora para a prosa, o texto marcadamente narrativo.

Desde os anos 2000, a articulação entre a Literatura e a Geografia Humanista e mesmo a Geografia Cultural tem se consolidado no Brasil a partir das atividades dos grupos

[3] Uma apresentação detalhada acerca de pesquisas geográficas realizadas com foco na espacialidade e na geograficidade sendo estudadas em obras literárias encontra-se em Marandola Jr. e Oliveira (2009).

de pesquisa “Estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa”, liderado pela Profa. Ida Ferreira Alves, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e no GEPLIT (Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Nesses grupos, conteúdos geográficos complementam a leitura de textos literários. Essa perspectiva implica em investigar analiticamente os recursos linguísticos por meio dos quais se expressam as experiências humanas *no* e *com* o espaço/lugar, de forma explicita e implicitamente, na tessitura textual. Entretanto, como advertem Alves e Feitosa (2010, p. 8), cabe ao estudioso de literatura não realizar “a mera aplicação dos textos literários a esquemas e estruturas explicativas, mas da problematização contínua [...]”, visando “revelar leituras críticas do mundo, da linguagem e dos sujeitos”.

Ao tratar de paisagem literária, Buescu (2012, p. 7) a reconhece como um constructo de criação humana a parti de um jogo de significados e sentidos entre a imanência e transcendência da existência humana:

> a paisagem literária constitui uma das mais interessantes manifestações da natureza histórica do lugar, bem assim da forma como este reflecte e configura as relações do humano com o que imagina enquanto transcendente. A paisagem é uma forma de evidência do lugar que está longe de se confinar a uma visão idílica dos seus componentes. [...] a sua fundamentação estética (e por isso histórico cultural), enquanto conceito, faz parte da sua mesma natureza, resultando num complexo feixe de relações que está bem longe daquilo que no senso comum define o carácter da paisagem como o que apenas “está aí”. Uma paisagem nunca se limita a “estar aí”. Ela constitui-se como um acontecimento que o sujeito constrói na história

Assim, a análise literária do espaço/lugar nessa perspectiva, corresponde investigar os fenômenos inscritos nas vivências dos indivíduos *com* e *no* espaço representadas na literatura. Trata-se de articular o conteúdo teórico da geografia e a visibilidade da subjetividade na ficcionalização dos fenômenos geográficos, estabelecendo, assim, a relação de confluência e de entrelaçamento entre o sujeito, o mundo e a palavra.

## **2.1 A Geografia Humanista Cultural:** um breve panorama epistemológico

A Geografia Humanista é uma vertente da ciência geográfica resultante de um longo processo de renovação e revisão epistemológicas que, a partir da base conceitual e filosófica da Geografia Cultural e da Geografia Histórica norte-americana, propõe pesquisas norteadas por valores humanísticos, tendo a fenomenologia como suporte filosófico e método, em um notório posicionamento contrário aos preceitos científicos cartesianos e positivistas,

como já referido no item 2 (CHRISTOFOLETTI, 1982; MARANDOLA JR., 2009; HOLZER, 2008, 2016).

Na década de 1970, a geografia foi marcada por um pluralismo de tendências e acirrados debates epistemológicos e metodológicos, dentre os quais havia as inovadoras pesquisas de geógrafos culturais e históricos que intencionavam focalizar a subjetividade das ações humanas.

No âmbito da Geografia Cultural, mais especificamente na obra de Carl Sauer (1925), da Escola de Berkeley, nos Estados Unidos, estão as raízes da formação da Geografia Humanista. O pesquisador se propunha a realizar estudos fenomenológicos, focalizando a relação entre o homem e o meio ambiente transformado pela ação humana em *habitat*, as chamadas "paisagens culturais".

Ao longo do século XX, as pesquisas culturais sauerianas alcançaram grande notoriedade junto à comunidade acadêmica norte-americana e internacional, favorecendo, assim, a expansão dessa vertente geográfica e a criação de cursos especializados em diversos países (HOLZER, 2016, 2008). Na atualidade, tais estudos passaram por reformulações epistemológicas, mas permanecem valorizados entre os pesquisadores de muitos países, dentre eles, Estados Unidos e Brasil (HOLZER, 2016; MARANDOLA JR., 2005).

O pioneirismo de Sauer em afirmar que a geografia "está além da ciência" (HOLZER, 2016, p. 40), a atribuição de uma base humanística e o intento fenomenológico de suas pesquisas foram de grande relevância para o surgimento da geografia humanística. De forma que, devido a tais convergências, desde os anos de 1980, há uma tendência internacional de reunir essas duas vertentes sob uma única denominação, como será explicitado ao final deste item.

Em se tratando da Geografia Histórica, destaca-se David Lowenthal que, na década de 60 do século XX, retoma a ideia de "geosofia", formulada de John Wright (1947). Segundo essa teoria, o conhecimento geográfico, além de aspectos objetivos com os quais a ciência formal se ocupa, torna-se completo ao englobar a subjetividade expressa nos elementos do inconsciente, da memória e da imaginação humana, aos quais denominou de "terras incógnitas".

Lowenthal revitaliza e aplica a teoria de Wright em seus estudos, porém não chega a definir um campo de pesquisa diferenciado, mas o emprego da fenomenologia e a valorização da subjetividade, da memória, da interdisciplinaridade e das ações humanas do cotidiano comum no campo científico fazem dele um dos pioneiros na consolidação do humanismo na geografia (HOLZER, 2008).

Contemporâneo de Lowenthal, o geógrafo Yi-Fu Tuan, por sua vez, desde o início dos anos de 1960, estudava o "lugar" inspirado no pensamento epistemológico fenomenológico de Gaston Bachelard (1957) e formula pesquisas geográficas centradas na ideia de "topofilia" encontrada em *A Poética do Espaço.* Esse temo literalmente significa "o amor pelo lugar", empregado por seu criador para designar a relação com os lugares felizes, porém, para Tuan, sua significação passou a englobar todos os laços afetivos positivos do homem pela natureza.

Anos mais tarde, os estudos humanistas de Tuan somam-se aos dos também geógrafos Anne Buttimer, Edward Relph e à contribuição crucial do pensamento de um, até então, desconhecido geógrafo francês, Eric Dardel, no tocante à ideia de "geograficidade" para a qual convergirão todos os fios teóricos já tecidos. Como explica Holzer (2014, p.291):

> A geograficidade trata do conteúdo existencial do homem com o espaço terrestre e, na medida em que o homem se apropria desse espaço, ele se torna "mundo", a partir da fixação das distâncias e das direções, onde os marcos referenciais são o corpo e a matéria onde eles se apoia, um espaço primitivo que, uma vez apropriado (experienciado, dotado de valor) pelo homem, se torna "lugar".

Assim, em 1976, com base em um aporte filosófico fenomenológico e existencialista em torno do conceito de "lugar", Tuan, representando o coletivo humanista, escreve um artigo científico em que são apresentados os fundamentos do que veio a se distinguir posteriormente como campo diferenciado ou subcampo na ciência geográfica, a Geografia Humanista.

A marca identitária humanista desse novo campo pode ser evidenciada sobretudo pela valorização de uma base filosófica fenomenológica e existencialista, o que favorece a constituição da fundamentação epistemológica de cunho ontológico necessária para uma geografia que não se restringia a questões profissionais e acadêmicas, pois os geógrafos humanistas buscavam conhecimentos que contribuíssem para instaurar uma nova ética mundial nas relações humanas e ambientais (HOLZER, 2016; TUAN, 1982, 2013).

Segundo Holzer (2008), a interface existencialista não se confirma como um aporte filosófico importante na Geografia Humanista, permanecendo implícita, ao contrário da fenomenologia, que se consolida como a principal influência filosófica nesse campo, impulsionada, principalmente, a partir da fundamentação geográfica fenomenológica obtida na obra *L´Homme et la terre: nature de la réalité géographiqu*e (1952), de Eric Dardel, que, segundo Marandola Jr. e Gratão (2003, p.9), é "considerada a fundamental e primeira de uma Geografia Humanista".

Segundo Holzer (2008, p.141), essa obra "talvez seja o único exemplar de uma autêntica geografia existencialista até hoje escrita". Mas, para o pesquisador, a principal contribuição é que nela o autor faz a oposição primordial de que os geógrafos humanistas precisavam: ele distingue fenomenologicamente o espaço geométrico - abstrato e de observação baseada em aspectos físicos e quantificáveis - do espaço geográfico, onde se encontram as implicações subjetivas da experiência do homem no mundo/lugar e que estão intimamente relacionadas com a existência humana em perspectiva individual e coletiva e, assim, ligadas, consequentemente, ao destino do homem e do meio ambiente.

O espaço geográfico com que trabalha a Geografia Humanista é, portanto, o lugar vivido, onde o homem é compreendido em uma relação orgânica com a Terra (TUAN, 2012), ou seja, em uma "relação concreta (que) liga o homem à Terra, uma 'geograficidade' (*geographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino" (DARDEL, 2015, p.2).

A fenomenologia relaciona-se diretamente com os princípios e as origens do significado e da experiência nas ideias de "mundo" e "lugar" que, na Geografia Humanista, correspondem ao par "espaço" e "lugar", sendo o lugar também reconhecido como "lugar existencial" e "mundo vivido".

Como visto, a Geografia Cultural e a Geografia Histórica se fazem presentes nas origens da Geografia Humanista e decorrentes de tal proximidade, surgem os conceitos que servirão de parâmetro para a constituição de sua fundamentação:

> o inconformismo para com a geografia cartesiana e positivista, que levava os culturalistas a se colocarem a favor de uma disciplina que estivesse "além da ciência"; a ênfase na relação do homem com o ambiente, como objeto central de estudo da geografia; a valorização de transformação da paisagem pelo homem, vinculando-o a uma paisagem cultural, a compreensão de que os fenômenos geográficos são tanto espacial quanto temporais, propiciando um deslindamento da temporalidade contida na geografia (HOLZER, 2016, p. 351).

Simultânea à escola humanista de língua inglesa (norte-americana e anglo-saxã), houve o desenvolvimento de uma escola francesa, ambas em torno de propostas humanistas para a geografia, mas que são independentes e somente tiveram maiores aproximações teóricas na década de 1980 (HOLZER, 2016).

A escola francesa, também denominada Escola do Espaço Vivido, surge no contexto da pluralidade epistemológica ligada a uma crise universitária parisiense por volta da década de 70 do século XX. No entanto, a proposta desse grupo não chega a romper com a geografia tradicional, nem possui uma base filosófica definida, mantendo-se com

epistemologia e metodologia de base estruturalista e, como sempre se manteve ligada a preceitos clássicos, tornou-se cada vez menos humanista (HOLZER, 2016). As contribuições da escola francesa para o humanismo consistem nos conceitos de "espaço vivido" e "paisagem". Segundo Holzer (2016, p. 353), os estudos da obra de Eric Dardel também têm aproximado e renovado a pesquisa que vincula as escolas norte-americana e francesa.

Acerca dos fundamentos da escola norte-americana, no artigo "*Humanistic Geography*", o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (1982) apresentou a orientação de que a Geografia Humanista não rompe com a ciência, ela amplia a visão e o alcance do estudo científico, oferecendo-lhe importantes contributos ao revelar e abordar objetos de estudo que estão além da estrutura conceitual da geografia física.

Considerado o manifesto dessa vertente científica, nesse artigo, o autor também identifica os temas que são pertinentes ao campo da Geografia Humanista: o conhecimento geográfico de território e lugar, aglomeração e privacidade, modo de vida e economia e, finalmente, religião (HOLZER, 2008). A categoria analítica, como sabemos, é o "lugar" sobre o qual incidem os "conceitos de percepção, das atitudes para com o meio ambiente, da visão de mundo ou dos valores humanos e da topofilia" (HOLZER, 2016, p. 175).

Além do lugar, as categorias "experiência", "geograficidade", "lugar-sem-lugaridade", "topofobia", "apinhamento", "espaciosidade", "exílio", "lar", "espaço" e "mundo" também são fenômenos observados nos estudos da Geografia Humanista que interessam sobremaneira a esta pesquisa e serão mais detidamente abordadas nos tópicos relativos ao pensamento dos teóricos Dardel, Tuan e Relph.

Para a geógrafa Anne Buttimer (1982), há três campos de pesquisa na pesquisa geográfica humanista: o espaço como uma reunião de lugares em cuja constituição estão as experiências de lugar do homem; o espaço social em articulação com os sistemas sociais e as redes de interação e o espaço pela percepção ambiental, voltada aos processos ecológicos propriamente ditos. Marandola Jr. (2005, p.402) analisa que é possível reconhecer o humanismo permeando os fundamentos práticos indicados pela pesquisadora aos geógrafos humanistas por meio do estudo dos valores, pois "ela resgata a importância do homem, da ética ambiental, da consciência social e da dimensão existencialista da espacialidade e da própria geografia".

Marandola Jr. e Gratão (2003) identificam que a fenomenologia, sob diferentes inspirações epistemológicas, está presente na fundamentação dos teóricos pioneiros. Tuan inspirou-se inicialmente em Bachelard, mas foi Edward Relph (1970) que introduziu a

fenomenologia no contexto de suas pesquisas como base filosófica e método a partir das teorizações do filósofo Martin Heidegger.

Relph (1970 *apud* HOLZER, 2016) explica que se a geografia for desenvolvida com base em leis e objetividade, a fenomenologia deve ser ignorada, mas se a ciência geográfica intencionar a compreensão do homem em uma visão holística e unificada com a natureza e o espaço, o aporte do método fenomenológico traz significativas contribuições.

> A fenomenologia é uma filosofia que assume que o conhecimento não existe independentemente do homem, mas tem que ser obtido pela experiência humana do mundo. A partir deste ponto de vista, o homem pode ser entendido somente por referência ao homem, e somente através das intenções e atitudes do homem. [...] O método fenomenológico é um procedimento para descrever o mundo cotidiano da experiência imediata do homem, incluindo suas ações, lembranças, fantasias e percepções; ele não é um método de análise ou prévias explicação de qualquer mundo objetivo ou racional através do desenvolvimento de hipóteses e teorias (RELPH, 1970, p.193-195 *apud* HOLZER, 2016, p.144)

No artigo *Grasping the Dynamism of Lifeworld* (1982), Buttimer discute a relação entre a fenomenologia e a geografia como a incorporação das noções de "mundo vivido" e de intencionalidade, provenientes da fenomenologia existencialista. Ao tratar da adaptação do método fenomenológico às pesquisas no campo humanístico que investigam o "mundo vivido" pela experiência, ela conclui que esses fenômenos extrapolam o alcance da compreensão cognitiva e do conhecimento intelectual, estando "no espírito do propósito fenomenológico" a direção para a realização de tais investigações e que, nesse contexto, "não deveria haver nenhum conflito inevitável entre os modos de ser e os modos de conhecer" (BUTTIMER,1982, p. 172).

Assim, para que a Geografia Humanista atendesse a seu propósito principal de estudar as relações do homem com o meio, a disciplina terminou por sintetizar contribuições filosóficas da fenomenologia e do existencialismo: "valorização do mundo vivido (*lebenswelt*), da experiência, de intencionalidade humana, do autoconhecimento, das Humanidades, da interdisciplinaridade e do antropocentrismo" (HOLZER, 2016, p.175)

No tocante à introdução dos estudos geográficos humanistas no Brasil, consta que se deu por iniciativa da professora Lívia de Oliveira, também na década de 1970, sob influência do movimento do grupo norte-americano. Entretanto, na universidade brasileira, a realização de pesquisas geográficas voltadas a fenômenos imateriais obteve avanços no aprofundamento teórico, mas não alcançou a mesma expressão que em outros países (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2003). Em 2009, o pesquisador Eduardo Marandola Jr.

identificou que a produção brasileira de pesquisas humanistas e culturais em Geografia tem sido mais expressiva e difundida desde os anos 2000.

Acerca da tendência internacional de reunião das Geografias Humanista e Geografia Cultural em uma terminologia única desde os anos de 1980, o que se justifica sobretudo pelas semelhanças entre as duas correntes científicas, Marandola Jr. (2005, p. 411 - 412) e Holzer (2016) identificam que os principais aspectos divergentes entre esses campos de pesquisa são a escala (individual e coletiva) e o valor (humanismo e cultura), focalizados nos estudos de cada vertente. Para ambos, o elo que poderia reunir (não sintetizar!) a abordagem cultural (Geografia Cultural) e o humanismo (Geografia Humanista) deveria conceber que

> não é apenas devido à subjetividade humana, tampouco devido somente à cultura. A resposta está exatamente no encontro destas duas dimensões [...] (pois) estudar como as pessoas vivem seus espaços existenciais sem considerar a cultura em que estão imersos, é uma tarefa tão difícil quanto estudar a coletividade sem considerar a dinâmica nos indivíduos (MARANDOLA JR., 2005, p. 411).

Na prática acadêmica a distinção entre essas áreas é muito tênue e por vezes ignorada, pois "autores conhecidos como de uma abordagem são utilizados amplamente pela outra, assim como congressos e simpósios dedicados a uma corrente conta com a presença de autores de ambas" (MARANDOLA JR., 2009, p. 411).

Em consonância com tal constatação, Feitosa (2016, p. 303), pesquisadora da arte literária, em cujos estudos e nos de seus alunos de graduação e de pós-graduação, nos últimos onze anos, tem incentivado o diálogo interdisciplinar com a Geografia, afirma que a intensa proximidade entre as correntes dos estudos geográficos "promoveu uma nova identidade a esse campo disciplinar: a Geografia Humanista Cultural, com uma mundividência de temas a serem trazidos à baila sob o viés do método fenomenológico."

Essa terminologia é empregada também na identificação do "Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural", da Universidade Federal Fluminense, fundado em 2008 e coordenado pelos Profs. Werther Holzer (UFF) e Lívia de Oliveira (UNESP – Rio Claro), voltados para a linha de pesquisa Epistemologia e Metodologia da Geografia Humanista Cultural.

### 2.1.1 Eric Dardel e o fenômeno da geograficidade

O estudo de Eric Dardel (1899-1967) sobre o fenômeno da geograficidade, apresentado em seu livro *L'Homme et la Terre: Nature de la Realité* Géographique[4] (1952), é

[4] Traduzido em português como *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica* (2015).

reconhecido como um marco na formação epistemológica da Geografia Humanista no século XX (HOLZER, 2015). Apesar de seu conteúdo dialogar diretamente com as propostas vanguardistas do movimento geográfico humanista do período em que fora produzido, a obra esteve no anonimato por décadas, talvez por ter sido produzida fora do contexto universitário francês ou devido ao fato de seu autor ter sido um doutor, mas que era professor de história e geografia de liceus (correspondente ao ensino médio no Brasil). De qualquer forma, a teoria de Dardel somente alcançou a notoriedade devida a partir da tradução para o italiano em 1986 (MARANDOLA JR., 2015, p. XI).

Nessa obra, o geógrafo francês defende a superação dos moldes e preceitos positivistas pela geografia. Associando-a à filosofia, propõe o estudo da experiência entre o homem e o meio com suporte da fenomenologia existencialista, sobretudo de Gaston Bachelard e Martin Heidegger (MARANDOLA JR., 2015). Suas teorizações sobre um espaço primitivo a partir do qual se constituem as categorias de lugar e paisagem têm servido de base para os estudos sobre essas categorias entre os geógrafos da escola norte-americana desde década de 60 do século XX até a atualidade. Para Holzer (2008), a tese de doutoramento de Relph e os textos de Tuan, ambos da década de 1970, demonstram que eles se fundamentaram também nas ideias de Dardel.

Dessa forma, os conceitos das principais categorias ou fenômenos estudados pela Geografia Humanista, dentre eles o de "lugar" como o primordial, têm o pensamento de Eric Dardel como referência basilar. Tal como se refere o pesquisador de Geografia Humanista, Holzer (2014, p. 282):

> [...] "lugar" será referenciado ao aporte fenomenológico como apropriado pelos geógrafos humanistas, ou seja, o "lugar" que trata da experiência intersubjetiva de espaço (mundo) em seus fundamentos, quais sejam, distâncias e direções a serem vencidas, fisicamente ou na imaginação, sobre um determinado suporte que podemos chamar de "espaço geográfico", constituindo-se a partir das vivências cotidianas como um centro de significados, como um intervalo, onde experimentamos intensamente o que pode ser denominado de geograficidade, como proposta por Dardel.

O conceito aglutina conceitos já organizados pelos geógrafos, abrangendo três pontos muito relevantes ao contexto geográfico humanista e que contribuem para as análises literárias a serem empreendidas por este estudo: experiência intersubjetiva de espaço (mundo), espaço geográfico e geograficidade.

Como já referido no item 2.1, Eric Dardel sistematizou a distinção entre os espaços geométrico e geográfico:

> O espaço geométrico é homogêneo, uniforme, neutro. [...] o espaço geográfico é feito de espaços diferenciados. O relevo, o céu, a flora, a mão do homem dá a cada lugar uma singularidade em seu aspecto. O espaço geográfico é único; ele tem *nome próprio: Paris, Champagne, Saara, Mediterrâneo.*
> A geometria opera sobre um espaço abstrato, vazio de todo conteúdo, disponível para todas as combinações. O espaço geográfico tem um horizonte, uma modelagem, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: Ele limita e resiste (DARDEL, 2015, p. 2, grifos do autor).

Nessa concepção, tem-se o espaço geométrico em que são considerados os aspectos físicos, quantificáveis e morfológicos, descritivos de forma impessoal, reunidos pela denominação de espacialidade, portanto um espaço "desprovido de qualquer concretude existencialista" (HOLZER, 2015, p. 146). Em contraposição, o espaço geográfico se constitui pela perspectiva da subjetividade presente na experiência humana da qual emana um valor, um elo entre o ser humano e o meio, uma relação ou ligação, pessoal e intersubjetiva, chamada geograficidade. Este é o espaço que interessa à literatura, o espaço que adquire significado a partir das vivências humanas que são intermediadas além da razão, mas também pela subjetividade, na qual a imaginação também é um aspecto significativo, "uma potência humana", segundo Bachelard (2008).

A ideia de experiência intersubjetiva de espaço, que corresponde a "mundo" na linguagem empregada pelos fenomenólogos, liga-se diretamente à experiência humana íntima de espaço que o torna "existencial" ou "vivido". E como o ser humano é integrante de um meio cultural, essa experiência, além de pessoal, é também intersubjetiva, ou seja, transita no imaginário dos membros do grupo. Essa teoria foi explorada por Edward Relph a partir da ideia de geograficidade dardeliana (HOLZER, 2015).

Portanto, em sua visão assumidamente antropocêntrica, fenomenológica e existencialista, o autor opõe ao estudo geográfico positivista vigente - voltado exclusivamente ao mundo exterior dos aspectos visíveis, quantificáveis, medidos - o estudo geográfico, centrado no interior humano e no espaço concreto, vivido, experimentado no cotidiano da vida humana no mundo e no elo do homem com a Terra e com a terra natal.

Para Dardel (2015, p. 6), "entre o Homem e a Terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser", elos afetivos que a ciência positivista cartesiana desconsidera, mas que o estudioso humanista valoriza por serem elementos dotados de significação da existência humana, assim, a geograficidade é um conceito central para estudos que visem focalizar a relação do homem com o espaço e com o lugar/mundo vivido.

O marco referencial do conhecimento geográfico para o autor francês é o corpo humano e as vivências no espaço considerado primitivo que, em decorrência de tais vivências,

torna-se lugar repleto de significados. A título de exemplificação, pode-se citar um trecho em que Dardel (2015, p. 8) explica que "mesmo o silêncio ou a desolação, é também uma realidade do espaço geográfico, uma realidade que oprime uma realidade que exclui". Na relação humana no espaço, há sempre percepção porque é dessa interiorização que os valores (sentimentos e sensações) surgirão, podendo ser positivos ou negativos.

Nesse sentido, na teoria do geógrafo francês, a paisagem é uma organização espacial humana, não como uma justaposição de elementos físicos e culturais manifestos em sua exterioridade, mas um fenômeno que está em torno e com a participação do homem, um constructo cultural a partir da geograficidade.

> Paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma impressão que une todos os elementos [...] de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida, ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar [...] Paisagem não é círculo fechado, mas um desdobramento (DARDEL, 2015, p. 31-32).

Jean Marc Besse, filósofo e pesquisador francês, considerando o pensamento de Dardel acerca de paisagem, destaca que

> não há paisagem sem profundidade [...]. A profundidade da paisagem é a existência. [...] a paisagem é expressão, e, mais precisamente, expressão da existência. Ela é portadora de um sentido, porque ela é a marca espacial do encontro entre a Terra e o projeto humano. A paisagem é essencialmente mais *mundo* do que *natureza*, ela é o mundo humano, a *cultura* como encontro da liberdade humana com o lugar do seu desenvolvimento: a Terra (BESSE, 2014, p.92, grifos do autor).

Na paisagem, por inspiração do pensamento fenomenológico de Heidegger, sujeito e objeto estão presentes de forma inseparável, pois paisagem é a "manifestação do movimento interno do mundo [...], compreender a paisagem é 'ser-na-paisagem', está 'no ser'; é ser atravessado por ela" (BESSE, 2015, p. 119).

Dessa forma, o autor analisa que a situação humana vivida no espaço/mundo extravasa a concretude e interliga-se a sentidos de outros domínios da existência humana pelo elo da geograficidade. A situação de um indivíduo está diretamente ligada ao seu lugar, onde possui "um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo ao lugar de sua existência". Estar perdido "é se ver desprovido de seu 'lugar', rebaixado de sua posição 'eminente', [...] reduzido à importância e à imobilidade". Assim, a geografia, sem abandonar os aspectos concretos, mas partindo deles, permite que seja feita uma leitura dos "movimentos interiores do ser humano" (DARDEL, 2015, p. 14).

No estudo de Dardel (2015), o espaço material aparece decomposto em cinco espaços com base em elementos/aspectos que não seguem os princípios científicos objetivos, mas que certamente, em sua visão, permitiram uma abordagem fenomenológica da geograficidade:

> [...] telúrico, responsável pelas noções de espessura, solidez e plasticidade; aquático, que coloca o espaço em movimento e fixa os limites que os circundam; aéreo, elemento invisível, porém presente, ao mesmo tempo permanente e mutante. O espaço construído também é considerado e, além dele, a paisagem. Esta, segundo Dardel, uma categoria espacial multifacetada, que deve ser considerada em seu conjunto [...] (HOLZER, 2015, p. 147).

Vê-se que Dardel, assim como todo o conjunto do pensamento da Geografia Humanista, não rejeita a ciência, mas o reducionismo científico racionalista, pois defende que ao conhecimento científico racionalizado do espaço, ou seja, a espacialidade, seja acrescida a "observação pessoal e poética" (HOLZER, 2016, p. 71), tal qual ele próprio fez em sua obra.

### 2.1.2 Gaston Bachelard e a intimidade do espaço poético

> *"As palavras [...] são casinhas com porão e sótão. [...] Subir a escada na casa da palavra é, de degrau em degrau, abstrair. [...] Subir e descer nas próprias palavras é a vida do poeta".*
>
> (Gaston Bachelard)

O filósofo epistemólogo francês Gaston Bachelard (1884-1962) foi um notório professor das Universidades de Dijon e Sourbonne, reconhecido pela originalidade de suas ideias e por seu espírito livre e profundo. No conjunto de sua obra, há uma evidente crítica ao paradigma positivista no século XX, em que não nega a existência e a importância da razão, mas suscita uma reavaliação do racionalismo e da objetividade científica como os únicos preceitos válidos para a ciência.

Sendo claramente contrário ao reducionismo científico e com um ponto de vista antropocêntrico, em vários estudos, ele aproxima ciência e arte interdisciplinarmente por meio da abordagem fenomenológica de textos poéticos (literários) em busca das imagens que expressem a subjetividade humana, apoiando-se na filosofia e na psicologia. Assim, ele "recupera a imaginação, realocando-a ao lado da razão, colocando ciência e poesia em dois eixos complementares, e não auto excludentes como foi posto pela ciência moderna" (MARANDOLA JR., 2005, p. 400).

A esta pesquisa interessa principalmente o estudo desenvolvido em *A poética do espaço* (2008), mas complementarmente serão suscitadas ideias de *A Terra e os Devaneios do*

*Repouso*: ensaio sobre as imagens da intimidade (2003) e *A água e os sonhos*: ensaio sobre a imaginação da matéria (1997).

A partir da análise do espaço poético, o autor realiza um estudo fenomenológico da imaginação, aqui concebida como a capacidade de produzir imagens, sendo, por isso, "uma potência maior da natureza humana" (BACHELARD, 2008, p.18). Na imaginação, há "o sujeito transportado às coisas. As imagens trazem a marca do sujeito" (BACHELARD, 2003, p. 2), de forma que os traços da subjetividade humana estão expressos nas imagens criadas pelo homem. Ao que convém acrescentar a distinção que o filósofo faz entre metáfora e imagem. A metáfora "vem dar um corpo concreto a uma impressão difícil de exprimir", é uma transposição de uma ideia inerente. Enquanto a imagem, ao contrário, é criação da "imaginação absoluta, extrai todo o seu ser da imaginação". Fenomenologicamente, a imagem é o que interessa porque ela é pura, é um fenômeno em si mesma e a metáfora é uma "imagem fabricada" (BACHELARD, 2008, p. 87-88).

Nesse sentido, o autor caracteriza que a imagem poética não é causada por impulsos do passado, como afirmam os psicólogos e psicanalistas, mas "tem um ser próprio, um dinamismo próprio. Procede de uma ontologia direta. É com essa ontologia que desejamos trabalhar" (BACHELARD, 2008, p. 2-4). Ela não é constitutiva como um conceito, não é uma lembrança, ela é variacional, como uma experiência ingênua que exige muito dos fenomenólogos (BACHELARD, 2008). E estudá-la filosoficamente exige uma fenomenologia da imaginação, [que] "seria um estudo do fenômeno da imagem poética quando a imagem emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma do ser tomando e sua atualidade" (BACHELARD, 2008, p. 2).

A obra suscita o diálogo interdisciplinar entre a Literatura, a Filosofia e a Psicologia acerca do texto poético. O autor indica as condutas que não servirão ao estudo proposto, sendo a valorização da causalidade por psicólogos e psicanalistas e a severidade das leituras feitas pelo crítico literário que torna técnico o que é artístico. E, por fim, a reflexão filosófica que, por se voltar às grandes complexidades de temas universais, deixa de lado o valor que está na simplicidade das pequenas insurgências.

Assim, para Bachelard (2008, p.16), a leitura de um texto literário deve ser compreendida como uma experiência individual, imprevisível, uma vez que o significado não está preso em relações causais, nem atrelado a bases teóricas, a arte deve ser tomada com autonomia, considerada "um novo ponto de partida", "uma novidade".

O autor afirma que todas essas ideias introdutórias serão examinadas/ submetidas à verificação, através da análise de "imagens bem simples, as imagens do espaço feliz", ao

que ele denomina de "*topofilia*" (BACHELARD, 2008, p.19). O interesse do filósofo por esses espaços está na intenção de provar que o homem não é um ser puramente racional, sua percepção é afetada pela subjetividade, "a imaginação aumenta os valores da realidade humana" (BACHELARD, 2008, p. 23). Ele reconhece que, por serem espaços amados, louvados, são também defendidos e com eles o homem estabelece elos afetivos de proteção e, sobretudo, valores imaginados que se projetam e tornam-se preponderantes na relação entre tais espaços e o homem. Assim, com a ideia de que a percepção humana dos espaços/lugares se liga diretamente à imaginação e à subjetividade humanas, a fenomenologia do espaço de Bachelard ofereceu uma nova perspectiva de abordagem para o geógrafo Tuan nos anos de 1960.

*A poética do espaço* é considerada um rico tratado a respeito dos valores de intimidade do espaço interior humano expressos nas imagens encontradas nos textos literários, interessando a este estudo, especificamente, a abordagem que Bachelard faz do espaço íntimo da casa. O autor afirma que a casa é o primeiro universo do ser humano, servindo-lhe de abrigo primordial, sendo, assim, o seu lugar no mundo. Ela o acolhe, dá estabilidade e conforto e favorece que vivencie o devaneio e o sonho, aproveitando a solidão com segurança:

> [...] a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação e devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes [...] Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através da das tempestades do céu e da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano [...]. A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa (BACHELARD, 2008, p. 26).

Além do devaneio e do sonho, como arcabouço de objetos e referências a pessoas e acontecimentos do tempo atual e do passado, a casa reúne temporalizações que se interpõem, se entrecruzam, favorecendo a recordação por meio da memória.

Para o autor, a casa é um ser privilegiado em termos de valor de intimidade do espaço interior, pois integra todos os valores particulares em um fundamental, o habitar. Possuindo ampla carga simbólica, a imagem da casa engloba uma pluralidade de significados que ultrapassam sua imagem como concebida na paisagem humana no mundo social.

Esse lugar constitui-se, assim, como um conceito espacial, físico, social e simbólico, lugar onde a presença humana pode provocar tanto a configuração de relações de afeto quanto de poder. Nesse contexto, ressalta-se que, nos estudos de Bachelard sobre espaço poético, encontra-se implicada, fundamentalmente, a articulação entre memória e imaginação,

por meio da qual se pode explorar a plasticidade simbólica de imagens espaciais arquetípicas que, segundo o autor, comvem a percepção e a expressão humana em graus de pofundidade imensuráveis.

Além das imagens da casa em si, são abordadas as imagens do porão, do sótão e o sentido da cabana. Ele destaca que é sempre a primeira casa que permanece marcada no inconsciente humano e que há duas formas de imaginá-la verticalmente e centralizadamente. Na perspectiva da verticalidade, há, em um extremo, o sótão e, na outra extremidade, o porão. Em ambos, o homem enfrenta o medo, mas, no sótão, ele está mais perto das nuvens, da racionalidade, logo sua mente vai gerar imagens claras. Na localidade oposta, no porão (inconsciente), há a ideia do medo que não se dissipa, permanece, porque "o inconsciente não se civiliza" (BACHELARD, 2008, p. 38).

Ao imaginar a casa na centralidade, tem-se o sentido da cabana, a qual encerra em si a ideia de intimidade, refúgio, simplicidade, primitividade, aconchego, solidão que favorecem a espiritualidade do homem, como também é o lugar onde lembranças viram lendas.

Outra imagem é a casa perante o universo. O autor firma que a casa, como centro do universo, também ocupa um lugar central no devaneio e nele exerce função protetiva de duas formas: ela não luta, somente acolhe e protege como uma mãe que acolhe o filho, resguardando-o da hostilidade, da "frieza" do mundo. Outra possibilidade é que a casa luta contra o universo. Da imagem da casa contra uma tempestade advém a ideia da mãe que protege seu filho contra a agressividade do mundo, representada pela imagem da tempestade. Do momento posterior a essa luta, decorrem as sensações de heroísmo, segurança e habitar em paz com tranquilidade.

Segue-se para a oposição entre a casa natal e a casa sonhada, que seria a última morada. Nessa casa caberiam todo o conforto, a solidez e a comodidade não encontrados na primeira. Já a habitação final é planejada, concreta, definitiva, mas também é mais triste, pois a realidade impede o devaneio do homem que não encontra mais razões para sonhar. Com esse pensamento, o autor propõe um estudo que designa pelo neologismo de "ritmanálise do habitar" e que consiste em analisar o aspecto valorativo dos espaços em relação aos ritmos da vida, o que pode ser compreendido como valorizar os pequenos ritmos da vida, preocupar-se mais em ser e menos em ter: mesmo no habitar um castelo, pode haver a sensação de simplicidade e a intimidade de uma cabana.

Na fenomenologia bachelardiana voltada ao espaço poético, o interior e o exterior vividos pela imaginação não são simples espaços opostos, a dialética entre eles se multiplica

em muitas matizes. Ambos são íntimos e as hostilidades podem se inverter. Como sintetiza o teórico: "O ser é sucessivamente condensação que se dispersa explodindo e dispersão que se reflui para um centro" (BACHELARD, 2008, p. 219). E o espaço "[...] apenas um 'horrível exterior-interior'" (BACHELARD, 2008, p. 221).

Ao tratar do habitar na concha, o fenomenólogo analisa a vida sendo reconstruída em torno de si mesma, como uma proteção em relação ao mundo, um certo ensimesmamento. A imagem do molusco sugere o ser frágil que produz a dureza da concha para sua proteção do mundo e da vida solitária do homem que vive a imagem da concha. Mas isso difere do sonho de morar sozinho que, segundo o autor, está em todos os seres humanos, o que pode ser a imagem de viver em sua própria concha. O habitar na concha reflete também o fortalecimento ou fragilização humana perante os acontecimentos da vida, pois a "a casa que cresce na medida exata de seu hóspede [...]" (BACHELARD, 2008, p. 129). Essa ideia de recolhimento é retomada ao abordar o canto como reclusão, silêncio, imobilidade, assim como defesa e segurança.

Considerando os fundamentos da abordagem do espaço realizada por Bachelard e o que explicita o geógrafo fenomenólogo Eric Dardel no trecho a seguir:

> De uma substância ela (imaginação) faz imediatamente um valor. As imagens materiais transcendem, portanto, de imediato as sensações. As imagens da forma e da cor podem muito bem ser sensações transformadas. As imagens materiais nos envolvem em uma afetividade mais profunda, por isso se enraízam nas camadas mais profundas do inconsciente. As imagens materiais substancializam um *interesse* (DARDEL, 2003, p. 3, grifo do autor).

Nota-se que, de uma forma geral, as abordagens fenomenológicas do espaço nas propostas dos geógrafos humanistas, aglutinadas/sintetizadas em torno da ideia de geograficidade, conforme vem sendo exposto ao longo deste capítulo, receberam grande influência do pensamento de Bachelard.

### 2.1.3 Yi-Fu Tuan e a valoração da experiência

O geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (1930) é figura central no âmbito da Geografia Humanista, tendo sido um dos pioneiros na realização dos estudos e na organização dessa vertente da ciência geográfica. No contexto de sua produção teórica, serão aqui focalizadas as categorias espaço e lugar, os aspectos primordiais de seus estudos acadêmicos, como se encontra em *Espaço e lugar*: *a perspectiva da experiência* (2013). Nessa obra, Tuan expõe a consolidação das pesquisas que desenvolvia desde os anos de 1960, sobre as quais já

havia feito importantes publicações, como *Topofilia*: *um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (2012), na qual expõe pressupostos a respeito das atitudes humanas em relação ao meio ambiente, fundamentando-se interdisciplinarmente na teoria do desenvolvimento da aprendizagem de Jean Piaget e na fenomenologia de Bachelard.

Em *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (2013), as análises dos temas elencados vão delineando o espaço e o lugar em relação à experiência humana, o termo central do referido estudo.

Espaço e lugar são categorias intrinsicamente ligadas às experiências humanas, pois o lugar se constitui à medida que as vivências no espaço originam valores: "O que começa como espaço indiferenciado transforma-se me lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor" (TUAN, 2013, p. 14). Nota-se, portanto, que espaço é abstrato e lugar é concreto, possui significação. Tuan define que se trata de uma perspectiva experiencial, pois o valor é gerado pela experiência. "Um objeto ou lugar atinge realidade concreta (tem valor e significado) quando nossa experiência com ele é total, isto é, mediante todos os sentidos, como também com mente ativa e reflexiva" (TUAN, 2013, p. 29).

Para Tuan (2013, p. 240), a experiência de lugar é como uma pausa em um fluxo de movimento, que pode ser associado ao espaço. Nesse sentido, ele explica que "leva-se tempo para sentir afeição por um lugar, a qualidade e a intensidade da experiência é mais importante do que a simples duração para se construir um lugar".

Sendo um neologismo criado por Bachelard, em sua obra *A poética do espaço* (2008), como definição de estudo dos espaços amados, felizes, Tuan (2012) emprega o termo "topofilia" para nomear todos laços afetivos de identificação e amor por um lugar. Segundo o pesquisador, ele é "difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal" (TUAN, 2012, p. 19), pois a topofilia se origina na vivência humana no lugar. O sentimento topofílico normalmente não é a mais intensa emoção humana, excepcionalmente pode deter um grande valor se "o lugar ou o ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como símbolo" (TUAN, 2012, p.136).

Em contraposição à ideia de topofilia, convencionou-se empregar o termo "topofobia" para denominar a intensa aversão a um lugar. Segundo Oliveira (2014, p. 12), "conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofílico ou topofóbico".

Além das experiências espaciais já abordadas, há as sensações antitéticas de espaciosidade e apinhamento. A primeira está relacionada à sensação de bem-estar, de amplitude espacial; já a segunda, de desconforto, privação da sensação de liberdade e movimento, opressão (TUAN, 2013). Espaciosidade está intrinsecamente associada à

sensação de liberdade, que implica em espaço, em possiblidades suficientes para ação e deslocamentos necessários ao viver. Tanto deslocamento quanto liberdade possuem níveis e significados variados e, nesse contexto, a ideia é poder ir além de uma condição presente. Tuan ressalta que a imobilidade humana compromete a percepção até das ideias simples do espaço abstrato, uma vez que dependem da vivência direta do espaço por meio do movimento.

Elas se constituem tendo por base o aspecto da densidade, porém o espaço amplo com baixa densidade nem sempre significa espaciosidade. Por exemplo, um jovem do campo que mora em uma área rural com amplos espaços, porém se sente impelido a se mudar devido à falta de emprego, estrutura de ensino etc. Da mesma forma, alta densidade não é necessariamente apinhamento, como o caso de se sentir confortável em multidões, como em shows e eventos com amigos. Espaciosidade e apinhamento têm, portanto, significados e condições específicas em que se imbricam experiências e cultura (TUAN, 2013).

A presença das outras pessoas é considerada o principal fator de apinhamento, pois

> A companhia de seres humanos - mesmo de uma única pessoa - produz uma diminuição do espaço e ameaça a liberdade [...] são basicamente as pessoas que nos apinham; elas, mais do que as coisas, podem restringir nossa liberdade e nos privar de espaço. [...] No entanto, as coisas têm e apenas na medida em que as pessoas as dotam com características animadas ou humanas. Os seres humanos possuem naturalmente esse poder. [...] O apinhamento é uma condição conhecida de todos, num ou noutro momento. As pessoas vivem em sociedade. [...] Uma sensação de apinhamento pode aparecer sob condições altamente variadas e em diferentes escalas (TUAN, 2013, p.78 -79).

Estar sendo observado ou tendo atividades conflitantes para realizar em um espaço podem desencadear apinhamento. Esses fatores são variáveis em condições e intensidade, tal é que as pessoas podem se familiarizar com moradias apinhadas, a ponto de esses ambientes favorecerem a afetividade por meio da solidariedade, partilha de coisas e pessoas - ações de “calor humano indiscriminado e gregário” (TUAN, 2013, p. 84-85).

Ao abordar as experiências íntimas com lugar, o autor cita a afirmação de Santo Agostinho de que “o valor do lugar dependia da relação de intimidade de uma relação humana particular” (TUAN, 2013, p. 172); afirma que ausência de determinada pessoa estimada, objetos e até o lugar podem perder o significado, causando irritação ou tristeza. Lugares íntimos, portanto, se constituem, pelo contato verdadeiro entre as pessoas, como dependem do vínculo afetivo, dependem da ocasião e da imaginação, por isso são transitórios e pessoais, mas que podem permanecer gravados na memória e serem lembrados e revividos.

Tuan (2013) destaca que essas experiências íntimas são difíceis de comunicar, mas permanecem guardadas tão profundamente que, muitas vezes, a pessoa não tem consciência delas, mas que, em face de terminado estímulo, podem vir à superfície da consciência; palavras, elementos sensoriais (sons, música, odores, sabores, imagens) e os objetos são frequentes gatilhos desencadeadores dessas sensações.

As experiências íntimas e aconchegantes de acolhimento, proteção, segurança, recuperação de convalescências, conhecimento e partilha de detalhes da vida com outras pessoas constituem uma afeição tão intensa e duradoura pelo lugar que ele recebe a denominação de lar. É essa relação de qualidade e não necessariamente a de moradia que define o lar. O lar é um lugar íntimo e a casa, como lugar da vivência da intimidade banal cotidiana, com seus objetos comuns amplamente conhecidos pelo uso, repleta de trocas afetivas e marcas de acontecimentos, pode ser dotada de afetividade e valor tão intensos a ponto de ser um lar.

No capítulo em que aborda afeição pela pátria, Tuan (2013, p. 183) afirma que "o lugar existe em escalas diferentes", pois da mesma forma que a casa ou um parte dela pode ser um lugar para uma pessoa, uma localidade, a cidade, a pátria, assim como a Terra também podem ser considerados lugares, a partir do contexto que está sendo vivenciado, como a experiência limite de um indivíduo encontrar-se impositivamente afastado de seu mundo conhecido. Esse banimento desencadeará a visão da pátria como o lugar perdido. De forma que o exílio era considerado o pior dos castigos impostos a uma pessoa ou família na antiguidade, pois a terra e a religião eram intimamente ligadas por um pacto exclusivo de devoção e proteção, logo, afastar-se da terra não era somente separar-se das propriedades ou dos meios de subsistência, mas implicava em estar desprotegido em solo estranho.

Os estudos desse geógrafo apontam que o profundo sentimento pela pátria é um fenômeno mundial que tem permanecido ao longo da trajetória da humanidade, embora sob diversas configurações.

> (A afeição pela pátria) não está limitada a nenhuma cultura e economia em especial. É conhecida de povos letrados e pré-letrados, de caçadores-coletores e agricultores sedentários, assim como dos habitantes da cidade. A cidade ou terra é vista como mãe nutriz; o lugar é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspiram o presente. O lugar é permanente e por isso tranquiliza o homem, que vê fraqueza em si mesmo e chance e movimento em toda parte (TUAN, 2013, p. 189).

Assim, uma outra importante categoria de experiência do lugar a ser considerada é a de exílio. O qual é tradicionalmente ligado à ideia de pátria e, portanto, de nacionalismo,

uma vez que se refere à exclusão ou privação do indivíduo em relação ao convívio com sua comunidade de pertencimento.

Até esse ponto, as experiências de lugar aqui referidas foram centradas no sujeito e no lugar/espaço, porém o tempo é um importante elemento nesse contexto experiencial. Tuan (2013, p.161) explica que "espaço e tempo coexistem, mesclam-se nas experiências humanas. Assim, toda atividade gera uma estrutura espaciotemporal especial [...]" e, ainda, que "os acontecimentos simples podem, com o tempo, transformarem-se em um sentimento profundo pelo lugar" (TUAN, 2013, p.175). O que implica fundamentalmente em associar as experiências de espaço a uma localização temporal e, consequentemente, as memórias às experiências de lugar. Eis o ponto de entrada para um importante aspecto inserido na configuração da experiência de lugar dos anciãos: o embricamento da memória nas relações espaciais.

"Os objetos seguram o tempo", afirma categoricamente Tuan (2013, p.228). Eles desencadeiam a sensação de pertencimento ao lugar também por meio da memória. A ausência de tal ligação pode enfraquecer a relação da experiência de lugar ao nível de o local se tornar um espaço, sem geograficidade. Assim como na esfera pública gestores e a população decidem sobre a preservação de monumentos e espaços públicos por razões estéticas, morais e para o aumento da confiança, no âmbito privado, o ser humano também deseja preservar os objetos de valor pessoal, aquilo que materialmente relaciona-se às ideias, fatos ou sentimentos que deseja afirmar, o que é tangível para apoiar sua identidade.

Esses são alguns pressupostos de Tuan (2013) que fundamentam a instigante busca por uma compreensão mais ampla a respeito das formas como o ser humano constrói suas experiências no espaço e o transforma em lugar, em uma ação total de mente, sentidos, sentimentos, cultura e imaginação.

### 2.1.4 Edward Relph e a perspectiva do lugar

Tendo integrado o coletivo pioneiro de geógrafos que organizou e deflagrou os estudos da Geografia Humanista no contexto norte-americano, na década de 1970, o canadense Edward Relph, desde então, tem privilegiado a realização de estudos voltados ao "lugar" como fenômeno de experiência vivida. Os quarenta anos que Edward Relph tem dedicado ao estudo do lugar permitiram que o pesquisador acompanhasse a trajetória e as transformações dessa categoria como fenômeno que reflete o mundo vivido dos indivíduos, grupos e da humanidade, em uma perspectiva global.

No âmago do percurso da geografia humanista está a evolução da concepção de lugar. Partindo da condição de um conceito autoevidente, compreendido apenas como uma locação ou a localização de um ponto no espaço até meados dos anos de 1970, o lugar se tornou uma categoria central para estudos, debates e políticas ligadas à condição existencial humana (HOLZER, 2014; RELPH, 2014). Os estudos que vislumbravam concebê-lo como fenômeno da experiência se valem da ruptura da hegemonia da lógica cartesiana na ciência newtoniana, que o reduzia à perspectiva geométrica, e saem da obscuridade. Essas iniciativas ganham robustez com a fundamentação filosófica fenomenológica e, através da senda aberta pela ideia de geograficidade desenvolvida por Dardel, o lugar torna-se um aspecto central na relação do ser humano com o espaço terrestre sob a abordagem humanista e cultural.

O pesquisador revela que, sobretudo a partir dos anos de 1990, o interesse sobre o lugar se ampliou para muito além do campo dos estudos geográficos. Ele tem sido objeto de estudo em diversas áreas acadêmicas que lhe eram indiferentes, servindo-lhes como meio de confrontar as concepções universalistas advindas da modernidade e favorecer a promoção de valores contemporâneos, uma vez que *lugar* promove visibilidade da diferença e da diversidade.

Assim como Tuan, Relph adota a perspectiva fenomenológica humanista experiencial teorizada por Dardel, de forma que seus estudos também trazem a concepção de espaço geográfico centrado na ligação do homem com o espaço terrestre. Por esse prisma, na realidade geográfica humana, há uma escala crescente de ligação íntima do homem com o meio, o qual vai progressivamente sendo dotado de sentido e valor à medida que as experiências são vivenciadas, passando de um espaço primitivo que sendo vais sendo explorado e dominado, tornando um mundo conhecido até que as ligações se tornem íntimas e existenciais e se constitua o *lugar*.

No ensaio intitulado “Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de Lugar” (2014), o pesquisador reúne sucintamente seus pensamentos e ideias desenvolvidos nas últimas quatro décadas, assim como suas inquietações para investigações futuras. Dentre os aspectos abordados, aqui serão focalizadas as implicações acerca de lugar, lugaridade e lar.

Na perspectiva fenomenológica de Relph, o lugar insere-se no contexto de “mundo vivido”, pois é a experiência da vida cotidiana do ser humano no mundo. Assim, o fenômeno “mundo vivido” equivale a espaço existencial, ambos se definem como “a estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural [...]”. Ele está ligado à individualidade e à coletividade humana, inseridas em um contexto cultural e histórico, de forma que o espaço/mundo vivido é

fenomenológico e "intersubjetivo e, portanto, permeia todos os membros do grupo, pois todos foram socializados de acordo com o conjunto de experiências, signos e símbolos" (RELPH, 1976, p.12 *apud* HOLZER, 2015, p.143). Dessa categoria mais ampla, sucedem os fenômenos lugar, lar, topofilia e tantos outras.

O método fenomenológico favorece a intepretação do espaço para além da conotação geométrica planejada ao permitir a interpretação da realidade, introduzindo a valorização do cotidiano na ciência geográfica, assim como, ao englobar a compreensão do mundo de forma holística. "O ser é sempre articulado por meio de lugares específicos, ainda que tenha sempre que se estender para além deles para compreender o que significa existir no mundo" (RELPH, 2014, p.29).

Ele afirma que o ponto central do significado do lugar imbrica-se com a própria existência do ser e da forma de estar e se sentir inserido no mundo: "Lugar é microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco [...]. Isso é existencial e ontológico" (RELPH, 2014, p.31).

Relph (2014) adverte que o lugar é um conceito evasivo, uma vez que perpassa pela subjetividade e pela intersubjetividade ligadas a um contexto (uma sala, uma praia, a cidade, o bairro, um evento, um objeto...) e, ainda, à capacidade de reunir ou aglutinar qualidades e significados decorrentes da experiência humana imediata. Essa reunião resulta no que ele denomina de *lugaridade* - qualidade inerente ao *lugar*, constituída pela combinação de vários aspectos, como: autenticidade, encontro, sentido de lugar e o espírito do lugar.

Na obra *Place and placelessness*[5] (1976), Relph expõe sistematicamente sobre a lugaridade como o parâmetro central para o estudo *do lugar* como fenômeno individualizado de inserção humana no meio, de tal forma que, sem essa característica, o lugar não existe. Com base na lugaridade, ele identifica ocorrências graduais desde os *lugares autênticos* dotados de intensa lugaridade, os *lugares-sem-lugaridade* e, por fim, os ambientes de construção padronizada, sem qualquer referência de ligação significativa para as pessoas, locais de passagem ou reduzidos a atividades comerciais, os *não-lugares*[6], tais como supermercados, aeroportos internacionais e pontos de *fast foods* e outros. Segundo o autor,

[5] Holzer (2015, p.143) comenta que a tradução de *placelessness*, considerando o contexto utilizado por Relph, é "lugar desprovido de significado" que, em português, foi traduzido como "não-lugar".

[6] Marc Augé (1994) também realiza estudos a respeito de não-lugares, mas sua abordagem é de orientação determinista, distinguindo-se da fenomenológica de Edward Relph.

> a relação entre lugar e lugares-sem-lugaridade não é uma simples oposição binária. Os processos que levam à diferenciação de lugar estão em toda parte comprometidos em uma luta contra aqueles que levam à ausência da lugaridade. Assim, qualquer parte, não importa o quão uniforme possa ser, tem alguns elementos de lugar. Não importa quão forte seja o espírito do lugar, este possuirá alguns aspectos de ausência-de-lugaridade [...] (RELPH, 2014, p.25).

O lugar é, portanto, um fenômeno de caráter variável, pois a constituição da lugaridade se dá em diferentes níveis e contextos e, principalmente, por sua perspectiva experiencial.

Relph (2014, p. 22) explica a distinção entre as abordagens da Geografia que se voltam para *o lugar* e as que focalizam *lugares*, de forma que o estudo dos lugares se refere à "descrição e comparação de diferentes partes do mundo", o que difere de estudo da categoria *lugar*, especificamente, pois esse se baseia nas "observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo".

Dentre os demais aspectos sobre lugar que o autor aborda, a este estudo interessa sobremaneira a categoria "lar". O qual pode ser entendido como o lugar com o qual se estabelece/vivencia uma experiência de ligação de caráter profundamente familiar e particular, onde se encontram as raízes da existência de uma pessoa, "onde se conhece e é conhecido, onde se pertence" (RELPH, 2014, p. 24).

Para Relph e Tuan, o lugar é sempre um produto humanizado que se torna um centro de significados somados ao longo da vida. Esses valores tornam-se raiz e segurança, transformam lugar em algo mais essencial, o lar. A relação com o lugar e o lar é tão necessária e tão próxima como são as relações com as pessoas. O lar e o lugar de uma pessoa constitui um aspecto identitário e perda desses vínculos não impede a existência humana, mas faz com que perca muitos significados que lhe sustentam e enriquecem.

Nesse contexto, ressalta-se que a tensão entre espaço e lugar influencia as experiências humanas no espaço terrestre no tocante à constituição dos laços afetivos e simbólicos formados em convivência e processo de continuidade. As gerações até o século XX, por exemplo, viviam uma relação espacial de estreitamento e enraizamento, enquanto o contexto tecnológico da comunicação e dos meios de transporte do século XXI estimulam a mobilidade e alteram a forma de o homem estar no mundo ao lhe proporcionar deslocamento físico e virtual, alterando, assim, sua experiência de lugar e, consequentemente, de lar.

O teórico esclarece que essa interpretação de "lar" atual é mais complexa do que a do início de seus estudos encontrada em *Place and placelessness* (1970), o que se deve à

influência do pensamento filosófico de Martin Heidegger (1889-1976), segundo o qual "ser" e "lugar" estão fundamentalmente ligados.

Relph (2014) afirma que "ser" é um fenômeno evasivo que encontra na metáfora heideggeriana do "habitar" o sentido que melhor se articula ao lugar geográfico. Convém lembrar que o lugar "[...] está ligado a vivências individuais e coletivas a partir do contato do ser com seu entorno; [...]" (HOLZER, 2014, p. 291). Assim, se pode depreender que Relph considera que "habitar" e "lugar" equivalem à experiência cotidiana do ser no mundo, ou seja, à experiência geográfica do indivíduo no espaço terrestre, ao que Relph explica: "Estar na terra significa morar, relacionar-se com o lugar por meio da existência, estar ciente da própria mortalidade, [...] encontrar com as coisas não humanas, ter experiências de lugar que são transcendentais e inexplicáveis" (RELPH, 2014, p. 30).

Nesse sentido, Relph comenta a ampliação da concepção de lar em relação à substituição da conotação de enraizamento pela de conectividade significativa e profunda, porém fundamentalmente não fixa nem imutável, podendo vir a se reconstituir e/ou ser ressignificada. Aspectos que ele observa nas considerações de Jeff Malpas acerca de "lar" com base no pensamento filosófico de Heidegger:

> Para Malpas, "lar" não se refere às nossas raízes e onde crescemos, mas tem a ver com a proximidade do ser. Ser é a existência de todas as coisas, por isso "a proximidade do ser" significa a consciência de abertura, totalidade e conectividade com o mundo. Nesse sentido ontológico, o lar aparece por meio de lugares específicos, ainda que também os transcenda. Está associado frequentemente ao lugar onde vivemos e crescemos, mas pode ser qualquer parte desde que esteja enraizado num lugar simultaneamente especial, familiar e significativo, levando em conta a diferenciação e a integralidade do ser no mundo (RELPH, 2014, p. 29).

Cabe ressaltar que Relph é considerado o geógrafo humanista que mais assimilou pressupostos teóricos de Heidegger, a partir também da influência heideggeriana encontrada na concepção de geograficidade teorizada por Dardel, uma das fontes centrais dos fundamentos para os estudos de Tuan e Relph e, consequentemente, da geografia humanista.

Segundo Marandola Jr. (2012, p.83), o filósofo alemão, mesmo sem ter se voltado à geografia, ocupou-se com problemas relativos ao homem e ao espaço. Embora tenha subjugado o espaço ao tempo em sua obra *Ser e tempo* (2002), na continuidade de suas teorizações, o filósofo reconhece a valorização do espaço na metáfora do "habitar" como "expressão da espacialidade dos ser, enquanto forma de 'ser-e-estar-no-mundo'[...]". O pesquisador explica, ainda, que Relph não desenvolveu uma "geografia heideggeriana"; na verdade, ele teve sua geografia fenomenológica influenciada a ponto de fazer a proposição de uma nova ontologia para a Geografia, uma reelaboração do estatuto do conhecimento a partir

de Heidegger, sendo esse um aspecto ainda controverso e presente nas discussões contemporâneas dos teóricos da área.

O geógrafo analisa que a concepção heideggeriana de que a tecnologia e "o pensamento calculador" distanciam o ser humano das experiências de habitar do ser, assim como as concepções de enraizamento da experiência geográfica, podem legitimar teorias e atitudes de exclusão e são cada vez mais perigosas ao mundo contemporâneo. Em contrapartida, os recursos de comunicação e deslocamento atuais, embora possam trazer prejuízos ao lugar, promovem a mobilidade e favorecem a superação da estreiteza da experiência de lugar, e, ainda, corroboram com a valorização da diferença.

Dessa forma, faz-se necessário manter sempre uma atitude crítica e reflexiva acerca da experiência de lugar, como objeto de estudo ou experiência vivenciada. Note-se o valor pragmático e o compromisso ético dos estudos humanistas no âmbito geográfico que o estudioso ressalta:

> O que acontece aqui, neste lugar, é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado. [...]. Então, por algum estranho e improvável desvio, parece que ideias provenientes de interpretações fenomenológicas de lugar e do ser podem ter valor pragmático a fim de encontrar caminhos para lidar com enormes temas global/local que surgiram no início do século XXI. [...] Se geógrafos estão desempenhando um papel crucial nesta tarefa, será necessário que mantenham um entendimento ponderado e crítico, um entendimento que admita fraquezas e suscetibilidade à exploração, ao mesmo tempo que promova a força e as possiblidades de lugar (RELPH, 2014, p.31-32).

O pesquisador revela que, no contexto atual, o reconhecimento do *lugar* como expressão de experiência existencial humana extrapola o universo geográfico humanista e estudá-lo, questioná-lo ou promovê-lo sempre é uma prática de cunho político a serviço de algum interesse, assim como pode ser instrumento de resistência contra exclusão, desigualdade e injustiças. Nesse sentido, o capítulo seguinte traz uma aproximação ao mundo vivido dos idosos.

# 3 "A VELHICE E O ENVELHECER SÃO TEMAS BONS PARA SE PENSAR"

*"O que define o sentido e o valor da velhice é o sentido atribuído pelos homens à existência".*
(Simone de Beauvoir, *A velhice*).

Este capítulo objetiva fazer uma breve apresentação acerca do embasamento teórico que serviu de apoio suplementar[7] na realização desta pesquisa, no tocante às temáticas da velhice e do envelhecimento pelo enfoque da condição dos idosos na vida cotidiana familiar na contemporaneidade, incluindo sua relação com o espaço e a memória, com ênfase na mulher idosa.

## 3.1 Velhice e envelhecimento: uma breve introdução

De acordo com dados do relatório *Envelhecimento no século XXI*: *celebração e desafio, do Fundo de População das Nações Unidas*[8] (2012), o envelhecimento populacional é uma realidade do século XXI em quase todo o mundo, trazendo implicações em todos os âmbitos da sociedade em escalas local e mundial. No início desta década, uma em cada 9 pessoas no mundo estava com 60 anos de idade ou mais. Estima-se que até 2050 a proporção será de 1 em cada 5 pessoas.[9] A longevidade é uma das maiores conquistas da humanidade, alcançada pela redução das taxas de fecundidade e ampliação da expectativa de vida. É considerada um triunfo do desenvolvimento, decorrente de melhorias nas condições sanitárias e de nutrição, avanços da medicina, nos cuidados com a saúde, no ensino e no bem-estar econômico. Ao passo que esse fenômeno é motivo de celebração, traz também grandes desafios para os governos e para a sociedade, de forma que essa realidade não deve ser encarada como crise, mas exige um planejamento que transforme os desafios em oportunidades.

---

[7] Admite-se que essa incursão teórica é, de fato, acessória porque a literatura é um discurso que prescinde de outros para expressar, de forma que os estudos aqui apresentados foram buscados no intuito de ampliar a compreensão da pesquisadora acerca dos desdobramentos temáticos extraliterários aludidos no âmbito ficcional.

[8] O Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) é o organismo da Organização das Nações Unidas (ONU) responsável por questões populacionais.

[9] De acordo com UNFPA (2012, p.7), a expectativa de vida chegou a 78 anos nos países desenvolvidos e 68 anos nas regiões em desenvolvimento no intervalo de 2010 a 2015 e, de 2045 a 2050, os recém-nascidos terão a expectativa de viver até os 83 anos nas regiões desenvolvidas e 74 anos nas que se encontram em desenvolvimento. O Japão é atualmente o único país no mundo com mais de 30% da população com 60 anos ou mais. Em 2050, estima-se que haverá 64 países com essa característica.

Apesar de alguns países como a França demonstrarem alguma preocupação com sua população envelhecida desde o século XIX, foi somente na segunda metade do século XX que a Europa e os países sob sua influência mostraram interesse nas condições de envelhecimento e da velhice humana. Nesse contexto, destaca-se com uma referência clássica, a obra *A velhice* (2018), de Simone de Beauvoir. Produzida em 1970, nela a estudiosa analisa conteúdos biológicos, antropológicos, históricos e sociológicos sobre esse tema, sendo ainda um estudo relevante, pois muitas análises e constatações se mostram pertinentes à realidade e aos desafios atuais.

Beauvoir (2018) buscou evidenciar a desumanização da velhice na sociedade de consumo a partir da condição dos idosos, sendo seu estudo "um grito" de ruptura ao silenciamento imposto ao tema da velhice humana. Segundo a estudiosa, o funcionamento do mundo parece sempre apontar "o velho como o outro" (BEAUVOIR, 2018, p. 9) por haver um intrínseco desejo de distanciamento e de indiferença em relação à velhice devido à sua inexorável ligação com a finitude do percurso natural da vida. Os preconceitos e estigmas em relação à velhice mostram que, em geral, as pessoas querem viver, mas rejeitam ficar velhas por associarem essa fase à precarização das condições de vida. Em larga escala, rejeita-se a denominação "velho", mas a velhice como um problema é um reflexo da representação social da imagem advinda da era industrial do século XIX em que o envelhecimento dos operários se tornou sinônimo de desemprego e miséria (DEBERT, 1999).

Na cultura ocidental, a velhice é abstrata até chegar o momento da própria experiência, pois, ao longo da vida, a imagem do velho é distanciada, despida do caráter humano concreto. Velho e velha seria alguém que não ama, não tem sentimentos nem necessidades, além das mínimas para a subsistência. Deles esperam serenidade e resignação como indicativo de sabedoria. No entanto, com raras exceções, essa sabedoria é ignorada no tocante à sua própria vida, pois, nesse caso, são as decisões e os interesses dos mais jovens que possuem valor.

Beauvoir (2018) defende a tese de que o ser humano, ao envelhecer, deveria seguir um estilo de vida que incluísse projetos e ocupações significativas que continuariam a dar sentido à existência das pessoas (como ocupação intelectual ou algo que seja do interesse da pessoa), de forma que seria possível envelhecer sem que isso significasse decrepitude e decadência, tanto na autoimagem quanto aos olhos do mundo: "Assim como a criança não é um homem inacabado, o velho não seria um adulto mutilado, mas um indivíduo completo, que vive uma experiência original" (BEAUVOIR, 2018, p. 505). No entanto, reconhece que isso deveria ser algo vivenciado ao longo da vida e, na velhice, somente haveria uma

continuidade; seria a vida seguindo em um fluxo contínuo. O que, de fato, não ocorre. Desse aspecto decorrem muitos outros que delineiam os diferentes padrões de envelhecimento e velhice no mundo hodierno.

Uma das inovações trazidas pelo estudo de Beauvoir para a época foi a compreensão de que velhice não é somente um fato biológico, mas também cultural, sendo uma realidade variável de acordo com o contexto social, político e econômico, além das implicações psíquicas subjetivas do indivíduo. Atualmente sabe-se que é uma etapa da vida marcada pela multiplicidade de aspectos que se interpõem, tendo até mesmo o idatismo cronológico apenas como uma convenção arbitrária; assim como o processo do envelhecimento natural ou senescência é também um complexo de conceituação variável. Como explicam as considerações sobre velhice e envelhecimento advindas da antropologia social e da geriatria, respectivamente, evidenciando a intersecção entre aspectos biológicos, psíquicos e socioculturais:

> Velhice é um fenômeno biossocial que não existe singularmente – claramente existem *velhices*, em formas que, mais além da localização etária "exata" no ciclo da vida variam segundo as características biológicas socialmente condicionadas, como o sexo/gênero, a raça/etnia e a própria posição social, como grupo de idade e geração, mas, também, e não por último, a condição de classe (MOTTA, 2013, p. 16).

> O envelhecimento não é um processo homogêneo. Cada pessoa vivencia essa fase da vida de uma forma, considerando sua história particular e todos os aspectos estruturais (classe, gênero e etnia) a eles relacionados, (assim) como saúde, educação e condições econômicas. [...] Outros fatores que contribuem mais e melhor para diferenciar a vivência do envelhecimento são as redes de apoio social e comunicação, com ênfase na solidariedade familiar. O que torna a velhice sinônimo de sofrimento é mais o abandono que a doença; a solidão que a dependência (MYNAYO; COIMBRA JR., 2002, p. 14).

Beauvoir (2018) apresenta a condição dos velhos em uma retrospectiva histórica e cultural pelas civilizações desde a antiguidade, demonstrando que a atitude das sociedades humanas em relação aos velhos é ambígua e arbitrária, variando de acordo com os sentidos e valores que os homens atribuem à existência. Ariès (1986, p. 48) ressalta a historicidade dessas representações ao identificar que "a cada época corresponderiam uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: a 'juventude' é a idade privilegiada no século XVIII, a 'infância', do século XIX e a 'adolescência', do século XX". Para Minayo e Coimbra Jr. (2002), conceber o envelhecimento como um híbrido biológico-social corrobora com a necessária desnaturalização do fenômeno da velhice para compreendê-

la como uma categoria social e culturalmente construída, favorecendo discussões sobre questões intergeracionais, políticas públicas de saúde e de assistência etc.

Os termos "ancião", "velho", "idoso" e "terceira idade", empregados no contexto da velhice, também são construções culturais que possuem historicidade. Segundo Ariès (1986), a figura do ancião como o sábio respeitado de cabelos brancos, detentor de autoridade e bons conselhos, deixa de existir no limiar do século XIX, uma vez que as denominações "senhores bem conservados" e "homem de certa idade" mostram-se mais adequadas ao contexto urbano industrial da modernidade.

Peixoto (2006) esclarece que a França foi a nação pioneira na atenção social à velhice ainda no século XIX, tendo um papel fundamental quando, em 1962, o governo francês implementa uma nova política social de integração da velhice que eleva o valor da aposentadoria e, consequentemente, o prestígio social dos aposentados. São adotadas medidas político-administrativas para uma transformação da imagem da velhice, sendo uma delas a adoção do termo "idoso" como uma forma de tratamento oficial para designar o sujeito do envelhecimento, podendo se referir a todos os indivíduos acima de 60 anos de idade.

No percurso dessas transformações, quando a expectativa de vida na Europa[10] já alcançava 80 anos, cria-se a denominação "terceira idade" para identificar a etapa acrescentada entre a vida adulta e a velhice, referindo-se às pessoas entre 60 e 75 anos. Essa é a fase em que o indivíduo predominantemente se aposenta e é incentivado a se dedicar mais aos cuidados com a saúde, o que veio a ser denominado de "envelhecimento ativo". Atualmente os países europeus reconhecem haver a "quarta idade", de 75 a 85 anos e, a partir daí, o que seria a "quinta idade". Todo esse panorama foi gradativamente sendo adotado por muitos países da comunidade também fora do contexto europeu, como o Brasil, que tem assimilado tais preceitos desde o final da década de 60 do século XX.

Debert (1999, p.72) afirma que as mudanças ocorridas nas sociedades ocidentais contemporâneas levaram autores a considerarem que a concepção em torno da velhice tem sido uma trajetória marcada pela descronologização do curso da vida em nome de um estilo unietário. Ela explica que as expressões "sociedade unietária" e "descronologização da vida" passaram a ser usadas partir dos anos de 1970 em referência às novas concepções teóricas (e políticas) que fizeram com que idade e aposentadoria deixassem de ser marcos para a velhice, no intuito de instaurar novos padrões de comportamento, causando o embaçamento das

[10] De acordo com o Instituto Nacional de Estatística de Portugal (2017), o país era um dos mais envelhecidos da União Europeia, tendo 20,7% da sua população com 65 ou mais anos em 2016, sendo superado somente pela Alemanha, Grécia e Itália.

fronteiras entre os estilos de vida nas diferentes faixas etárias, de forma que, em vez de promover a velhice, nas últimas décadas, a juventude foi ampliada ao se transformar em um bem a ser consumido em todas as etapas da vida por meio de produtos e comportamentos ("estilo de vida").

Essa concepção ressignificada da velhice no século XXI articula-se à mentalidade da denominada "modernidade líquida", teorizada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001). Segundo o estudioso, a experiência humana da contemporaneidade tem sido marcada pela lógica do consumo, do gozo e da artificialidade imediatos, apresentando-se como um período de incerteza e insegurança, tendo como marcas principais a "precariedade, instabilidade, vulnerabilidade [...]" (BAUMAN, 2001, p. 184), em contraposição aos períodos anteriores regidos pela "solidez" da tradição e da segurança.

A lógica da metáfora da "fluidez" ou "liquidez" esteve desde o início inerente à concepção de "ser moderno" que, no entanto, intencionava substituir as ultrapassadas concepções de mundo que norteavam a vida humana por novas, capazes de acompanhar as transformações trazidas pela passagem do tempo, tal como a nova ordem econômica. Explica Bauman (2001, p.10):

> Os primeiros sólidos a derreter e os primeiros sagrados a profanar eram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações [...] "Derreter os sólidos" significava, antes e acima de tudo, eliminar as obrigações "irrelevantes" que impediam a via do cálculo racional dos efeitos; como dizia Max Weber, libertar a empresa de negócios dos grilhões dos deveres para com a família e o lar e da densa trama das obrigações éticas; ou, como preferiria Thomas Carlyle, dentre os vários laços subjacentes às responsabilidades humanas mútuas, deixar restar somente o "nexo dinheiro". Por isso mesmo, essa forma de "derreter os sólidos" deixava toda a complexa rede de relações sociais no ar — nua, desprotegida, desarmada e exposta, impotente para resistir às regras de ação e aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios, quanto mais para competir efetivamente com eles. [...]. O derretimento dos sólidos levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais. Sedimentou uma nova ordem, definida principalmente em termos econômicos.

O panorama dessa realidade resulta da forma científico-econômica de pensar e estar no mundo, pautada em consumismo e conveniência que se faz presente no cotidiano das pessoas, como nas relações de trabalho, relacionamentos afetivos, na identidade etc. As relações vividas nesses contextos sociais, antes estabelecidas com base na acomodação e sujeição/sacrifício em função de alguma garantia de segurança, estão gradativamente se rarefazendo diante das profundas alterações afetivas e culturais do mundo atual:

> Os poderes que liquefazem passaram do "sistema" para a "sociedade", da "política" para as "políticas da vida" — ou desceram do nível "macro" para o nível "micro" do convívio social. A nossa é, como resultado, uma versão individualizada e privatizada da modernidade, e o peso da trama dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso caem principalmente sobre os ombros dos indivíduos. Chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação (BAUMAN, 2001, p. 14).

Segundo Bauman (2001, p. 187-189), os relacionamentos fragilizam-se em função da valorização do vínculo por afinidade e da perspectiva de individualização da vida, o que atinge (ou engloba), fundamentalmente, os relacionamentos familiares que também passaram a ser considerados pela ótica da utilidade e do descarte, uma vez que "laços e parcerias tendem a ser vistos e tratados como coisas destinadas a ser consumidas e não produzidas; estão sujeitas aos mesmos critérios de avaliação de todos os outros objetos de consumo". A conveniência, adequação e substituição regem, portanto, as relações de forma que há pouco ou nenhum investimento na negociação para tornar os relacionamentos duradouros ou tolerância com pessoas irrelevantes para a satisfação (ou utilidade) "[...] e, menos ainda em relação a alguma coisa ou pessoa complicada ou relutante em trazer satisfação que se busca". Essa concepção influencia diretamente a condição do ser humano no mundo, como busca compreender e vivenciar a extensão da vida, o tempo, o espaço, o trabalho e a relação com as pessoas, incluindo a ligação entre as gerações.

Assim, no contexto do mundo que se volta para a liquidez amorfa das formas de viver, a tendência contemporânea é contrapor a representação do envelhecimento como um processo de perdas para a promoção da oferta de atenção a essas limitações em vários estratos (terceira idade, quarta idade...), que passam a ser tratados como recomeços, novos estágios de vida. Para atender adequadamente às necessidades e caraterísticas de cada grupo, o envelhecimento ativo envolve universidades e grupos de convivência e de lazer da terceira idade.

No entanto, Debert (1999, p. 73) adverte que o valor das "promessas libertárias sugeridas – só ganha sentido se a atenção se voltar para o modo como, a partir delas, a solidariedade entre gerações é redefinida e para as hierarquias sociais que essas transformações põem em ação". Caso contrário, explica Motta (2002, p. 37), a política do envelhecimento ativo termina por promover imagens e espaços de velhices bem-sucedidas, pondo os "sem lugar na sociedade contemporânea" em circulação para cooptar seus recursos econômicos, dando-lhes em troca a sensação de estarem vivos e alegres. A mercantilização da ocupação e do lazer dos idosos, contraditoriamente, estimula a autoestima, mas reforça a invisibilidade do que sentem os idosos, cria novos padrões e hierarquização na velhice, pouco

enfrentando a intolerância entre as gerações e os desafios em relação ao envelhecimento avançado.

Na perspectiva de Bauman (2001), os moldes foram apenas substituídos, a configuração social dos tempos atuais permite evidenciar que, de fato, as pessoas somente passaram das "velhas gaiolas" para seguir outros padrões, tendo como tarefa usar sua "liberdade" (esforço e recursos) param pertencerem a nichos comportamentais pré-fabricados pela nova ordem e sendo, ainda, censurados os que não consigam ou não desejem se adaptar. Nesse sentido, a exclusão do idoso não ocorre somente por estar velho demais para ser útil, também tende a ser considerado "fracassado" - um fardo, um empecilho na vida dos familiares mais jovens, se não seguir as determinações de um perfil de "envelhecimento ativo".

## 3.2 O mundo vivido[11] na velhice: algumas considerações sobre espaço, memória e a condição da mulher idosa na vida cotidiana contemporânea

Beauvoir (2018), ao discorrer acerca da vida cotidiana dos idosos, destaca a permanente atitude de alerta e autodefesa dos idosos, que os leva a um isolamento afetivo intencional. A autora associa esse fenômeno à ansiedade e ao mal-estar gerados pela indiferença de que são alvo e, ainda, pela percepção da fragilidade das conexões afetivas mantidas com o mundo exterior.

Na apresentação do livro *Memória e sociedade:* lembranças de velhos (2006), de Ecléa Bosi, a filósofa Marilena Chauí sintetiza o que ser velho "é lutar para continuar sendo homem" (CHAUÍ, 2006, p.18). Essa luta se dá nas várias dimensões da vida do idoso, às vezes é consigo mesmo que luta, porque rejeita o envelhecimento de seu corpo, assim como há lutas que se travam no âmbito das relações da vida pessoal, no contexto familiar, como observa Beauvoir, porém o funcionamento do mundo, de muitos aspectos, também se configura um lugar de opressão aos idosos, como explica Chauí (2016, p. 18):

> De múltiplas maneiras, algumas explicitamente brutais, outras tacitamente permitidas. Oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutelagem, a recusa do diálogo e da reciprocidade que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos. A tolerância de má-fé que, na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a

[11] Espaço de circulação e vivências cotidianas de uma pessoa, tendo um caráter pessoal e intersubjetivo por implicações da realidade histórico-social do grupo ao qual o indivíduo pertence. A definição de mundo ou espaço vivido encontra-se comentada nas teorizações de Edward Relph (item 2.1.4).

> precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as "pesquisas" que demonstram a incapacidade e a incompetência sociais do velho).

Para Beauvoir (2018), comumente idosos desenvolvem comportamento egocêntrico, marcado por uma radical desconfiança e insensibilidade em relação aos outros, incluindo seus familiares. Trata-se de uma conduta defensiva, adotada pelos anciãos em relação aos que consideram uma ameaça à sua liberdade ou agentes de possíveis violações, como roubo de seus bens, maus tratos e extorsão. Ela analisa que os idosos temem porque não confiam na afetividade dos adultos em relação a eles, porque sabem que

> O que caracteriza a atitude prática do adulto para com os velhos é sua duplicidade. O adulto inclina-se até certo ponto à moral oficial que vimos impor-nos nos últimos séculos, e que o obriga a respeitar os velhos. Mas [...] (é) de maneira dissimulada que o adulto tiraniza o velho que depende dele. Não ousa abertamente dar-lhe ordens, pois não tem direito à sua obediência, evita atacá-lo de frente, manobra-o. Na verdade, alega o interesse do ancião (BEAUVOIR, 2018, p. 229).

> O velho permanece em atitude de defesa, mesmo quando todas as garantias de segurança lhe são dadas porque não tem confiança nos adultos. É sua dependência que ele vive sob a forma da desconfiança. Sabe que os filhos, aos amigos, os sobrinhos que o ajudam a viver - financeiramente, ou cuidando dele, ou hospedando-o - podem recusar-lhe essas ajudas, ou restringi-las; podem abandoná-lo ou dipor dele contra sua vontade: obrigá-lo a mudar de residência, por exemplo, o que é um dos seus terrores. Conhece a duplicidade dos adultos. Teme que lhe façam favores em nome de uma moral convencional que não implica respeito nem afeição por ele; tratam-no – pensa - de acordo com os imperativos que certas comodidades. As desgraças que o velho tem - doenças, deficiências, aumento no custo de vida - são tanto mais temíveis quanto suscetíveis de acarretar mudanças nefastas na conduta de outrem. Longe de esperar que seu irreversível declínio natural seja sustado ou compensado pelo comportamento de seus parentes, ele suspeita que esses últimos precipitarão o curso desse declínio: por exemplo, se ficar muito cheio de deficiências, será colocado no asilo (BEAUVOIR, 2018, p. 483).

Essas situações afetivas estão relacionadas às relações que se constituem no lugar vivido pelas pessoas idosas. Notoriamente, dois ambientes se destacam nesse contexto: são a casa (ou moradia correspondente) onde o idoso mora sozinho ou com familiares e o asilo ou lar de idosos.

Considerando que, de acordo com o arcabouço teórico da Geografia Humanista Cultural, as experiências são a fonte da constituição das relações espaciais, cada contexto se compõe de forma única, podendo ser algo compartilhado por aproximações de vivências que se assemelham, porém cabe considerar diferentes relações. A casa, por exemplo, pode ser um lugar para um idoso com condições materiais e emocionais favoráveis, mas o local de apinhamento para aqueles que sofrem formas de opressão ou insegurança nesses ambientes.

A angústia e a insegurança dos idosos amenizam-se à medida que conseguem viver inseridos em um contexto conhecido, vivenciando seus hábitos, compondo uma rotina ligada também a objetos e lugares. Beauvoir (2018) e Bosi (2006) destacam a importância da rotina de hábitos e organização dos ambientes para os idosos, de forma que alterar-lhes a rotina é algo que desestabiliza a sua maneira de estar no mundo. De forma que se afastar desse ambiente pode ser devastador ao idoso, equivalendo à morte em vida, um desenraizamento, pois essa relação espacial geralmente reflete o que foi (re)construído ao longo de sua trajetória de vida.

Segundo Beauvoir (2018, p.455), as mudanças não são totalmente recusadas pelos idosos, muitos acolhem-nas com certo prazer e até orgulho de terem conseguido vencer o desafio de lidar com a novidade, desde que ela não conteste seu passado: “Se a mudança põe de novo em questão tudo o que fizeram, tudo o que amaram ou tudo aquilo em que creditaram, sentem-se no exílio”.

Ferreira (2006) analisa que o lugar da moradia e os objetos que nele se encontram, sobretudo os que acompanham os moradores durante muitos anos, representam como uma espécie de elemento estabilizador de um contexto descontínuo, servindo como um reforço da memória, facilitando a ligação material com experiências e sentimentos do passado, que, por meio das lembranças, tornam-se novamente presentes. A casa ou o equivalente ao lar para a pessoa idosa é uma espécie de registro de sua existência, de seu lugar no mundo.

A casa da família é o ponto central de um espaço simbólico criado a partir das vivências e das temporalidades que evoca de forma material (registros por meio de documentos, objetos, publicações impressas, fotografias, peças de vestuário, a construção em si) e imaterial (lembranças e sentimentos); nela, o tempo e o espaço, assim como as dimensões do público e do privado se entrecruzam. As dimensões das “casas da memória” são sempre repletas de subjetividade pautadas na afeição (BOSI, 2006; FERREIRA, 2006).

Considerando que “objetos e lugares são núcleos de valor” (TUAN, 2013, p. 28), no contexto da velhice, eles se somam aos hábitos para funcionarem como pontos de apoio, referência e segurança para a movimentação da continuidade da vida. Dessa forma, lugares, objetos e hábitos rotineiros asseguram aos idosos estabilidade e favorecem o controle da própria vida como forma de enfrentar a precariedade da imagem que os outros têm dele. A relação com o lugar não se dá somente em termos memorialísticos, a circulação no presente favorece ao idoso cultivar a tão cara e estimada autonomia em sua realidade atual, assim como a dependência parcial ou total pode se constituir em um fator de melancolização e aversão ao lugar.

Segundo Beauvoir (2018), os idosos tendem a se ligar mais ao passado que ao presente, de forma que quanto mais negativa for sua realidade atual, mais a memória será o seu universo privilegiado. No contexto das relações entre o ser humano e o lugar na velhice, a memória é um fenômeno de grande importância, pois, por meio dela, o idoso vive o tempo de profundo sentido para sua existência: o das lembranças presentificadas.

Maurice Halbwachs, embora receba críticas dos teóricos pós-estruturalistas, em sua obra *Memória coletiva* (2003), oferece significativa contribuição para o estudo desse fenômeno ao distinguir a memória coletiva da individual e aproximar sua abordagem teórica da vida cotidiana dos indivíduos.

A memória individual depende da coletiva, do pacto de lembranças, a relação que os indivíduos estabelecem no convívio em sociedade enquanto membros em diferentes instituições. O acervo mnemônico individual é enriquecido pela memória coletiva que não anula a identidade pessoal, pois, mesmo interligadas, cada pessoa possui suas particularidades em relação às lembranças compartilhadas. Para que as memórias estejam em consonância, é imprescindível que as pessoas estejam interligadas por vínculos afetivos:

> Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2003, p. 30).

De acordo com o estudioso, a atividade mnemônica se constitui a partir de processos de reconstrução, apoiada nas lembranças dos que cercam o indivíduo, até mesmo as imagens dos sonhos, as quais compara às da primeira infância quanto à debilidade de não poderem ser reconstruídas se não tiverem uma referência coletiva. A memória individual não tem sentido se não estiver relacionada às lembranças dos demais membros do grupo, porque a lembrança individual é, nessa teoria, somente um ponto de vista da coletividade que, por sua vez, é visão completa.

A partir das conclusões obtidas no estudo das lembranças de pessoas idosas, Bosi (2006) manifesta concordância com as conclusões de Halbwachs (2003) de que a atividade mnemônica é regida pela função social vivenciada pelo sujeito e que está sujeita à desfiguração devido a interferências ideológicas. Confrontando a forma como adultos e velhos dedicam-se ao ato de recordar, ao trabalho da memória, vê-se que à velhice associa-se o lembrar como uma função, ou seja, ao velho caberia o papel de ser a memória da família,

das instituições, enfim da sociedade a que tem estado íntimo em sua trajetória de vida. O que a autora aponta como um reflexo da sociedade de consumo:

> o homem ativo (independente de sua idade) se ocupa menos em lembrar, exerce menos frequentemente a atividade da memória, ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá habitualmente à refacção do seu passado (BOSI, 2006, p. 63).

E, ainda, Bosi (2006, p.81) discorre apaixonadamente acerca da função socializadora da memória como um importante mecanismo, uma arma a ser empregada a favor da velhice no processo de formação dos indivíduos, de caráter subversivo, no contexto da luta de classes: "A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos que lutar por eles". Ela defende, portanto, a concepção de que recordar consiste em uma estratégia, uma alternativa para confrontar a educação opressora e excludente, em que os idosos são também um grupo oprimido sob o jugo dos valores da classe dominante:

> Há dimensões de aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, de tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito [...]. Essa força, essa vontade de revivescência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente (BOSI, 2006, p. 74).

Ela explica que a memória como função social refere-se à "memória dos velhos", não a dos hábitos, mas a do passado localizado, uma rememoração lúcida e clarificada de suas experiências, uma composição ressignificada pelo sujeito, tal qual uma obra de arte, com poder de humanizar o presente: "Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual" (BOSI, 2006, p. 82-83).

A estudiosa recupera o pensamento benjamiano de que a "memória é a mais épica de todas as faculdades" (BOSI, 2006, p. 210). O teórico alemão ressalta a importância dos contadores de histórias, conselhos e narrativas exemplares para o cultivo do humanístico, enriquecimento do imaginário e da existência humana em favor de uma recordação coletiva que alimenta a humanização do homem.

Assim como esses estudiosos, Tuan (2013) também considera que desprezar as experiências humanas na figura do idoso é condenar a humanidade à esterilidade da reprodução e subserviência infinitas à sombra de uma existência parcial e gozo de uma

liberdade falseada e futuro comprometido. Dessa forma, a retração do idoso como um ancião – referência de sabedoria e tradição, seu banimento e exclusão representa não somente um malefício ao indivíduo, mas empobrecimento social e cultural.

Para Beauvoir (2018, p. 379), "existir, para a realidade humana é temporalizar-se [...], ao longo dos anos, o futuro encolhe e o passado vai-se tornando pesado [...]" e as consequências dessas mudanças variam de acordo com as experiências individuais.

Como observa Barros (2006, p. 227), "quando se somam a cessação do compromisso de trabalho e a diminuição das obrigações de família [...] dá-se uma transição especialmente significativa na vida dos indivíduos em direção à velhice social (porque nem sempre, a essa altura da vida, se está biologicamente velho)", mas é em associação a outros aspectos que o significado de velhice se constitui aos indivíduos. As condições de saúde e o contexto social de uma pessoa idosa, por exemplo, são aspectos determinantes que podem comprometer ou favorecer a qualidade da vida na velhice. Assim, as escolhas e experiências ao longo da vida pregressa e as fatalidades presentes interferem para dar a cada velhice o seu aspecto particular. Uma particularização possível refere-se diretamente às vivências de masculinidade e feminilidade. De forma que na vida da idosa se inscrevem dois fenômenos, a velhice e a sua condição de mulher, essa sendo concebida como "um produto elaborado pela civilização" (BARROS, 2006, p.550).

Belo (2013) ressalta que as mulheres idosas são maioria[12] em todas as sociedades envelhecidas do mundo contemporâneo e, nessa fase, tanto tendem a sentir uma sensação de libertação em relação ao trabalho doméstico obrigatório e à dominação masculina, quanto vivenciam o agravamento das desvantagens de discriminação e desigualdade que marcaram historicamente a vida feminina em sociedades patriarcais, como desvantagem econômica e ainda,

> Considerando que a sua longevidade é superior à do homem em, aproximadamente, sete aa oito nos de vida, elas tendem a ser cuidadoras dos maridos e/ou dos filhos que necessitam de apoio ou, ao contrário, pertencem a uma elevada população de mulheres que vivem sós. Neste caso, têm que conviver com alguns valores e estereótipos sociais que dificultam a reestruturação da vida conjugal quando assim é desejada, ou carecem de suporte material e afetivo, quando surgem as debilidades físicas.

Analisando a velhice não-asilada e não-doente de mulheres de classe média, assim como são as personagens de Teolinda, Barros (2006, p.114) identifica uma dupla desvalorização da figura feminina:

[12] "Para cada 100 mulheres com 60 anos ou mais em todo o mundo, há 84 homens. Para cada 100 mulheres com 80 anos ou mais, há 61 homens" (UNFPA, 2012, p.7).

> Nessa velhice não vislumbrada como questão, seja por estudiosos, seja pelos indivíduos na sua vivência diária, a das mulheres é duplamente insignificante. Ao homem velho se dá maior atenção, na medida em que se percebe a aposentadoria como uma mudança radical de vida - uma passagem de um mundo amplo e público para um mundo doméstico e restrito. Na mulher, a velhice não traz essa carga de mudança abrupta. A mulher na velhice está no último estágio de um *continuum* sempre ligado à esfera doméstica, não só porque a grande maioria não teve uma vida profissional ativa, como também porque é a este mundo interno do lar, da família e da casa que a mulher está ideologicamente vinculada.

Nesse sentido, Motta (2006, p. 229) ressalta que principalmente as mulheres recorrem a mecanismos de resistência ao envelhecimento. A estudiosa esclarece que não se trata do processo físico em si, mas em relação à negatividade em torno do envelhecimento. São processos de reflexão, representações e comportamentos que se contrapõem à ideologia de velhice, compondo uma espécie de todo de sobrevivência e resistência pela "busca da autonomia - a capacidade de fazer ou decidir por si próprio, com independência, sem precisar de ajuda. Principalmente as tarefas do cotidiano".

Suas pesquisas indicam também uma "função tardia do trabalho doméstico como possibilidade de independentização e resistência" (MOTTA, 2006, p. 229-230). Ela afirma ter constatado que, entre as mulheres da classe média, sem filhos ou com filhos adultos e tendo perdido os companheiros pela morte ou separação, o trabalho doméstico ganha novo significado, passando a ser importante mecanismo de resistência, um recurso afirmador, funcionando como "meio de autoafirmação e até de libertação".

Belo (2013) destaca que a submissão feminina se inscreve na velhice como um reforço de seu papel de cuidadora afetuosa, doméstica amorosa, passiva e, contraditoriamente, forte para servir de esteio familiar no tocante a serviços e até ao sustento financeiro dos demais familiares, incluindo filhos e netos.

Nesse recorte, destaca-se que um estudo acerca de cuidados da mãe idosa no contexto domiciliar, abordando a realidade brasileira e portuguesa, ressalta que esse papel tem sido fundamentalmente exercido por mulheres. Os dados obtidos mostram que, apesar de ser uma relação movida pela gratidão e pelo intuito de oferecer um cuidar digno e respeitoso para a manutenção da vida, o cuidado com a mãe dependente implica uma conflituosa inversão dos papéis de mãe e filha:

> [...] (Essa) inversão provoca uma reação nem sempre positiva nas filhas que, sob o impacto da nova situação, experimentam sentimentos contraditórios, além de sinais e sintomas físicos e emocionais. Ao mesmo tempo em que se desdobram em atenção e cuidados, queixam-se de exaustão e impossibilidade de realizar atividades laborais e de lazer. [...] Por outro lado, observa-se que apesar de o cuidado trazer sentimentos contraditórios à filha e inclusive ser considerado um fardo, esta não abdica da função de cuidadora. É importante demarcar que as mulheres costumam sofrer mais

> o impacto pela realização do cuidado, possivelmente em razão de assumirem com mais frequência as tarefas desgastantes, como a higiene da pessoa idosa, além de precisarem gerenciar as atividades domésticas (JESUS *et al.*, 2013, p. 1085).

Como os cuidados demandam preocupação e atenção permanentes, os pesquisadores destacam a importância de que haja uma rede de suporte social que sirva de auxílio, o que significa o envolvimento de amigos, vizinhos, outros familiares e profissionais de saúde. No entanto, o que comumente ocorre é que o cuidado da pessoa idosa se torna responsabilidade de um ou dois familiares devido ao afastamento dos demais.

A respeito dessa atribuição recair predominantemente sobre as mulheres, principalmente sobre as filhas, há um comentário de Teolinda Gersão em que manifesta sua visão:

> O facto de vivermos mais tempo, e de as filhas frequentemente assumirem o papel de mães da própria mãe, é um tema incontornável da nossa época. Esse papel não é natural, e não pode ser cumprido sem dor nem sentimentos contraditórios. [...] Isso porque, nesse momento, as filhas mulheres já passaram a vida inteira a cuidar das crianças, dos mais velhos, da casa, da família, da sua vida profissional, e de tudo o mais. E justamente agora, quando têm (ou teriam…) um bocadinho de tempo para si próprias, sem os outros estarem à espera delas, têm novamente de se dividir e de se multiplicar. De repente, a nossa liberdade é limitada por outra pessoa, e isso cria uma enorme sensação de revolta. Queiramos ou não, é humano. Não podemos aceitar ficar ali, porque, se ficamos, não vivemos. Mas abandonar a mãe, não ir vê-la nunca, ou apenas raramente, é uma ideia que nos deprime e rejeitamos [...] A ambiguidade é portanto enorme. [...] Porque essa é provavelmente a relação mais dura numa vida. Uma criança exige igualmente uma entrega enorme, mas é uma relação gratificante e alegre: a criança cresce, vamos seguindo para um objectivo positivo e ascendente. Mas, aqui, estamos numa caminhada negativa, descendente, dolorosa para ambas as partes. [...] A sociedade tem que evoluir, dar uma resposta a isso, porque não se pode exigir que sejamos mães das mães[...] E não é justo, nem é humano que a filha deixe de ser ela própria e seja outra vez sacrificada. Essa ideia da mulher que nasceu para se sacrificar pelos outros está ultrapassada. Não aceitamos esse papel. Claro que não recusamos a feminilidade, com tudo o que ela implica, mas sem nos abdicar dos nossos direitos de existir plenamente, como seres inteiros e autónomos (GERSÃO, 2016g, p. 1).

Assim como reivindica a autora portuguesa, os estudos suscitados nesta breve incursão acerca de alguns aspectos sobre a velhice e a mulher idosa no contexto contemporâneo expressam que o indivíduo, à medida que envelhece, vivencia o agravamento de sua condição existencial, tendendo a se fragilizar e a perder espaço na sociedade, de forma que apenas ilusoriamente se pode pensar que o desenvolvimento alcançado pela humanidade nos campos científico e tecnológico reflete ou se converte em uma consensual velhice saudável, autônoma e feliz no mundo atual. Mas esse desafio, na realidade, parece se agravar muito mais em função dos contextos do que do processo de envelhecer em si, porque este, afinal, é um trajeto natural da vida. O que, por fim, parece recair na ideia de que a promoção

de uma velhice mais digna ao ser humano implicaria em uma reorganização política, econômica e social voltada à promoção da dignidade do ser humano ao longo de sua vida, como já assinalava Beauvoir desde os anos de 1970 e consta nas proposições da ONU (UNFPA, 2012) para o enfrentamento do envelhecimento populacional.

Na contemporaneidade, parece que ainda não há um lugar escolhido *pelo* idoso, mas *para o* idoso. E, ainda, de qualquer forma, se chegar o tempo que não consiga ter a vivacidade que o mundo espera e depender de cuidados no âmbito familiar ou em asilos, ou casas de repouso, não raro, ficarão vulneráveis à precariedade, a maus-tratos, assim como ao abandono e isolamento; salvo os afortunados que tenham em sua vida a felicíssima combinação de afeto e boas (ou razoáveis) condições de saúde e recursos financeiros.

Retomando a frase que intitula este capítulo, na qual a antropóloga Myriam Moraes Lins de Barros (2006, p. 8) lembra que "a velhice e o envelhecer são temas bons para se pensar", reflete-se que são *bons* temas porque são extremante necessários ao contexto atual em que se agravam a intolerância e a exclusão do *outro*, *bons* porque há muito o que estudar e realizar sobre a condição dos idosos, a velhice e o envelhecer em todas as áreas e espaços, em esfera macro e micro da atuação profissional, acadêmica, política e da vida cotidiana; *bons* também porque é discutindo a velhice de hoje que se pode atuar em causa própria e, ainda, contribuir para que o mundo seja um lugar menos hostil ao ser humano de todas as idades.

Nessa perspectiva, o capítulo seguinte traz uma introdução acerca de como Teolinda Gersão tem pensado e ficcionalizado a velhice e o envelhecer humano no mundo atual.

# 4 O UNIVERSO LITERÁRIO DE TEOLINDA GERSÃO

Este capítulo aborda a produção literária de Teolinda Gersão, ressaltando sua face contista e a focalização do tema da velhice em suas obras. A organização dos itens intenciona um gradativo ajuste do enfoque que o estudo requer: inicia com a apresentação da autora no contexto da literatura portuguesa contemporânea, desdobra-se sobre o modo de narrar e o espaço em suas narrativas. Segue com a caracterização da escrita contística de Teolinda a partir de contribuições selecionadas na fortuna crítica referente a essa produção e conclui com um panorama a respeito do tema da velhice/envelhecimento na produção da autora no período de 2002 a 2016.

## 4.1 A autora no contexto da literatura portuguesa contemporânea

> *"[...] porque é que tu não assumes até o fim que a tua face é a dos outros e a tua voz pode servir aos que não a têm".*
>
> (Teolinda Gersão, *Os guarda-chuvas cintilantes*).

Teolinda Maria Sanches de Castilho Gersão Gomes Moreno nasceu na cidade de Coimbra, em 1940. Sua infância e a juventude passaram-se no contexto da ditadura salazarista e, após a queda do regime, em 1974, quando adulta, tem vivenciado a reestruturação democrática e a busca pela superação das marcas deixadas pelo aparelhamento ideológico ditatorial no ideário/imaginário do povo português.

Embora os aspectos biográficos de um autor não sejam determinantes na compreensão de sua produção, no caso de Teolinda, a incondicional defesa da liberdade e da dignidade do ser humano que subjaz em suas obras e opiniões permite evidenciar que sua visão de mundo não passou incólume ao processo histórico de seu país.

O cosmopolitismo de suas narrativas reflete as experiências nos diversos países e culturas com os quais esteve em contato. Estudou Germanística, Romanística e Anglística nas Universidades de Coimbra, Tübingen e Berlim, foi Leitora de Português na Universidade Técnica de Berlim, assistente na Faculdade de Letras de Lisboa e professora catedrática da Universidade Nova de Lisboa, onde ensinou Literatura Alemã e Literatura Comparada. Aposentou-se em 1995 e, a partir de então, passou a se dedicar exclusivamente à literatura[13]. Residiu no Brasil por dois anos, especificamente em São Paulo, período em que produziu *Os*

[13] Informações obtidas no site oficial: https://teolindagersao.com/.

*guarda-chuvas cintilantes* (1984). Ligada às suas duas temporadas de meses em Moçambique, escreveu o romance *A árvore das palavras* (1997). Morou nos Estados Unidos e atualmente reside em Lisboa, cidade que diz preferir a qualquer outra do mundo. Em 2017, visitou o Brasil em alguns eventos acadêmicos e compromissos editoriais ligados ao lançamento de uma edição brasileira da obra *A cidade de Ulisses* (2015), pela editora Oficina Raquel.

Segundo Teolinda, seu fascínio por livros e histórias foi despertado ainda na infância por influência de seu pai que apreciava literatura. Havia uma biblioteca em sua casa e ele a incentivava a ler obras de autores portugueses e estrangeiros, incluindo brasileiros, e, ainda que escrevesse seus próprios textos. De forma que ela chegou a publicar, em 1954, aos catorze anos, um livro de contos[14]. Entretanto, reconhecendo que àquela altura ainda lhe faltava maturidade e uma linha própria de escrita, deixou que a vida a preparasse melhor para o universo literário. Passou a guardar seus escritos, voltando a publicar somente em 1981, aos quarenta e um anos, quando também a vida familiar e a profissional lhe permitiram ter a disponibilidade necessária para se dedicar à produção literária (GERSÃO, 2014b).

É considerada uma autora de grande relevância no contexto artístico contemporâneo de seu país e com projeção internacional. Ao longo de sua carreira literária, tem recebido diversas premiações importantes. A mais recente foi *o Prêmio Literário Vergílio Ferreira* (2017) em reconhecimento à relevância *do conjunto de sua obra no âmbito da narrativa e/ou ensaio português.*

Sua bibliografia, até o momento, engloba diferentes gêneros em prosa, sobretudo romances: *O silêncio* (1981) que recebeu o Prêmio de Ficção do Pen Club; *História do homem na gaiola e do pássaro encarnado* (1982), *obra de literatura infantil*; *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1982); *O cavalo de sol* (1989), Prêmio de Ficção do Pen Club; *A casa da cabeça de cavalo* (1995), Grande Prêmio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores; *A árvore das palavras* (1997); *As águas livres* (2013); *A cidade de Ulisses* (2011), Prêmio Ciranda em 2012 e Prêmio da Fundação António Quadros em 2013; e *Passagens* (2014), Prêmio Fernando Namora em 2015. Duas novelas: *Os teclados* (1999), Prêmio da Crítica pelo Centro Português da *Association Internationale des Critiques Littéraires;* e *Os anjos* (2000). E livros de contos: *Histórias de ver e andar* (2002), Prêmio do Conto Camilo Castelo Branco; *O mensageiro e outras histórias com anjos* (2003); *A mulher que prendeu a chuva* (2007), Prêmio Máximo de Literatura e Prêmio de Literatura da Fundação Inês de Castro, ambos em 2008; *Os teclados & três histórias com anjos* (2012), que

[14] O livro intitula-se *Liliana:* contos, mas Teolinda não o considera sua primeira produção literária.

é uma reunião de narrativas publicadas anteriormente. E sua mais recente obra é a coletânea *Prantos, amores e outros desvarios* (2016).

Alguns romances e contos de Teolinda encontram-se traduzidos em inglês, espanhol, italiano, francês, tcheco, alemão, holandês, romeno, croata, árabe, búlgaro e eslovaco. No Brasil, suas obras ainda são restritas, havendo iniciativas como a da Editora Planeta, que publicou *A árvore das palavras* em 2004, e a da Oficina Raquel, com *A cidade de Ulisses* em 2017. Possui obras que receberam adaptação teatral encenadas em Portugal, Alemanha, Romênia e Estados Unidos[15]. Dois contos serviram de base para produção de curtas-metragens e há um filme sendo produzido a partir do romance *Passagens*.

A despeito das discussões teóricas, neste estudo considera-se "literatura contemporânea portuguesa" a produção realizada a partir dos anos 70 do século XX, tendo como marco histórico principal a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974, que representou o fim de quatro décadas sob o jugo ditatorial em Portugal. Distingue da modernista, sobretudo, por meio do experimentalismo e por apresentar uma tendência combativa que não segue uma ideologia única, diferenciando-se, portanto, do Neorrealismo.

Segundo Álvaro Cardoso Gomes (1993), trata-se de uma geração de romancistas com vozes próprias que refletem tendências diversificadas, que buscam independência e liberdade de expressão quanto aos temas e aspectos formais. No que pese, o legado que receberam de Virgílio Ferreira (1916-1996) e Agustina Bessa-Luís (1922), no tocante à profunda renovação que esses autores instauram no âmbito do romance português no modo de narrar e no trabalho com a linguagem, "livres de amarras ideológicas [...] com seus experimentos ao nível da compreensão mais ampla, mais aprofundada da realidade, e ao nível da própria estrutura romanesca" (GOMES, 1993, p. 26).

O crítico analisa que, nos anos de 1970, no auge da tensão política nesse país, houve uma redução na produção literária e, a partir da década de 80, em um momento de maior estabilidade, ocorre uma expressiva produção ficcional, tanto dos autores que continuaram a publicar, como Virgílio Ferreira, Agustina Bessa-Luís, Maria Gabriela Llansol, José Cardoso Pires, Urbano Tavares Rodrigues, Maria Judith de Carvalho, Maria Fernanda Botelho, Augusto Abelaira, Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa, Maria Teresa Horta e outros; quanto dos que iniciaram sua jornada a partir desse período, como Lobo Antunes, José Saramago, Lídia Jorge, Teolinda Gersão, Mário Cláudio e outros.

[15] O detalhamento dessas informações encontra-se em Santos (2012).

Tendo iniciado sua publicação em 1981, Teolinda pertence à geração de autores pós-revolução de 74, cuja escrita é repleta de singularidades composicionais ligadas ao experimentalismo em uma flagrante intenção crítico-subversiva, na forma e no conteúdo, seguindo uma linha mais intimista. No conjunto de sua produção, não há veiculação explícita de uma ideologia única, mas de aspectos éticos e políticos ligados à visão de mundo da autora, expressos em linguagem estética. Como ela esclarece em entrevista a Gomes (1993, p. 162) acerca da possível presença da tradição neorrealista em sua produção:

> No neo-realismo havia esquemas e modelos preestabelecidos, de uma forma que hoje nos parece bastante redutora, mas que na altura as pessoas sentiam de outra forma. Eu pertenço a um geração mais nova, que não tem nada a ver com o neo-realismo. Pessoalmente, acho que eu nunca teria até por temperamento, porque sou muito aversa a esquemas e modelos e nunca pude aceitar dogma nenhum. Para mim, a tensão opressor-oprimido não se pode traduzir apenas em luta de classes e no fator econômico, é mais funda e complexa do que isso, tem a ver com o mundo dos afetos, do cotidiano, da relação pessoa a pessoa.

As narrativas gersianas abordam, de forma crítico-reflexiva e não-panfletária, temas ligados à opressão da mulher e do ser humano de forma geral (homens, crianças, jovens, idosos, trabalhadores etc.), "o confronto entre o homem e a mulher, o esvaziamento da linguagem, da comunicação, a castração imposta aos seres pelo Sistema" (GOMES, 1993, p. 73) e ao cotidiano alienado, vivenciado no âmbito privado e familiar, aludindo ao contexto histórico, político e social português no tocante ao regime ditatorial e ao salazarismo, à guerra colonial, à tragédia dos retornados, aos processos migratórios e à xenofobia, à mitogenia, à cultura e à "identidade" portuguesas, ao sistema de ensino, à atuação da Igreja na sociedade, à vivência da religiosidade cristã, à desigualdade social, à corrupção, à conduta política de governantes e dos cidadãos comuns, a questões ambientais etc.

Esses assuntos aparecem contextualizados em situações da vida cotidiana de pessoas comuns do mundo ocidental eurocêntrico atual, não especificamente restrito a Portugal. Como observa Gomes (1994, p. 73-74), a autora trabalha com a perspectiva minimalista, no "sentido de que, em vez de privilegiar o épico, as grandes ações, prioriza a intimidade dos seres no cotidiano [...]. Ela faz um levantamento minucioso de objetos que 'explicam' e iluminam o homem".

Embora sua produção privilegie e valorize a mulher, Teolinda rejeita a ideia de que sua produção seja "feminista", assim como outras possíveis denominações ideológicas. Talvez por isso seus textos tragam representações masculinas que nem sempre estão como opressores; às vezes, assim como as mulheres, são seres em luta pela dignidade e liberdade de existir, contrapondo-se aos mecanismos explícitos ou dissimulados de cerceamento e

dominação ideológica e de comportamentos. Como explica a própria autora a Gomes (1993, p.163):

> O que passa é que, como as mulheres só recentemente se tornaram participantes no mundo e tiveram poder de modificar alguma coisa em seu favor, o sistema é sentido como sendo paradoxalmente "masculino", e são as mulheres que mais sofrem e mais se revoltam e trazem a força da sua "desordem" contra a – falsa – "ordem" do Sistema. [...] Os homens só são "castradores" das mulheres quando se identificam com o Sistema. Isso acontece algumas vezes – mas também acontece o contrário, muitos homens lutam também contra o Sistema.

O que se mostra consoante à oposição da autora em relação também às categorizações de gênero que concebem haver uma "escrita feminina" e "literatura feminina" por acreditar que essas terminologias terminam por discriminar e estratificar a produção literária (GERSÃO, 2011). Como revela a autora: "Do que francamente não gosto é dessa conversa de 'escrita de mulheres'. É uma atitude discriminatória, e que acima de tudo não faz sentido nenhum" (ALVES, 1982, p.8 *apud* VIEIRA, 2013, p.14).

Entretanto, como afirma Souto (2014, p.29), desde a tese de doutorado de Dias (1992), é comum a crítica destacar uma "voz feminina" na ficção da autora por apresentar uma "potencialidade da escrita e da linguagem para transformar realidades castradoras e devolver a voz, a autoestima e a dignidade da mulher em meio aos impasses e limites impostos por uma sociedade patriarcal e opressora". Nesse sentido, Duarte (2005, p. 86-87) clarifica a compreensão do ponto de vista da autora e da crítica:

> A escrita de autoria feminina é precisamente um grito de liberdade, uma renúncia ao silêncio a que foram submetidas as mulheres e todo um povo, ao longo de vários séculos. Existem, de facto, características femininas na escrita, mas que não são exclusivas das mulheres. Os textos não põem ter um sexo, podem, isso sim, ser escritos por um sujeito masculino ou feminino, que neles manifeste o seu ponto de vista ou o ponto de vista do outro sexo.
> A conquista da identidade e da escrita pela mulher não significa forçosamente que exista um escrita, declaradamente, feminina. Mas temos que concordar que a criação literária feminina foi primordial na conquista de direitos da mulher e na transformação da sua condição. Não se trata de um modo de escrita diferente, mas antes do nascimento da mulher na Literatura, já não como fonte inspiradora, mas como fonte criadora. A escrita, apesar de não ter sexo, será sempre diferente de escritor para escritor, quer este seja do sexo feminino ou masculino, porque terá o seu cunho pessoal.

## 4.2 O modo de narrar

> *"Na escrita, procuro isso, entender o ser humano e o mundo. Quem somos, o que andamos aqui a fazer, como é a nossa sociedade, o que podemos mudar em nós e no mundo à nossa volta. Essa é uma das motivações para a escrita. Um trabalho de atenção. E de escuta".*
>
> (Teolinda Gersão)

Teolinda escreve tendo como substrato comum a atenção voltada à realidade contemporânea de onde faz germinar inúmeras versões do conflito acerca da oposição à opressão e ao cerceamento da liberdade e da autonomia humanas; tal como explicou a Gomes (1993, p. 163):

> há um determinado estado de coisas (que se pode, se quiser, traduzir como Sistema, no sentido mais lato), e que é sentido como extremamente opressivo, sobretudo para as personagens femininas, que por isso mais fortemente se revoltam, procurando saídas que, por não obedecerem a estereótipos, são sentidas como criativas. Mas não penso que que esse tipo de personagem tivesse de ser necessariamente mulher, porque os homens também são capazes de ser – e são – extremamente criativos.

A construção textual com desencaixes de elementos ligados ao aspecto gráfico, ao tempo, ao espaço e, sobretudo, ao foco narrativo é um mecanismo intencional subversivo que caracteriza o "modo nada ortodoxo de narrar" do experimentalismo da geração portuguesa pós 74, como o fez Teolinda (GOMES, 1993), principalmente, em seus primeiros romances: *O silêncio* (1981) e *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1982).

Essa radicalidade estética de desestabilização na escrita romanesca gersiana aparece amplamente abordada nos estudos de Maria Heloísa Martins Dias (2008). Segundo a pesquisadora, trata-se de uma "reescrita estética" decorrente da inovação e do desprendimento de padrões em função de uma "desmistificação de formas e valores" (DIAS, 2008, p.11-12), articulada a uma intenção ideológica em direção a um discurso de resistência acerca da implicação histórico-social na produção literária da autora:

> O poder, a mulher, a palavra – três realidades que se confrontam na escrita de Teolinda. O primeiro , entendido como elemento agenciador e reforçador da história da dominação, realiza-se em várias esferas, desde a intimidade das relações amorosas até o âmbito coletivo da atuação social e política.
> [...]
> A auto-suficiência do pensamento (fluxo de consciência, descritivismo minucioso), a tática de mascaramento e ilusão (jogo com o foco narrativo), o apego obsessivo à própria criação (presença da metalinguagem), a imersão no fantástico (imagens surrealizantes, metamorfoses, personificações, alegorias) – todos esses recursos usados pela autora constituem a marca de um texto que se faz sob o signo do poder, um poder significante, no sentido de que a impotência do sujeito frente ao mundo é compensada pela potencialização que se vetoriza a linguagem, supercarregando-lhe os valores (DIAS, 1994, p. 194-195)

Barrento (2009, p.90) identificou a transgressão operacionalizada por Teolinda Gersão e outras escritoras portuguesas, como Maria Velho da Costa e Maria Gabriela Llansol, considerando essas produções como uma "nova desordem" na escrita feminina contemporânea, efeito a que denominou de "outra revolução". Para ele, "os sinais da 'desordem' trazida para o corpo do romance (configuram-se) ao nível do enunciado, da

temporalidade, do discurso polifónico e da hibridação genológica" na produção romanesca desde as últimas décadas do século XX.

Como afirma Coelho (1999, p.127), na produção dessas escritoras, a desordem se sobrepõe em uma perspectiva subversiva intencional à ordem comum das coisas:

> Esse experimentalismo formal, na literatura portuguesa, se conjuga com uma profunda consciência social (ou com a memória histórico-social do país), indissociada da problemática feminina. De maneira ostensiva ou contida, em quase todas as escritoras, se manifesta a consciência da repressão social e a linguagem-da-paixão que fez implodir definitivamente a imagem tradicional da mulher.

A professora Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira (2012, p. 827) afirma que "a intencionada fragmentação do enredo nos primeiros livros de Gersão cedeu lugar ao caos e à desordem dos personagens, surpreendendo-os em suas rotinas desvitalizadoras". Segundo a pesquisadora, acerca da mudança na força do experimentalismo em seu percurso literário, Teolinda justificou-a como "um procedimento necessário àqueles tempos que demandavam mudanças radicais, substituídas depois pelas formas tradicionais nas obras subsequentes" (OLIVEIRA, 2012, p.3).

Embora mais brando, o experimentalismo se mantém como um traço estilístico na produção de Teolinda, equivalendo a um arcabouço estético a partir do qual emprega não convencionalmente uma série de recursos, resultando em efeitos que normalmente corroboram com a compreensão das histórias e temáticas abordadas.

Um desses recursos é o diálogo interartes, realizado, sobretudo, por meio das várias personagens, sobretudo femininas, escritoras e artistas plásticas ou com íntima relação com esse universo, tendo sua existência permeada em um jogo de símbolos e sentidos com tal expressividade que a presença da arte na tessitura textual torna-se um elemento de destaque. Em *A cidade de Ulisses*, abordam-se as artes plásticas por meio do casal de artistas Cecília e Paulo e sua mãe que também era pintora; há também a personagem Lídia e sua relação com a pintura em *O silêncio*, assim como a música na infância e na adolescência de Júlia em *Os teclados*. Ao deter-se sobre esse aspecto na produção de Teolinda, Rita (2011, p.32) observa:

> Dir-se-ia que lê-la (a produção de TG) é contemplar uma *paisagem* em metamorfose: uma escrita onde os títulos ensaiam fragmentos de um gesto continuado, de uma ficção em auto-efabulação, encenada no seu curso, convocando paisagens que os excedem, antecedendo-os também, paisagens estéticas onde as artes se respondem (a literatura, o cinema, a pintura, a música), apresentadas por uma reflexão ensaística informada por uma concepção eminentemente teatral da arte. O romanesco insinua-se, assim, como um teatro de sombras de outra(s) representação(ões).

Assim como o trânsito interartes, Teolinda também explora uma intersecção entre os gêneros, que aparece tanto por meio de trechos de cunho ensaístico nos discursos de narradores e personagens, veiculando reflexões críticas e existenciais (recurso encontrado em *O silêncio*, *Os teclados* e em *A cidade de Ulisses*, nos contos "O leitor" e "As tardes de um viúvo aprosentado", por exemplo); quanto por uma radicalização dessa aproximação, causando o delineamento nebuloso em torno dos gêneros em algumas de suas obras, como *Os guarda-chuvas cintilantes*. Aspecto que levou Paiva (2015) a reconhecer que há uma intencional heterodoxia narrativa realizada a partir do jogo com as características formais, estéticas e sociolinguísticas dos gêneros na produção das formas breves pela autora.

A esse respeito, *Passagens* ilustra a vivacidade desse aspecto na produção recente da autora. A obra é um romance, porém possui um intenso embricamento com o dramático na narrativa. A tônica central da narrativa é a concepção da vida humana como um teatro: "São puro teatro, as nossas relações. Fica bem não ter ressentimentos, haver um convívio pacífico entre as famílias que se desintegram e as que se formam, a partir delas" (GERSÃO, 2014a, p. 29). Entretanto, além do plano do conteúdo, a perspectiva dramática aparece na estrutura da obra e na forma de narrar, pois o modo convencional de discursos direto e indireto em parágrafos é empregado somente na introdução, sendo, em seguida, substituída por uma sequência de falas e rubricas ao longo dos três capítulos, em uma organização semelhante a uma peça em três atos (REAL, 2015).

Outros recursos marcantes identificados na prosa de Teolinda são o emprego da metalinguagem, metaficcionalidade e intertextualidade. Os dois primeiros operam o desvendamento do ofício do autor, da função da literatura e das estratégias composicionais. Esses aspectos possuem caráter subversivo e articulam-se a intenções contestatórias de uma escrita que busca redimensionar as imagens de que se alimenta a tradição (DIAS, 2008). Aparecem em fragmentos em quase todos os romances, mas são intensamente explorados em *Os guarda-chuvas cintilantes* e *Águas livres* (CARETTI, 2017).

Na produção contística de Teolinda, esses procedimentos são adotados de forma menos recorrente, todavia há textos em que são primordiais na composição textual, como a metalinguagem em torno do ato de ler no conto "O leitor" (*Histórias de ver e andar*, 2002). O discurso metalinguístico serve de base para a construção de um jogo discursivo entre o ficcional e a sugestão do real histórico, pois a experiência leitora nesse texto faz com que o lugar do maquinista fique profundamente marcado pela literatura e seu destino atravessado por efeitos dessa presença. A existência do protagonista é expressa poeticamente em linhas duplamente tecidas: as dos livros sobre as quais seus olhos deslizavam "como um bicho lento

e voraz" e as do comboio, percorridas no comando de um "bicho rápido e voraz" (GERSÃO, 2002c, p. 182).

No tocante à intertextualidade na produção de Teolinda, além da que se possa identificar em relação a alguns textos de outros autores, sobressai a que ocorre entre seus próprios textos. Esse intrigante aspecto foi recentemente investigado na tese de Ana Carolina Caretti (2017). Ela afirma tratar-se de autointertextualidade[16] e que, somada à metaficcionalidade também observada nas obras de Teolinda, são elementos que compõem o projeto estético realizado pela autora:

> A leitura conjugada de textos de um mesmo autor é capaz de levar à percepção da ocorrência de alguns elementos em comum, estabelecendo uma constância que propicia o diálogo entre as narrativas e configura a autointetextualidade. [...] as confluências são observáveis em toda a obra da escritora (Teolinda). São particularidades que, em um panorama, destacam-se por empreender um fio parental na escrita, que faz com que passemos a enxergar ali um timbre de autora, um carimbo de seu modo de criação.
> [...]
> É fato que a vertente metaficcional pode ser observada em diversos procedimentos, mas pensamos que a maior contribuição desse trabalho seja relacioná-la com a autointertextualidade, uma vez que ata dois princípios de fundamental importância à compreensão do universo narrativo da autora. [...] Temas, motivos, figura e imagens cosntantemente retomam e fazem com que os textos conversem, remetendo-se – direta o indiretamente – uns aos outros. Uma literatura que ecoa e aproveita esses ecos em função de se autoexaminar sustenta-se também de si mesma e, por isso, constrói a ponte entre os ecos e uma metaficção que extrapola o texto em si e avança à obra toda da autora, ou seja, alça-se ao que tem de autoconsciência e autorreflexividade em seu projeto estético (CARETTI, 2017, p.169-170).

No narrar de Teolinda, o clássico antagonismo entre homem e mulher não é tratado como um dualismo em busca da superioridade, mas de recuperação de liberdade e autonomia. A contraposição ocorre não somente por meio do confronto explícito, mas, sobretudo, de forma diluída nas ações e pensamentos que se dão no nível pessoal e íntimo, através do silêncio, que é um elemento marcante na escrita gersiana por ser uma de suas contestações centrais.

Duarte (2005, p. 50) analisa que, "para Teolinda, escrever é romper o silêncio". Desde sua primeira obra, no conflito entre Lídia e Afonso em *O silêncio*, a autora tem denunciado que a existência e a manutenção do impedimento e/ou da dificuldade de comunicação entre as pessoas é conveniente a quem se sente favorecido ou se encontra em

[16] O dialogismo ente os textos de Teolinda foi evidenciado no levantamento acerca da velhice na produção da autora no período de 2002 a 2016, de forma que algumas dessas ocorrências serão suscitadas nas análises realizadas no capítulo 5, assim como o significado que trazem ao conjunto aparecerá entre as conclusões desta pesquisa. Entretanto, esse aspecto merece receber um estudo específico e aprofundado no tocante à temática da velhice no conjunto dessas obras, por se tratar de um viés significativo com possibilidade de ampliar as constatações a que chegou a pesquisadora da UNESP.

situação de autoridade em relação ao outro, principalmente entre homens e mulheres e pais e filhos.

A expressão do silenciamento vem sutilmente construído no enredo das narrativas, dissimulado no discurso do narrador ou, ainda, expresso na disposição espacial gráfica no papel. Operando um intrincado jogo entre o ficcional e o real, o impedimento da expressão explícita da voz das personagens é um fator que acentua a restrição espacial de existência, impelindo-a a outros caminhos de expressão na composição textual, como as referências simbólicas e a ligação com outros espaços onde a inexatidão predomine, ampliando, assim, as possibilidades de fuga e subversão pela fluidez da água, pelo devaneio e pelo imaginário através do olhar e do sonho (DIAS, 2008; FARIA, 2007). Esse aspecto será retomado na análise do conto "Água-marinha", no item 5.4.

### 4.2.1 O espaço na escrita gersiana

> *"A vida interior das personagens interessa-me por isso de uma maneira central – porque é aí, na mentalidade das pessoas ou em nenhum lugar, que as revoluções, de fato, acontecem".*
>
> (Teolinda Gersão)

Nos textos de Teolinda, o espaço ficcional não se restringe a aspectos da espacialização geométrica, ele se configura ricamente representado como o "mundo vivido" das personagens, onde se inscrevem as experiências que originam (ou desconstroem) a geograficidade com o lugar.

Segundo Dias (2008) e Gomes (1993), a configuração do espaço na produção romanesca da autora segue a tendência da produção nas últimas décadas em Portugal, na qual observam que há um impulso de renovação na forma e sentidos, mas com intenso apego ao contexto histórico recente do país:

> Sejam quais forem as tendências da literatura portuguesa surgida após 74, todas carregam uma mesma matriz - o espaço da terra como sentimento vital para o universo do romance: "a terra como paisagem, a terra como sociedade, a terra como lugar do humano, a terra como espaço do drama político, a terra descentrada - as Áfricas - a terra como exterior - os exílios, as viagens". E poderíamos acrescentar, no caso de Teolinda: a terra como impulso para o exílio em outro espaço - o da interioridade subjetiva (DIAS, 2008, p.32).

Essa referência espacial se inscreve em uma perspectiva crítica, marcada pelo conflito entre a afeição ao mundo português e a necessidade de contrapor-se a aspectos a ele

relacionados, como ocorre incisivamente nos romances *O silêncio, Paisagem com mulher e mar ao fundo, A árvore das palavras* e *A cidade de Ulisses,* por exemplo. Nesse sentido, ao analisar a abordagem da mitogenia na escrita gersiana, Dias (2011, p. 179) conclui que, ao escrever as pessoas em conflitos e enfrentamentos com o espaço português, Teolinda sugere que "a dificuldade de abandonar o conhecido, porém insustentável, não é menor que a necessidade de buscar outro caminho, seja qual for".

Por toda a produção de Teolinda é evidente que o nacionalismo nunca supera a expressão humanista. Na produção contística, a perspectiva de desajuste/confronto com o espaço permanece, mas a referência ao contexto português tem sido menor. Como explica a própria pesquisadora ao se referir à produção contística como uma "nova poética":

> Nos contos, não é mais Portugal a grande personagem mas uma cultura contemporânea, que pode ser qualquer país, onde questões de natureza complexa despontam como resultado da grande tensão entre necessidades ou impulsos individuais e a reificação gerada pela sociedade tecnológica com seus meios devoradores de produção: incomunicação, traições, desencontros, egoísmo, manipulação, automatismo, inconsciência, crueldade (DIAS, 2008, p. 401 *apud* SOUTO, 2014, p. 35).

De forma complementar, convém destacar que Conrado (2016, p. 6), ao se referir à produção contística gersiana, observa que, em alguns textos, como "O leitor" e "As tardes de um viúvo aposentado", há uma flagrante ligação da ficção "ao lugar perfeitamente localizado numa geografia afectiva quase sempre presente – a cidade de Lisboa. O não-lugar, a não ser a título muito excepcional, não cabe nos contos de Teolinda". De fato, os textos da autora não trazem comumente uma referencialidade tão explícita como nos dois contos citados e, ainda que tenham esse aspecto, as temáticas abordadas não se restringem à realidade local: elas remetem a experiências vivenciadas em espaços diversos no contexto do mundo contemporâneo ocidental, comentado por Dias (2008); como Souto (2014) que identificou alguns temas nos contos de *A mulher que prendeu a chuva e outras histórias* e o presente estudo que destacará a velhice, como se encontra analisado no capítulo 5.

Na retratação de experiências das mulheres, os espaços focalizados na escrita gersiana são derivados, principalmente, da vida pessoal e familiar na qual a casa possui grande importância sendo o espaço do qual há variações, como a sala, o quarto, o ateliê, o espelho, a janela, a porta, o quintal; todos em uma profunda relação com a interioridade subjetiva, explorados simbolicamente em oposição à exterioridade, que normalmente é o espaço das forças antagônicas.

Se Bachelard (2008) destaca a casa como o local de aconchego, intimidade, refúgio e segurança, onde o ser humano vivencia a mais profunda sensação de habitar; nas obras de Teolinda, esse lugar possui um valor vacilante porque, além do significado topofílico bachelardiano, a casa remete à opressão e ao aprisionamento da tradição patriarcal sobre a existência feminina, sendo um lugar simbólico central das experiências de enquadramento, conformação e submissão vividas por mulheres.

Assim, o espaço doméstico, sobretudo a casa em ordem, é um lugar conflitante entre proteção e reclusão, ligando-se diretamente ao silenciamento das mulheres e à sua necessidade de busca por outros espaços, principalmente, os fluidos (água) e oníricos (sonho e o devaneio - olhar, contemplar). Como observa Faria (2007, p. 83) a respeito da relação entre a mulher e o espaço onírico na obra de Teolinda, "A temática da emancipação da mulher surge sempre nos sonhos, quer directa, quer indirectamente. O sonho e a capacidade imaginativa criam espaços de fuga para as personagens, sobretudo, as sonhadoras femininas".

Essa abordagem volta-se ao espaço da subjetividade das personagens e permite a sondagem de seu mundo interior em um realismo denominado por Dias (2008) de "realismo intimista". Como reconhece Real (2015, p.1), ao analisar esse aspecto na obra *Passagens* da autora:

> Com efeito, o novo realismo de Teolinda Gersão não é feito da mesma massa do realismo prevalecente no romance português entre os finais do século XIX e a década de 1950. Não só não respeita a cronologia como assenta em situações e momentos sociais instantâneos simbólicos, uma espécie de nós semânticos e ideológicos do texto, condensadores do tempo, pelos quais confluem passado, presente e futuro. [...] . Maria Helena Martins Dias designa com acerto esta arte de contar uma história por Teolinda Gersão como "realismo intimista"[...]: realismo, porque dirige o texto à representação do real; intimismo, porque este é representado por via da consciência da narradora ou das personagens.

A interioridade subjetiva ficcionalizada na escrita gersiana favorece a abordagem humanista cultural do espaço em suas obras por permitir que se vislumbrem paisagens existenciais ligadas à objetivação do mundo real, uma forma de articulação entre o externo e o interno, o objetivo e o subjetivo na percepção e nas experiências vividas pelas personagens.

Retomando a citação inicial, para Teolinda a "[...] a terra (serve) como impulso para o exílio em outro espaço - o da interioridade subjetiva" (DIAS, 2008, p. 32). Experiências como o "mergulho vertical" na interiorização reflexiva vivenciadas pelas personagens como um distanciamento do mundo externo que as oprime e contra o qual anseiam uma reação: "A óptica feminina que assim se manifesta na ficção de Teolinda desenvolve modelo de percepção de seu ser mais profundo, ao empreender a descida em si

mesma [...]" (DIAS, 2008, p. 194). Trata-se de uma espécie de exílio subjetivo com o intuito de retirar-se temporariamente para rever a realidade, recobrar sentidos e força para reinventar-se como sujeito.

Na trajetória de suas personagens, identificados as angústias, as satisfações, os anseios, há sempre opções: ignorar a constatação e se acomodar à realidade ou reagir com a disposição de enfrentar as tradições, o *status quo*, a dor de abdicar de uma realização imediata, porém parcial. Essa última escolha implica na construção da própria identidade, sua história, no entanto um caminho a ser percorrido sem garantias e segurança. Reflexo da dinamicidade dos valores humanos no mundo atual, essa foi a opção de protagonistas, como Lídia, de *O silêncio*, e Cecília, de *A cidade de Ulisses*, e as jovens Júlia e Gita, de *Os teclados* e *A árvore das palavras*, respectivamente. Não se tratam de ações frívolas e superficiais, mas da busca por uma existência autêntica, cujas vivências sejam significativas ao indivíduo para que ele não se apague em meio à rotina, no vazio de somente viver para cumprir papéis esperados, pré-estabelecidos.

Sendo um efeito menos usual nas narrativas breves de Teolinda, essa experiência aparece em alguns de seus contos, como em "Uma tarde de verão" (*Prantos, amores e outros desvarios*, 2016). Nessa narrativa, o prosaico tema do reencontro entre ex-namorados em uma tarde ensolarada em frente ao mar ganha contornos poéticos e existenciais. A partir do momento em que o casal chega à praia, o discurso narrativo altera-se e a personagem feminina assume a narrativa integralmente. Estabelecem-se duas narrativas que seguem paralelas: a dos fatos vividos cronologicamente e a das digressões do tempo psicológico.

Essa voz feminina reinventada serve como mecanismo de intervenção pessoal e interpessoal. As reflexões de cunho intimista da personagem feminina, ao longo da narrativa, lhe causam desestabilização emocional inicial por se reencontrar com emoções, sentimentos, pensamentos e lembranças oprimidas. Porém o aprofundamento em sua subjetividade lhe permite recompor o passado face ao presente e elaborar uma compreensão emancipadora de si mesma, uma ressignificação da vida que também interfere na forma como se relaciona com as demais pessoas (SILVA, 2017).

Assim como ocorre na composição do conto "Uma tarde de verão", em muitas narrativas de Teolinda, o espaço narrativo encontra-se em uma perspectiva dialógica com o foco narrativo e o tempo, tal como será suscitado nas análises dos contos neste estudo.

## 4.3 A produção contística

> *"[...] algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. Só com imagens se pode transmitir essa alquimia secreta que explica a profunda ressonância que um grande conto tem em nós [...].*
>
> (Julio Cortázar).

A origem universal do conto se confunde com o próprio ato de contar estórias do ser humano, seguindo um percurso que passa pela tradição oral ao progressivo registro dessa modalidade ao longo dos séculos, mas, no contexto português, segundo o professor João Alves das Neves (1982), a tradição desse gênero origina-se no século XVI, com a obra *Contos e histórias de proveito e exemplo*, de Gonçalves Fernando Trancoso. Tendo permanecido com caráter apologético religioso até alcançar uma feição mais histórica nas produção de Alexandre Herculano no século XIX. Período em que, já no contexto do Realismo, Eça de Queirós desdobra o conto "A civilização" no romance *A cidade e as serra*s e ainda cultiva os dois gêneros, iniciando, assim, a tradição de romancistas ou novelistas tornarem-se também exímios contistas e não somente prosadores, pois poetas também o fazem.

O pesquisador afirma que, no percurso da evolução literária portuguesa, houve sempre grandes nomes que cultivam o conto de forma restrita ou mais ampla, na fase inicial ou mais tardia de suas carreiras, sempre enriquecendo-o com a originalidade própria de sua estilística. Sendo possível traçar uma "[...] linha imaginária que parte de Aquilino Ribeiro, passando por José Régio e Torga e continua com Alves Redol ou Virgílio Ferreira [...]" (NEVES, 1982, p. 20). Além dos citados, a antologia pelo pesquisador inclui Irene Lisboa, Ferreira de Castro, José Rodrigues Miguéis, Fernando Namora, Jorge de Sena, Amândio César, Mário Braga, Maria Judite de Carvalho, Agustina Bessa-Luís, António Quadros, José Cardoso Pires, Fernanda Botelho, David Mourão-Ferreira, Luísa Martinez, Maria Ondina Braga, entre outros.

A produção e a importância do conto na literatura portuguesa chegou ao século XXI com vivacidade e apreciação do público leitor de tal forma que "podemos olhar, na sua diversidade, como uma manifestação característica também de nossa contemporaneidade", afirma a Maria Isabel Rocheda na apresentação de *Conto português (séculos XIX-XXI)*: antologia crítica, uma publicação resultante de projetos acadêmicos desenvolvidos na Universidade de Lisboa (ROCHEDA; MARTINS, 2006, p. 10). Sendo mais recente que a organizada pelo professor Neves, destacadamente essa publicação contempla os

contemporâneos Mário de Carvalho, Lídia Jorge, Herberto Hélder, Teolinda Gersão, José Saramago, Mário-Henrique Leiria, M.S. Lourenço e Maria de Menezes.

É, portanto, como herdeira de uma profícua tradição literária que, em 2002, Teolinda Gersão também inicia sua produção contística com uma sequência de três publicações desse gênero: *Histórias de ver e andar* (2002), *O mensageiro e outras histórias de anjos* (2003) e *A mulher que prendeu a chuva* (2007). Depois publicou três romances e, em 2016, retorna aos contos com *Prantos, amores e outros desvarios*, sua publicação mais recente até o momento, uma vez que a autora informou nas redes sociais que publicará uma nova coletânea de contos em janeiro de 2019.

Tal produtividade, alternância entre os gêneros e, sobretudo, qualidade dos textos, estão fazendo com que Teolinda seja reconhecida como excepcional contista, assim como é enquanto romancista.

A percepção apurada de Massaud Moisés permitiu reconhecer a maestria da face contista de Teolinda na primeira leva de contos publicados em 2002, a partir de uma análise do conto "A velha", sobre o qual afirma que

> Esta obra-prima em matéria de conto equipara-se ao melhor que a tradição literária apresenta nessa área aparentemente fácil da criação literária. É inimaginável que o leitor resista à comoção que a narrativa destila e comunica às pessoas que se abeiram da história da protagonista. Num misto de lirismo e transcendência , narra-se o dia a dia de uma velha. Viúva, solitária, longe dos filhos e netos [...] A linguagem em que está vazada esta história de exemplo e proveito serve com perfeição às características aqui sumariadas do conto da escritora portuguesa: timbrado por uma leveza densamente iluminada, de quem cuida muito não perturbar o remanso do cotidiano da velha senhora, o estilo flui com serenidade [...] como é típico da mais inventiva e original prosa narrativa (MOISÉS, 2012, p. 726-727).

Tal reconhecimento evidencia que a autora incipiente da adolescência cedeu lugar à escritora, mas, até chegar a esse ponto, Teolinda se sentia desafiada por esse gênero, como admitiu em uma entrevista em 2013, na qual fala sobre a o início de sua dedicação ao conto:

> Achava o conto um género muito difícil. […] Achava o conto centrado em vez de ser em personagens em situações, onde não há espaço para desenvolver personagens, nem para desenvolver conflitos, porque ele é muito curto, não se pode espraiar, é muito concentrado e também não pode ter deslizes. O conto tem de ser tremendamente rigoroso. Eu achei que não era capaz […] e a seguir comecei a escrever contos. Saíram, de repente, uma série de contos que ficaram no livro que se chamou *Histórias de ver e andar* que tem outra vez algo a ver com viagem, com infância. Eu escolhi o título porque *Histórias de ver e andar* era o nome que os árabes davam aos livros de viagens nos séculos XVI e XVII e a minha ideia é que hoje já não temos mundos a descobrir. Não é preciso viajar para longe para encontrar o insólito ou o

> desconhecido, basta olhar à nossa volta, dentro da nossa própria casa ou na porta ao lado. Há coisas a descobrir debaixo da superfície do quotidiano. O desconhecido mora ao lado; depende da maneira de ver e de andar. Portanto, andando pelas ruas de Lisboa, encontramos o quotidiano e, se pensarmos sobre ele, vemos muitas coisas que para nós também eram desconhecidas. Foi daí a génese dos contos (GERSÃO, 2013b)[17].

Assim como na produção romanesca, Moisés (2012) e diversos outros pesquisadores associam a qualidade da composição textual, as temáticas e o tom intimista dos contos de Teolinda aos de Clarice Lispector (1920-1977). E, ainda, são suscitadas aproximações entre a escrita gersiana e a da também portuguesa Maria Judite de Carvalho (1921-1998), como observou Conrado (2016, p. 1):

> Aproxima-as um mesmo rigor no governo da língua, afasta-as as linhas divergentes de resolução dos conteúdos ainda que com horizonte de fundo semelhante: na autora de *As Palavras Poupadas* o desfecho dos contos é irremediavelmente pessimista, Teolinda Gersão faz interagir na evocação dos cenários da vida comum por igual deprimentes (o envelhecimento, a depreciação dos afectos e das coisas, as mudanças de comportamento nos seres humanos subitamente diminuídos pela doença, designadamente as doenças relacionadas com a perda da memória, a solidão urbana dos excluídos da vida prática) uma chispa de magia que recolhe das zonas subliminares dos seres humanos recriados efeitos fantasmáticos peculiares com uma energia que protege o sentido das suas histórias dos desesperos radicais.

A proximidade entre as contistas portuguesas igualmente é aludida por Vieira (2013) no estudo dissertativo que investigou a temática do envelhecimento na narrativa breve de autoria feminina (conto, crónica, fragmento), em que analisa também produções de Fernanda Botelho e Maria Isabel Barreno.

Considerando que parte do estudo de Vieira (2013) contempla a velhice na produção contística de Teolinda, ainda retornaremos a ele no próximo item. Na continuidade deste, convém, ainda, destacar alguns outros aspectos selecionados na fortuna crítica sobre contos de Gersão que são pertinentes a esta pesquisa, em complementação aos já apresentados nos itens anteriores.

A professora Elzira Divina Perpétua analisou o foco narrativo em contos de Teolinda na obra *Histórias de ver e andar* (2002) e em suas conclusões destaca que as estratégias utilizadas pela autora para construir os sujeitos ficcionais (autor, narrador, personagem e o leitor), "ao contrário do que possa parecer numa leitura rápida, não apenas dá profundidade ao narrado, mas oferece ao leitor um redimensionamento das possibilidade da linguagem" (PERPÉTUA, 2005, p.2), servindo ainda como "um dos modos de inscrição do social através da ficção [...]" (PERPÉTUA, 2005, p.6).

[17] Ideias semelhantes encontram-se em Santos (2012, p. 210).

A crítica social evidenciada pela professora é um aspecto marcante na produção contística da autora, como uma quase inevitável necessidade de tratar da realidade, recriando-a de forma a ressoar provocação crítica no leitor. Nesse sentido, ao estudar a relação entre ética estética na produção dos anos 2000 de Teolinda Gersão, Santos (2012, p. 11) observa que a autora exerce o poder da contação de história (*story telling*, de Walter Benjamin), sendo ela própria a contadora de estórias cuja criação se dá pela reunião de elementos pré-existentes e conhecidos com proximidade. Como explica Teolinda: As "[...] histórias pertencem a toda a gente, nós, os narradores, só lhes damos forma, mas no fundo não estamos a criar a partir do nada [...] Isso me interessa como contadora de estórias" (GERSÃO *apud* SANTOS, 2012, p. 214).

Maria Inês de Moraes Marreco, em um estudo intitulado *Teolinda Gersão*: *uma contista portuguesa com certeza* (2012), sintetiza os traços que caracterizam essa produção:

> A autora portuguesa propõe uma nova perspectiva para os fatos e os conceitos consagrados pela lógica. Adota como estratégia da sua narrativa, além da ironia, a desconstrução, o humor, a metaficção, a narrativa breve, com histórias que apresentam a densidade psicológica, a arte da simplicidade e também da leveza. Sem nada a mais ou a menos se coloca como mestra absoluta dos desfechos na hora exata (MARRECO, 2012, p. 436).

No tocante ao elemento irônico em contos gersianos, destaca-se também o estudo realizado por essa pesquisadora com base na acepção de ironia como "[...] uma atitude do espírito diante do problema de existência, uma tomada de posição filosófica na questão fundamental das relações do eu e do mundo" (BOUGEOIR, 1994, p. 78 *apud* MARRECO, 2012, p. 436). Ela conclui que o emprego desse recurso nas narrativas breves da autora servem-lhe de mecanismo que disfarça ou suaviza os temas cáusticos que ela deseja abordar, assim como denuncia o jogo de fingimentos e hipocrisias entre o ser e parecer, implicados na vida em sociedade. A pesquisadora explica que

> Os motivos da ironia: máscaras, fingimentos, sonhos, jogos, contradições, etc., encontrados nos contos da escritora portuguesa, estão ligados a uma função fundamental da narrativa – mergulhar o leitor num equívoco benfeitor, isto é, aumentar as possibilidades de interpretação dos contos. Na verdade, o tom de ironia instiga o espírito do leitor, ou melhor, o atrai. Isso significa que o autor se vale da ironia deliberadamente como peça fundamental da sua criação artística. E, se ele usa essa estratégia, demonstra que, de certa forma, encontrou a possibilidade de brincar com o real sem se perder no imaginário ou no arbitrário (MARRECO, 2012, p. 436)

No emprego das referências simbólicas das narrativas de Teolinda, além das imagens utilizadas, corrobora a sutileza com que são inseridas no contexto de verossimilhança na narrativa, como observado por Conrado (2016, p. 2-3):

> o estilo literário de Teolinda Gersão é serena e elegantemente unicitário, não se modificando, em geral, [...] da existência material para territórios subjectivos [...]. Às tantas ele, leitor, surpreende-se a rebolar no desfiladeiro onírico empurrado pelo léxico comum que numa versão objectiva, sem colisão sintática, dá do "sonho" a ideia de "coisa útil", de utensílio, uma espécie de cinzel.

Essa forma de abordar o real entremeado ao onírico e ao fantástico também aparece na observação do professor José Rodrigues Paiva a respeito do signo simbólico em narrativas breves de Teolinda Gersão. Segundo o pesquisador, o elemento simbólico mostra-se tão importante para a autora quanto o é o real literariamente transfigurado: "E são estes alguns dos elementos fundamentais da 'poética' narrativa de Teolinda: o real, o onírico, o poético (mesmo sentido do lírico), o 'estranhamento', o fantástico [...]" (PAIVA, 2015, p. 135).

Souto (2014, p. 116), em dissertação de mestrado acerca da relação entre espaço e violência em contos da obra *Histórias de ver e andar* (2002), afirma que "Espaço e violência se entrelaçam nos contos que se passam em grandes espaços urbanos [...] (e) o ser humano [...] quando confrontado com o desconhecido ou com um espaço hostil, manifesta a violência aos mais variados níveis, simbólico ou prático".

Como manifestado na fortuna crítica (e nos depoimentos da autora), a produção do conto gersiano mostra-se uma composição artisticamente sofisticada pela associação entre intensidade e concisão que caracterizam esse gênero. Esses aspectos exigem uma elaboração significativa dos seus elementos da narrativa que, eliminando o supérfluo, explora a intensidade e a extensão breve das situações para envolver o leitor e permanecer junto a ele após terminada a leitura inicial, tornando-se, assim, uma produção "excepcional", como teorizado por Julio Cortázar em seu ensaio *Alguns aspectos do conto* (1993), no qual apresenta reflexões teórico-críticas sobre esse gênero literário. O conto considerado excepcional, explica o crítico argentino, não é o que traz o acontecimento fantástico ou extraordinário, mas o que se torna inesquecível a quem o lê, e esse efeito decorre do conjunto da produção, não dependendo de um único aspecto em especial.

Segundo Cortázar (1993), o conto está analogamente para a fotografia como o romance para o cinema, a restrição de espaço não implica em uma redução da complexidade do fato ou do trabalho estético tanto na narrativa curta quanto na fotografia. A analogia consiste em ambas concentrarem um recorte da realidade, um "fragmento" capaz de indicar uma realidade muito mais ampla.

Esse aspecto de abertura relaciona-se a uma hermenêutica fundamentada no jogo narrativo de forma que uma leitura que se pretenda mais aprofundada desse gênero não pode

ignorar a relação entre o tempo e o espaço nas vivências das personagens, as referências simbólicas, a manipulação do foco narrativo, o emprego das ambiguidades e da ironia, a organização do enredo e outros pormenores no modo de narrar da autora, pois certamente nada está posto por acaso.

A atenção a esses aspectos justifica-se também pelo fato de que é por meio desses recursos que serão alcançadas as duas histórias que os contos parecem sempre contar, como previsto por Piglia (2004, p. 87-91) em uma de suas teses sobre as "formas breves". O escritor e teórico argentino afirma que tais narrativas possuem um caráter duplo: sempre contam duas histórias simultaneamente, sendo uma o relato visível e a outra, o conteúdo que vem implícito no primeiro, sendo expresso de forma cifrada.

E, ainda, que o considerado conto clássico ou tradicional, de Edgar Allan Poe, contava uma história anunciando que havia outra. Modernamente, as duas histórias são contadas como se fossem somente uma, sendo a segunda construída de forma cada vez mais esquiva, dissimulada "com o não-dito, com o subentendido e a alusão"; e, a exemplo de Hemingway, o mais importante que nunca é contado, somente são oferecidos indícios na estrutura composicional para que seja encontrado pelo leitor. Como explica na sexta tese (PIGLIA, 2004, p. 91):

> A versão moderna do conto, que vem de Tchekhov, Katherine Mansfield, [...], abandona o final surpreendente e as estrutura fechada; trabalha a tensão entre as duas histórias sem nunca resolvê-la. A história secreta é contada de um modo cada vez mais elusivo.

Destaca-se que a valoração do que seja um elemento supérfluo ou significativo varia de uma narrativa para outra, mas não é "um sentido oculto" e uma questão de interpretação, mas sim de depreender o sentido expresso na tessitura textual.

Os aspectos teóricos presentes nos estudos de Cortázar (1993) e Piglia (2004), assim como os suscitados pelos estudos acadêmicos citados acerca da produção contística de Teolinda trouxeram significativas contribuições reflexivas no sentido de ampliar e aguçar o olhar analítico em relação aos recursos composicionais implicados na leitura do espaço entrelaçado à velhice, nos contos selecionados. Dessa forma, as análises que serão realizadas em torno do espaço nos contos buscarão, à luz da literatura e da Geografia Humanista Cultural, a geograficidade expressa nas histórias contadas, a aparente e a secreta, servindo-se tanto do que é apresentado na superfície quanto do que é veiculado por meio do diálogo entre aspectos da tessitura textual (como as ações/experiências nos espaços de circulação das personagens, as sensações sentidas nos lugares, os valores atribuídos, a diegese e a trama -

organização do enredo, o foco narrativo, as referências simbólicas, o emprego do tempo cronológico e psicológico, a caracterização das personagens, o uso de ironia e outros).

## 4.4 O tema do envelhecimento na sua relação com o espaço vivido

> *"A vida conserva um valor enquanto atribuímos valor à vida dos outros, através do amor, da amizade, da indignação, da compaixão".*
>
> (Simone de Beauvoir)

Desde a obra inaugural da produção de Teolinda, sempre houve personagens idosos em suas narrativas, mas com importância secundária, complementar. No entanto, essas figuras e o tema da velhice em geral passaram a ser abordados de forma central em suas produções de 2002 a 2016, sobretudo nos contos. Foram identificados nove nesse gênero e um romance focalizando a velhice e/ou o envelhecimento e tendo protagonistas idosos: o romance *Passagens* (2014) e os contos "A velha" e "A defunta" (*Histórias de ver e andar,* 2002), "As tardes de um viúvo aposentado" e "Avó e neto contra vento e areia" (*A mulher que prendeu a chuva e outras histórias,* 2007), "As mimosas", "Mal-entendidos", "Vizinhas", "A mulher cabra e a mulher peixe" e "Água-marinha" (*Prantos, amores e outros desvarios*, 2016)[18].

A leitura dessa produção permitiu evidenciar que cada narrativa traz uma representação de aspectos relacionados à velhice e ao envelhecer, em um evidente viés de denúncia social. As nuances abordadas referem-se ao cotidiano das relações humanas contemporâneas, como os velhos se relacionam com o mundo e o mundo com eles, ressaltando a complexidade das vivências com os familiares e as demais pessoas do cotidiano social, assim como outras temáticas paralelas ligadas à condição da mulher na sociedade atual. As perspectivas de velhice envolvem o convívio entre gerações, sobretudo mãe e filhos, avó e netos; a integração do idoso à família como pessoa útil, afetividade e diálogo entre a família e o idoso, solidão, aposentadoria, viuvez, isolamento, vulnerabilidade, abandono afetivo e material, perda da autonomia, o cuidar e a afetividade em relação ao idoso senil, a condição da mulher como cuidadora profissional e na família, amizade, morte, suicídio, eutanásia, memória, sexo (na velhice masculina) e outros (Apêndice A).

Ressalta-se que a revisão de literatura sobre a velhice, focalizada nessas obras, revelou que ainda há poucos estudos acadêmicos que abordam esse recorte. De forma que

[18] O estudo na presente dissertação contempla os quatro contos da obra *Prantos, amores e outros desvarios* (2016) que trazem experiências femininas de ligação com o lugar, vividas na velhice, nomeadamente "As mimosas", "Mal-entendidos", "Vizinhas" e "Água-marinha", que serão analisados à luz da Geografia Humanista Cultural.

foram encontrados o artigo "Transfigurações da velhice no conto 'A velha', de Teolinda Gersão", de autoria de Isa Severino, publicado na revista *A luz de Saturno* (Universidade de Aveiro), em 2005; a resenha "*Passagens*: *uma meditação"*, escrita por Bruno Mazolini de Barros (PUCRS), publicada na revista *Desassossego* (USP), em 2017; o artigo "O teatro da existência e da resistência: A velhice em *Passagens*, de Teolinda Gersão", de Ana Carolina Caretti (UNESP - Araraquara), publicado na revista *Forma Breve*, em 2014; e a Dissertação de Mestrado intitulada "Em tom menor: o envelhecimento na narrativa breve de autoria feminina", realizada por Judite de Jesus Rosa Judas da Cunha Vieira, na Universidade de Aveiro, em 2013. Essa pesquisa contemplou, além de textos de outras autoras portuguesas (como já referido no item anterior), os contos de Teolinda: "A velha" e "A defunta", da obra *Histórias de ver e andar* (2002), assim como "As tardes de um viúvo aposentado" e "Avó e neto contra vento e areia", de *A mulher que prendeu a chuva e outras histórias* (2007).

Dentre esses estudos, o de Vieira (2013) dialoga mais diretamente com a presente pesquisa por ter se voltado à produção contística, embora analisando textos diferentes e com perspectiva investigativa também distinta. A pesquisadora buscou identificar as estratégias técnico-narrativas associadas ao tratamento ficcional do envelhecimento pelas autoras selecionadas e esse estudo trouxe significativas contribuições à presente pesquisa, principalmente, em relação às considerações acerca da relação entre a especificidade genológica e a temática da velhice:

> Julgamos não ter sido casual a escolha que as escritoras em análise fizeram destas tipologias textuais breves para abordar a temática da velhice. É uma etapa da vida onde mais acentuada se torna a noção da disjunção entre o tempo cronológico e o tempo psicológico, em que se tem a perceção de que se caminha vertiginosamente para o fim, pelo que é necessário saber gerir com rigor o tempo que ainda falta. O mesmo imperativo do fim iminente regula a lógica diegética das formas breves.
> Poderemos considerar a existência de um paralelismo entre as características desta fase da vida humana e os géneros literários escolhidos, exigindo do seu autor uma essencialização de meios narrativos, tal como na terceira idade há que distinguir o que é importante do que é acessório.
> [...]. Com efeito, as estratégias de essencialização narrativa – condensação diegética, depuração verbal, captação do instantâneo – são indissociáveis da exploração de um específico efeito de leitura, em função do qual o leitor se torna cúmplice da pequena tragédia quotidiana destes velhos, como se a (escassa) vida que lhes resta se escoasse ao ritmo da história (breve) que se conta (VIEIRA, 2013, p. 18).

Outros aspectos relevantes entre esses estudos serão oportunamente retomados. Convém agora destacar aspectos conclusivos da pesquisa no tocante aos quatro contos analisados:

> Na realidade, a leitura comparativa destes contos permite deduzir que, independentemente das condicionantes de género, o denominador comum que aproxima os quatro protagonistas velhos é a solidão. As personagens femininas são viúvas, falam dos filhos e dos netos, mas parecem manter uma autonomia que lhes permite planear rigorosamente o seu quotidiano esvaziado de presenças humanas. [...] (VIEIRA, 2013, p.67).

> Efetivamente, as protagonistas destas narrativas não assumem uma postura invariante face à velhice: a avó e o aposentado, pela resiliência evidenciada, distanciam-se do aparente conformismo revelado pela velha e pela defunta. Embora estas personagens pareçam assumir uma postura distinta relativamente ao papel social e familiarmente válido que ainda desempenham, no seu íntimo lutam para que lhes reconheçam essa utilidade. Pressentindo-se, contudo, descartados e condenados a uma obsolescência que sabem não corresponder ao seu estado, não deixam de enunciar a sua frustração em face desse destino de invisibilidade (VIEIRA, 2013, p.71).

Embora a motivação de Teolinda para escrever sobre a velhice não seja o foco principal deste estudo, nota-se que seus textos expressam sua sensibilização pessoal e consciência social frente a esse universo temático. Como revelou em entrevista concedida ao *Jornal de Notícias*, ao responder sobre como se sentia escrevendo a respeito dessa temática:

> Eu escrevi, sobretudo, vendo desaparecer pessoas muito próximas. Quando perdi o meu pai, tinha 42 anos. A minha mãe morreu há cinco anos, com 100 anos, e eu acompanhei o declínio dela e o processo de envelhecimento. Assumo essa realidade, vivo-a, sofro-a, partilho-a com todos os outros. Também penso que não estamos a proteger os idosos como eles precisam. Há muitas pessoas a viverem sozinhas, a não terem os cuidados médicos que precisam, a serem pressionadas para saírem das suas casas porque alguém quer fazer dali um hostel ou um negócio à custa da fragilidade. Os lares não funcionam, levam preços exorbitantes e o que fornecem são os cuidados mínimos. Quanto ao meu próprio envelhecimento, ainda não o sinto e faço os possíveis por não pensar muito nele. Quando desaparecer, desapareci. Espero que seja de uma maneira rápida e indolor, uma coisa fulminante (GERSÃO, 2017).

Essas preocupações da autora estão expressas em suas narrativas e algumas são abordadas de forma recorrente em várias obras, assim como nos contos que serão analisados. Dessa forma, algumas dessas ocorrências de autointertextualidade e de intertextualidade com outros autores, serão suscitadas nas análises a serrem realizadas no capítulo 5.

Assim como observado nos contos analisados por Vieira (2013), constatou-se que, em todas as narrativas, há a expressão em maior ou menor intensidade de certo saudosismo e valorização das memórias, tanto como forma de confirmação de sua identidade no tempo atual, quanto como expressão de um desejo de se religar com o passado pessoal em função de uma desconexão com o mundo presente circundante. Como comenta Teolinda Gersão (2016g): “De facto, não é raro os idosos tornarem-se intransigentes e quererem que as coisas se mantenham como sempre foram, sem mudanças nem alterações. Querem viver num tempo que já não existe”.

As protagonistas de Teolinda, no universo temático da velhice, são predominantemente femininas, no papel social de mães e filhas, havendo somente dois protagonistas homens, até o momento: "As tardes de um viúvo aposentado", da obra *A mulher que prendeu a chuva e outras histórias* (2007) e "Mulher cabra e mulher peixe", de *Prantos, amores e outros desvarios* (2016), o que se mostra de acordo com o universo estilístico da autora centrado na figura da mulher. Além disso, observou-se que Teolinda distingue as representações de velhice feminina e masculina; aspecto também evidenciado por Vieira (2013). A referida experiência de desconexão com o presente e a visão da velhice como uma etapa da vida em que se está mais suscetível a sofrer perdas e à solidão são dois aspectos comuns aos dois gêneros, mas, em relação a outros quesitos, essas representações são claramente díspares. Aspecto que enseja estudo específico.

Outro aspecto relevante é o reconhecimento da casa como o espaço narrativo central em quase todos os textos de Teolinda em que trata sobre velhice. Somente no romance *Passagens* o asilo é o ambiente central da narrativa. A esse respeito, Caretti (2014, p.191-192) observa:

> A problemática criada em torno dos lares para idosos divide-se em prós e contras, com opiniões que são favoráveis à sua postura institucional por considerarem que eles se ajustam às necessidades dos gerontes e colaboram com um envelhecimento eficaz, bem-sucedido. Mas as opiniões contrárias apontam para o fato de que, nesses lares, o que impera é quase sempre a falta de afetividade, tanto dos funcionários, muitas vezes insensíveis aos residentes, quanto dos próprios idosos, tendo em vista que foram desvinculados de seus pertences, desfamiliarizados de seu universo habitual e desenraizados de seus amigos e vizinhos, o que pode levá-los a uma acelerada degeneração física e mental. São muitos os trechos de *Passagens* em que notamos estas características negativas relacionadas aos abrigos, como os que já destacamos acima. Não se pode dizer, no entanto, que alguma bandeira é levantada em favor de um ou outro ponto de vista, mas conseguimos identificar vários tipos de tratamento que parecem ser padrões nesses locais, dentre os quais a indiferença, o abandono, a solidão e a clausura.

Nesse sentido, frequentemente, asilos ou "lares" de idosos são ambientes considerados lugares com pouca ou nenhuma lugaridade, a ponto de serem considerados meros espaços.

A composição do universo poético de Teolinda sugere que as experiências vividas pelas personagens não aludem somente a uma relação objetiva e física com o espaço, mas há uma expressão de significados existenciais, por haver integração entre a paisagem e a forma como se integram ao mundo, exprimindo uma relação nem sempre harmônica de experiências e anseios. É, portanto, nessa perspectiva de entrelaçamento entre o literário e o geográfico, em

que o texto pode ser considerado uma expressão da geograficidade, que está centrada a proposta de análise deste estudo.

# 5 A GEOGRAFICIDADE NA REPRESENTAÇÃO DA VELHICE EM CONTOS DA OBRA *PRANTOS, AMORES E OUTROS DESVARIOS*

> *"Fasciná-lo, provocá-lo, deleitá-lo, criar-lhe emoções e reacções.. [...] A fruição de uma obra de arte é um encontro, um corpo a corpo".*
>
> (Teolinda Gersão, *A cidade de Ulisses*)

> *"Os sentimentos e as experiências íntimas são rudimentares e ingovernáveis para a maioria das pessoas, mas escritores e artistas têm encontrado meio de dar-lhes forma".*
>
> (Yi-Fu Tuan)

Neste capítulo chega-se à parte central deste estudo, que consiste na análise de quatro contos da escritora Teolinda Gersão, a saber: "As mimosas", "Mal-entendidos", "Vizinhas" e "Água-marinha", à luz dos fundamentos teóricos, principalmente da Literatura e da Geografia Humanista Cultural, visando identificar as experiências de geograficidade configuradas na representação da velhice em cada uma dessas narrativas e que aspectos do envelhecimento discutem, cotejando-os, por fim, no item intitulado "Horizontes do envelhecer".

Esses contos integram a coletânea *Prantos, amores e outros desvarios* (2016), a mais recente obra de Teolinda até o momento. Essas narrativas ficcionalizam a negatividade e o desequilíbrio presentes na aparente normalidade de ações e relações humanas no cotidiano contemporâneo, envolvendo, direta ou indiretamente, o universo feminino. Como bem sintetiza a frase de Maria Alzira Seixo publicada na contracapa do livro: "O que Teolinda faz é escrever a vida".

A escrita fluida e, por vezes, poética habilmente operada pela autora facilita o percorrer dessas densas histórias em torno de desvarios humanos, como o título sugere. Nos enredos, encontram-se homens e mulheres de níveis socioeconômicos, de grupos etários e status sociais variados, tendo em comum a dimensão humana falível, como caracterizada no conto "Jogo Bravo": "Porque é assim que somos: incompletos, básicos, normais, a um passo de sermos vitoriosos ou frustrados, inseparáveis da nossa bestialidade pura" (GERSÃO, 2016e, p. 57).

As narrativas evidenciam que hipocrisia, mentira, omissão, egoísmo, crueldade, sujeição, interdição e várias formas de violência, que são ações publicamente censuradas, estão, na verdade, sendo vividas e legitimadas sub-repticiamente por meio de discursos e preceitos sociais naturalizados em nível pessoal e/ou coletivo, de forma que, nas relações

humanas, nada parece ser exatamente o que aparenta, porém permanecendo dessa forma para atender à conveniência de alguém. Tal como conclui o narrador do conto "Enredos": "Quem decide tudo é quem comanda o enredo" (GERSÃO, 2016d, p.110). Assim, as histórias realizam o desnudar de algumas dessas complexas e infelizes realidades ou, ao menos, revelam a trama que as oculta e esse parece ser o fio condutor entre as histórias que Teolinda conta nessa obra.

Ressalta-se, ainda, que tendo um flagrante caráter universal, as realidades desveladas nas histórias de *Prantos* ressoam em circunstâncias e sentimentos presentes no mundo hodierno e por isso sensibilizam, incomodam e provocam reflexões. Tal como o fazem os quatro contos do *corpus* a respeito da velhice.

Quanto à fortuna crítica de *Prantos*, até o fechamento deste estudo em outubro de 2018, salvo comentários informais em blogs e resenhas publicitárias encomendadas por editoras, há o ensaio intitulado "Teolinda Gersão, contista" (2016), de Júlio Conrado, no qual o autor ressalta alguns aspectos marcantes na produção contística da autora (explorado no capítulo anterior), assim como tece comentários acerca de algumas produções específicas. Segundo o crítico, essa obra,

> [...] em certa medida confirma as linhas de força da "história curta" anteriormente detectadas, pois se bem que todas as histórias sejam diferentes umas das outras, o estilo conserva a solidez de sempre e há um reservatório ao qual Teolinda vai buscar alguns condimentos para uso corrente: ainda o sonho: as linguagens do sonho, os efeitos do sonho nas pessoas; a solidão urbana num contexto humano de velhice desapoiada; o suco bem nutrido das conversas chãs de comadres, de vizinhas em conflito ou de empregadas domésticas insuportáveis. Não significa isto que Teolinda tenha escrito o "mesmo" livro, as invariáveis semânticas são pontos de partida para variáveis de sentido inéditas e inesperadas. E nesta corrente de flexões e inflexões abre-se um mundo de novidade que parte quase sempre de uma plataforma banal posteriormente modificada pela autora (CONRADO, 2016, p.8).

Há, ainda, dois estudos que realizei ao longo do curso de Mestrado, sob a orientação da Profa. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa. Trata-se de um trabalho intitulado "A narrativa transgressora de Teolinda Gersão: uma leitura do espaço pela perspectiva da experiência", apresentado no XXVI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa Abraplip e publicado nos anais desse evento. Consiste em uma leitura reflexiva acerca do espaço no conto "Uma tarde de verão", a fim de desvelar o espírito transgressor da escrita gersiana, transfigurado na forma e no conteúdo do texto (SILVA, 2017). O outro estudo intitula-se "O lugar líquido: a desmistificação da concepção de lar em 'Vizinhas', de Teolinda Gersão" (SILVA; FEITOSA, 2018), publicado na Revista

*Contexto*, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, que é, em parte, a análise que compõem o item 5.3 desta dissertação e cuja importância primordial para a realização da presente pesquisa encontra-se comentada na introdução.

O aspecto central das análises a seguir é a experiência vivida articulada ao espaço das narrativas, mas outros elementos significativos da tessitura textual serão oportunamente abordados, visando à ampliação das perspectivas de leitura da representação da condição humana.

## 5.1 Apinhamento em "As mimosas"

> *"[...] onde ficou a minha vida, em algum momento, algures, deixei-me ficar, a mim mesma, para trás [...] e onde encontrar força para procurar outra vida, depois de todo o tempo e toda a morte, a loucura de partir correndo, pelo sonho dentro, mas não existem sonhos nem eu sei mais sonhar [...]".*
>
> (Teolinda Gersão, *O silêncio*).

Na representação da velhice humana na literatura de Teolinda Gersão, a senilidade, que é o envelhecimento com comprometimentos patológicos, tem sido um aspecto sempre presente, uma vez que consiste em uma temática de intensa carga dramática para os idosos e seus familiares. Ao estilo gersiano de nunca se abster dos temas cáusticos, o conto "As mimosas" enfoca esse temática, realçando a perspectiva dos familiares a partir da história centrada em Luísa, a filha que cuida da mãe senil, o que o coloca em uma aproximação intertextual com outra produção da autora, a obra *Passagens* (2014).

Essa narrativa se dá a partir da morte de Ana, uma idosa que finge estar acometida de Alzheimer para que a filha, Marta, com quem mora, a internasse em um lar para idosos no intuito de aliviar o desgaste físico e emocional da família, sobretudo o seu e o da filha. Marta ama muito a mãe, reluta em interná-la, mas cede pela intenção de oferecer-lhe cuidados especializados, uma vez que ela (a filha) também está com idade um tanto avançada e precisa se desdobrar em várias atividades. A retomada dessa obra no conto sugere, entretanto, a composição de outro contexto de velhice: como seria se a mãe fosse de fato inválida e dependente dos cuidados de sua única filha, a quem recorresse em todas as suas aflições físicas e emocionais, e a filha almejasse conciliar cuidar da mãe e viver outras realizações?

A complexidade do tema abordado se reflete na tessitura textual, feita a partir de um jogo de ambivalências, envolvendo o espaço, o tempo e as imagens simbólicas, estando todos esses elementos imbricados na representação da relação entre a filha e a mãe, assim

como de cada uma delas com o mundo, de forma que o espaço vivido reflita a vida e a velhice de ambas em meio à senilidade e à condição da mulher.

Nessa densa narrativa, a protagonista Luísa aparece em duas fases distintas de sua vida: ela, adulta, cuidando da mãe senil e, depois, em sua própria velhice. A ação do conto concentra-se em um único espaço físico: o quarto da mãe idosa, onde inicialmente mãe e filha vivenciam ações cotidianas: "Aquele ia ser um domingo como os outros, pensou (Luísa). Até a enfermeira da noite a libertar e ela partir com Simão" (GERSÃO, 2016c, p. 27). Porém, a normalidade da vida das personagens é alterada pelo elemento onírico, associado a um acontecimento fantástico, alterando a realidade ficcional e causando um estranhamento na trama por meio de uma insólita passagem de tempo em que Luísa adormece ao lado da mãe e acorda no mesmo espaço físico, mas sozinha e envelhecida.

Tal mudança relaciona-se ao momento da morte da mãe, cuja intensidade pode ser reconhecida pela ausência de narração explícita, somente sugerida pela soma dos elementos e circunstâncias no texto, como a última fala da idosa: "Não me deixes sozinha, acrescentou, apertando-lhe a mão com muita força. Não me deixes sozinha esta noite" (GERSÃO, 2016c, p. 29). Assim como esse fato, os demais acontecimentos do lapso temporal entre o dormir e o acordar não estão explicitamente narrados, mas são de grande importância para a compreensão da condição existencial de Luísa na velhice, exigindo do leitor que participe da construção textual ao fazer a articulação entre os elementos apresentados ao longo da narrativa.

Segundo a perspectiva da geograficidade teorizada por Dardel (2015), a ligação que o ser humano estabelece com a paisagem circundante interliga-se a aspectos objetivos e subjetivos de sua existência, o que permite compreender que o espaço em torno de Luísa e de sua mãe está além da concretude. O espaço reflete a concepção que cada uma tem acerca de seu lugar no mundo, onde vivenciam relações e experiências pessoais que dão sentido e direcionam sua existência. Assim, pela constituição do lugar a partir das experiências, conforme teorizado por Tuan (2013) e dos elos de lugaridade que compõem essas relações experienciais, como explica Relph (2014), evidencia-se que um mesmo espaço central da narrativa, o quarto da mãe idosa, origina lugares distintos para a mãe e para a filha.

No primeiro momento da narrativa, a mãe se recusava a deixar a própria casa para ir morar em um lar de idosos. Para ela, agora que estava inválida, presa à cama, o seu quarto era o seu lugar e nele encontrava o sentido íntimo de *lar* ao se sentir protegida pela familiaridade e confortada pelos cuidados e pela afetividade que recebia da filha. Tais

experiências fortalecem os laços de aconchego, segurança e intimidade fundamentais para que se configure o habitar e a experiência de lugar tenha sentido de *lar*.

O quarto refletia a existência da idosa, ligada a outro tempo: "era quase uma sala, de tão grande, [...]. Junto da porta perfilava-se um enorme roupeiro, que seria impossível ter conservado se a casa não fosse antiga e não tivesse tectos tão altos"(GERSÃO, 2016c, p. 25). Seus móveis, quadros, fotografias e demais objetos testemunhavam a história de sua moradora e até lhe faziam companhia, como ela dizia.

Como explica Tuan (2012, p. 90), "a diminuição da mobilidade restringe ainda mais a vida do velho [...] o mundo se contrai não apenas porque seus sentidos perdem acuidade, mas porque seu futuro está truncado: à medida que o futuro diminui, também diminui o espaço horizontal [...]", restando-lhe, assim, buscar a espaciosidade vertical, ou seja, voltar-se à própria subjetividade por meio de pensamentos e lembranças e buscar nas relações interpessoais uma forma de também obter ligação com o mundo.

No contexto da velhice, como analisa Bosi (2006), a memória serve de afirmação da identidade nos espaços sociais do presente vivido, pois reflete representações e significados construídos no passado que reatualizam a própria vida; como a senhora do conto, para quem a filha tanto lia as histórias dos livros quanto contava e recontava tudo o que lembrava, pois "A mãe gostava de histórias antigas. A sua vida eram memórias. O que vinha nos jornais não lhe interessava e a televisão cansava-lhe os olhos [...]" (GERSÃO, 2016c, p. 27).

A idosa não gostava de solidão, mas rejeitava permanecer somente sob os cuidados das enfermeiras. Ela valorizava a companhia de visitas, chegando a monitorá-las em um registro no espelho, sobretudo as da filha, de quem também buscava obter o máximo de atenção possível. Em uma mistura de dependência e exigência, suas atitudes, talvez involuntariamente agravadas por seu estado de saúde, tendiam a monopolizar a filha em torno de si.

No tocante à Luísa, como a relação com a mãe é o elemento central de sua ligação com aquele lugar (o quarto), suas experiências se alteram radicalmente após a morte da idosa, havendo uma notória distinção entre suas sensações espaciais em relação ao espaço do quarto e o mundo exterior.

A filha é uma mulher adulta (o texto não informa, mas sua maturidade sugere isso), é sensível, possui um trabalho e demonstra ser responsável, enfim, uma mulher urbana comum da classe média do século XXI, que se divide entre os cuidados com a mãe doente, seu trabalho, a atenção com a própria saúde e o relacionamento com o noivo Simão. A

organização de sua rotina permite evidenciar que ela prioriza o cuidar da mãe. Suas atitudes com ela são de atenção e afeto, porém demonstra sentir desgaste físico e emocional, ansiando pelos momentos em que possa deixá-la sob os cuidados das enfermeiras para sair e se sentir livre e viva. Como ela mesma sintetiza, "Ser filha única não era nada fácil" (GERSÃO, 2016c, p. 24).

Essa ambivalência de sentimentos é o traço marcante na vida da protagonista nesse momento e aparece reiteradamente em algumas imagens, dentre as quais se destacam a das belas, mas sufocantes acácias, e um devaneio em que a filha imaginou-se carregando a mãe nas costas por um campo vazio sem fim, tendo a sensação de "voltar à vida" (GERSÃO, 2016c, p.26) somente ao pensar em seus momentos de amor com o noivo.

Tais elementos compõem a sensação espacial de Luísa, pois aquele quarto era um lugar conflitante para ela, uma vez que nele se inscrevia a vida e a morte de sua mãe. Naquele espaço, cuidava dela com dedicação e lhe proporcionava alguma alegria, mas, inevitavelmente, estar ali era sentir o peso de sua existência cada vez mais afastada da plenitude, seguindo somente ao declínio. O devaneio mostra como a filha se sente nessa rotina penosa e solitária, porque ninguém mais estava lá além da mãe, da filha e, às vezes, das enfermeiras pagas.

Ela era a única responsável pela mãe e, por mais desgastante que fosse essa situação, não se revoltava e claramente não cogitava a possiblidade de abandoná-la. Tentava equilibrar-se entre os anseios de sua própria vida e o apinhamento que aquela situação junto à mãe lhe causava. Nesse contexto, o que lhe trazia certo alento era pensar junto ao noivo, projetando-se fora dali por alguns momentos. Luísa, assim, vivencia distintas sensações de espaciosidade a partir da companhia (a mãe ou o noivo) que focaliza em sem seu pensamento. Como explica Tuan (2013, p.84), "As pessoas nos restringem, mas também podem ampliar nosso mundo. O coração e a mente se expandem na presença daqueles que amamos".

A partir de ideias decorrentes da contraposição entre aparência e essência, a imagem da acácia ou "mimosa" é a referência simbólica de maior importância nesse texto, servindo-lhe de título e sendo um elemento marcante nas experiências de espaço da protagonista.

A primeira experiência retratada se dá em um espaço aberto, no único momento da narrativa em que Luísa está fora da casa da mãe e mostra-se serena. Ela se deslumbra com uma acácia vista de longe e com suas flores em cachos, semelhantes a buquês de noiva. Lembra, então, que são um prenúncio da primavera e, encantada, leva um ramo para decorar a casa. Era o momento da volta de uma caminhada. Ela entra na casa da mãe, põe as flores em

uma jarra, mas logo em seguida se sente incomodada com a intensidade do aroma e, em tom racional, põe-se a pensar na violência com que essa planta consome os recursos hídricos e se reproduz, tornando-se nociva também por inviabilizar a sobrevivência de outras espécies, ocasionando, assim, desequilíbrio na biodiversidade.

Esse é o episódio inicial e nele se inscrevem as contraposições centrais da narrativa. Uma é que, considerando as características das acácias, elas podem ser tomadas analogamente aos relacionamentos humanos em geral e, mais especificamente, ao mantido com as mães, pois essas relações são sublimes e benéficas, desde que não vividas em excesso, porque podem impedir que os filhos tenham condições de construir sua própria história de vida. A outra é que, no ambiente externo, espaço em que Luísa está afastada de suas atribuições familiares, os sonhos de se casar e ter a própria família, suscitados a partir da imagem das acácias, são positivos e ela os acolhe, porém, ao serem trazidos para o seu contexto vivido, eles se desarmonizam. O que parecia uma proposta sedutora e agradável de realização, torna-se algo sufocante porque, como comentado anteriormente, Luísa se sente apinhada em sua realidade diária.

Esse momento da narrativa encerra-se com a atitude de Luísa em não descartar as flores de imediato, optando apenas por abrir a janela para arejar o ambiente, uma vez que considera que gostaria de vê-las ao retornar do passeio com o noivo. Isso demonstra sua sensibilidade, mas também certo descompromisso com a busca pela resolução efetiva do que a incomoda, como acontece em relação à monopolização que a mãe exerce sobre sua vida. Situação em que ela apenas cria estratégias paliativas e isso pode tê-la levado, ainda que involuntariamente, a abdicar de suas realizações pessoais.

Para a Geografia Humanista Cultural, "estar perdido" é não ter a noção de qual seja o "seu lugar" e que direções serão seguidas a partir dessa ideia. Sem essa referência, o indivíduo encontra-se reduzido à imobilidade, não somente física e espacial, como também existencial. Assim está Luísa na sequência insólita da narrativa quando acorda e sente "Como se tivesse dormido muitos anos e a vida lhe tivesse fugido, sem se dar conta" (GERSÃO, 2016c, p. 29). Teoricamente ela está no local onde adormecera: o quarto da mãe com os mesmos objetos e móveis, todavia a mãe não está mais na cama e há uma circunstância de isolamento, pois, inexplicavelmente, a porta e a janela estão trancadas, o local está sem água e sem qualquer comunicação com o exterior, porque o telemóvel está descarregado e não há energia elétrica.

A experiência neste momento relaciona-se ao "despertar" de Luísa para a realidade frente o vazio deixado pela perda da mãe. O que preenchia aquele espaço, dando-lhe

significado enquanto lugar, era a existência da mãe, quando tudo remetia a ela, incluindo a filha, cuja história de vida como nessa condição também iria somente até aquele ponto.

Considerando que se a experiência geográfica se altera, o lugar também se transforma, para a filha, permanecer naquele espaço onde sempre sua existência esteve emparedada, com espaciosidade comprometida, não fazia mais sentido, isso seria reviver e até assumir a experiência da mãe em seu local de finitude. No entanto, outra condição de aprisionamento pesa sobre si: era agora uma idosa.

O conflito vivido pela protagonista aparece transfigurado no espaço da narrativa deste momento: o quarto era um local isolado e de confinamento, a janela e a porta trancadas são referências simbólicas ao acirramento da separação entre as realidades interna e externa, corroborando à forma estigmatizada como a sua condição atual (mulher idosa que não constituiu a própria família) é vista pelo mundo.

Ela estava fisicamente aprisionada no lugar onde se manteve psiquicamente presa como filha. Agora que perdera essa função que justificava sua existência, estar nele metaforiza sua inexistência ou irrelevância social, de forma que não está somente posta à margem, mas descartada, fora do mundo: "Mas não podia ficar ali presa. Estava viva e podia lutar" (GERSÃO, 2016c, p. 30). Apegando-se à vida, ela rompe a passividade que a caracterizava e recusa o enquadramento; luta para retirar-se dali, entretanto, por mais que lutasse, ninguém aparecia.

Ao final da narrativa, após diversas tentativas fracassadas de pedido de socorro, a impressão de isolamento torna-se uma desesperadora certeza de condenação à espera pela morte naquele lugar. A sensação de estreiteza existencial é intensificada pelo aroma exalado pelas acácias como uma lembrança angustiante das realizações idealizadas que ela não alcançara. Na tentativa desesperada de romper com a aflição do apinhamento crescente causado pela perda total da espaciosidade e da lugaridade naquele quarto, a mulher quebra o vidro da janela e salta do quinto andar. O abrupto gesto de suicídio de Luísa é a última imagem do texto. Essa elaboração do desfecho confere à narrativa a intensidade capaz de aproximar o leitor à experiência vivenciada pela personagem que ele acompanhava, de forma que ambos, nesse momento do texto, encontram-se diante do vazio. Efeito que certamente faz a narrativa ressoar em torno das circunstâncias da vida real a que se associa.

O suicídio, no conto, pode ser compreendido como expressão de extrema infelicidade e uma tentativa radical de finalmente tentar romper com as circunstâncias que a aprisionavam e isolavam. Os acontecimentos do lapso temporal que explicariam a condição de Luísa na velhice não estão narrados claramente no texto, mas é possível inferir que sua

frustração decorra do fato de não ter alcançado realizações pessoais que lhe eram significativas e preencheriam sua existência de sentido. Na solidão de sua velhice, Luísa se depara com a evidência de que a desfiguração da própria vida foi a recompensa recebida por ter vivido somente em função *de outros* e esquecido *de si*, como normalmente é exigido das mulheres em culturas patriarcais, como observado por Beauvoir (2016).

O que levou Luísa a uma atitude extrema pode estar muito mais relacionado à sua condição feminina no conduzir da própria vida do que à senilidade da mãe, haja vista os aspectos abordados na construção das personagens. Note-se que a mãe não tem nome próprio, o que sugere que sua imagem seja uma representação típica. Suas características estão em consonância com um perfil genérico da velhice em meio à senilidade da mulher, cuja vida seguiu o roteiro previsto pelos padrões sociais tradicionais do mundo ocidental patriarcal. No entanto, a filha, por ser nominalmente referida no texto, tem sua individualidade ressaltada na trama. Seu comportamento pode ser compreendido a partir de escolhas pessoais, o que não implica necessariamente dizer que ela era autônoma e livre, uma vez que o esforço empreendido para corresponder aos papéis sociais femininos de filha, profissional, mulher que se cuida, que mantém relacionamento amoroso bem sucedido e ainda faz planos para o futuro, parece ser uma atitude que mais se aproxima de resignação e passividade ao buscar atender a um padrão do que de liberdade e independência.

Nesse sentido, além dos aspectos já evidenciados ao longo desta análise, há um interessante paralelo entre a condição feminina, em que subjaz certo condicionamento social, da personagem do conto de Teolinda e de duas outras Luísas, a de Eça de Queirós, em *O primo Basílio* e a do conto "Desencontro" (integrante da obra *Tanta gente, Mariana...*, 1959), de Maria Judith de Carvalho, pois as três possuem anseios de libertação e felicidade a serem alcançados junto à figura masculina, e todas têm suas expectativas frustradas.

A Luísa do século XIX encontra sua infelicidade tanto no casamento quanto fora dele, ao se deixar levar pela idealização e por sentimentalismo, o que verdadeiramente evidencia que ela somente seguiu a única forma de viver que conhecia devido à educação que recebera e pela tradição de costumes e valores da época em que sua vida de mulher burguesa europeia se inseria.

A Luísa dos anos 60 do século XX, igualmente sob a influência social, passa a vida atormentada em meio ao conflito feminino da inautenticidade, pois, quando jovem, aos dezessete anos, buscou ter o comportamento pudico recomendado à moça que seria digna do casamento, o que serviu de desculpa para que o seu pretendente se afastasse acusando-a de puritana. Ela passa anos esperando que ele volte atrás e a valorize como todos lhe diziam que

aconteceria, porém, chegando aos trinta ainda solteira, entende que a essa altura da vida caberia às mulheres corresponderem ardentemente aos homens que por elas ainda se interessassem e assim o faz. Entretanto, é por tal forma de agir que novamente é preterida ao reencontrar-se com o aquele que fora seu amor da juventude. A última imagem da mulher na narrativa é muito significativa, pois ela desaparece em meio à multidão; o que se remete à condição exata de como ela sempre esteve: uma pessoa perdida de si mesma por tentar agradar a todos sem nunca se voltar a si mesma.

A Luísa contemporânea também demonstra uma mentalidade ainda ligada ao padrão feminino da tradição patriarcal ao conduzir a própria vida, como demonstra o anseio de se encontrar com o noivo como fuga e proteção do desgaste emocional provocados pela dedicação à mãe. Essa ideia aparece na imagem referente ao encontro amoroso: "Era isso o que tornavam, amando-se, uma mão enluvada - quente confortável e feliz. Por muito gelado que pudesse ser o mundo em volta" (GERSÃO, 2016c, p. 27). O intento de ter companhia e apoio, afinal, se complementa à ideia sugerida no nome do amado, Simão, lembrando a figura de Simão Cireneu que, na narrativa bíblica[19], é obrigado a ajudar Cristo a carregar sua cruz a caminho do Calvário (BÍBLIA, 2017, p.1585).

No entanto, há elementos dispersos no texto que vão se somando e sugerindo o contrário do almejado pela noiva. A comunicação entre o casal mostra-se prejudicada, assim como o distanciamento pode ser percebido pelo fato de ele não entrar no prédio onde estavam a noiva e sua mãe; logo, ele não se integra à realidade vivida por Luísa. Esse descompasso também aparece nos planos de se casarem no mês de setembro, que é o início do outono em Portugal, a estação que convencionalmente sugere uma metáfora da idade avançada, enquanto um acontecimento tardio. A ideia de desarranjo ganha força pela cobrança que o noivo faz a Luísa quanto ao tempo de espera, informando-lhe gestualmente que já era tarde. Assim, associando esses elementos à condição de isolamento e vazio de Luísa na velhice, tem-se a composição de um possível fracasso dessa relação amorosa na qual projetava encontrar companhia e ajuda.

Na tentativa de aproximar a condição feminina dessas Luísas quanto a seus anseios e suas ações, embora estejam cronologicamente distanciadas por séculos e a despeito de toda evolução que a humanidade alardeia no século XXI, o conto gersiano evidencia que a força da influência patriarcal, que regia o pensamento no século XIX, alterou-se pouco no XX e ainda se faz presente na vida e no imaginário feminino na contemporaneidade, induzindo a

[19] Lc 23, 26.

mulher a não se assumir como sujeito da própria história, deixando, assim, de enfrentar as circunstâncias de sua vida com clareza e autonomia. Como na narrativa, em que a filha assume, solitária e resignadamente, uma série de responsabilidades advindas da complexa inversão de papéis, na medida em que se tornou a mãe de sua mãe.

Evidencia-se, por fim, que não foi a circunstância da velhice senil da mãe que impediu que a filha obtivesse as realizações e relações para constituir seu lugar no mundo; esse impedimento corresponde à forma como ela fez isso: esquecendo-se de si mesma, deixando de fortalecer sua própria subjetividade. Ela agiu de acordo com o que está culturalmente inscrito na condição feminina no contexto tradicional patriarcal e sentiu intensamente o reflexo de sua trajetória ao chegar à velhice, momento em que o valor da vida humana comumente se precariza, sobretudo o da vida dos menos favorecidos cultural e economicamente (BEAUVOIR, 2016, 2018).

Se comparadas as características de Luísa (tem certa instrução, trabalha fora de casa e é sexualmente resolvida) à forma como negligenciou a condução da própria vida, evidencia-se que o nível do alheamento em que a mulher vive imersa é algo tão arraigado ao funcionamento do mundo, que ela não se deu conta do mal que lhe causava viver somente em função *dos outros* e não *para si*. Como *outros* compreende-se não somente as pessoas, mas os mecanismos de organização social com base em ideologias e padrões comportamentais que intencionam condicionar a mulher e que são naturalizados a ponto de serem aceitos e assumidos como a orientação natural da vida. Em contraposição, o *para si* equivale a exercer sua autonomia e autenticidade, respeitando-se e exigindo que lhe respeitem como ser humano livre (?) e capaz, mas que é falível e limitado, sem que isso seja um defeito. Como observa Beauvoir (2016, p. 550-551):

> [...] a mulher é um produto elaborado pela civilização; a intervenção de outrem em seu destino é original; se essa ação fosse dirigida de outro modo, levaria a outro resultado. A mulher não se define nem por seus hormônios, nem por misteriosos instintos e sim pela maneira por que reassume, através de consciências alheias, o seu corpo e sua relação com o mundo; [...] Por certo não se deve crer que basta modificar-lhe a situação econômica para que a mulher se transforme: esse fator foi e permanece o fator primordial de sua evolução, mas enquanto não tiver acarretado as consequências morais, sociais, culturais etc. que anuncia e exige, a nova mulher não poderá surgir.

Assim, considerando as experiências vividas por Luísa, da velhice de sua mãe e a sua própria, é possível compreender que o título “As mimosas” reflete a ambivalência do espaço narrativo onde se acha inscrita a relação entre a filha abnegada que cuida da mãe idosa dependente. A atitude da filha, quando vista superficialmente, parece ser somente um sublime

comportamento altruísta e resignado, aliás como esperado das mulheres, sendo, portanto, totalmente positivo para ambas e para a sociedade. Entretanto, assim como a deslumbrante aparência das acácias ou mimosas esconde uma existência profundamente nociva e predatória, o cuidar da mãe, assumido solitariamente pela filha, é um gesto de grande valor que pode estar mascarando uma situação de sujeição feminina, capaz de monopolizar a existência dessa mulher de tal forma que ela não consiga desenvolver consistentemente outras relações e realizações que lhe permitam equilibrar sua existência.

No texto, a força necessária para romper com a impassibilidade que pesa sobre a condição feminina e a exclusão sobre a velhice, ambas condensadas na figura de Luísa, vem expressa na radicalidade do suicídio cometido pela protagonista. Esse ato extremo simboliza, neste caso, que finalmente ela conseguiu ter uma atitude de enfrentamento contra os enquadramentos que lhe foram impostos ao longo de toda a vida e que se intensificaram na velhice, quando ela ainda olha com vivacidade o mundo exterior pela janela, mas passa a ser completamente excluída dele.

## 5.2 O exílio interior em “Mal-entendidos”

> *“Para mudar de paisagem, não era necessário ir tão longe”.*
>
> (Teolinda Gersão )

> *“Às vezes o silêncio é muito mais convincente do que a palavra”.*
>
> (Lygia Fagundes Telles)

O conto “Mal-entendidos” aborda a experiência de lugar na velhice no tocante à incomunicabilidade e ao artificialismo nas relações familiares contemporâneas, representadas ficcionalmente pelo vínculo entre mãe e filho, no momento de suas vidas em que ele está adulto e ela idosa. A narrativa é um monólogo do filho que equivocadamente busca em suas próprias experiências e pontos de vista a explicação e a possível saída para o ensimesmamento da mãe idosa, cujas ações de afastamento intencional de tudo o que lhe tentam impor permitem a leitura de um exílio interior.

Esse texto não possui uma referência simbólica de destaque ou trechos de prosa poética em sua construção textual, como geralmente ocorre nos textos de Teolinda. Todavia essa peculiaridade condiz com o perfil do narrador-personagem, porém assim como ele manipula o estilo, as ideias certamente se articulam à sua perspectiva. O magistral, no entanto, é a urdidura da autora em inscrever veladamente a figura da mãe idosa, delineando-a com

traços e evidências que se somam no discurso, apesar do silenciamento ficcional que lhe é imposto pelo poder narrativo concentrado no filho, o que, por sua vez, também é um reflexo da voz negada aos idosos no mundo real.

Pela perspectiva do filho, são apresentadas diversas tentativas em que ele, a esposa Jill e os filhos buscam interagir com a idosa e envolvê-la em atividades que preencham seu tempo, sem, contudo, obterem sucesso. Ela, apesar da viuvez e do fato de morar sozinha, sempre rejeita as companhias sugeridas e até evita interação em ocasiões festivas, assim como recusa alguns passeios, dispensa presentes etc. Segundo o narrador, ela se mostra desinteressada por tudo que lhe apresentam: "A única coisa que parecia agradar-lhe era sentar-se na cadeira de balanço, diante da televisão, e adormecer" (GERSÃO, 2016f, p. 77).

Ao longo do texto, o filho expõe como lida com tal conflito. Sendo ele o detentor do discurso, é a sua versão que o leitor acompanha. Como é um cientista, vale-se da racionalidade para chegar a um ponto de vista: ele levanta hipóteses e tenta confirmá-las. O percurso das conjecturas é marcado por expressões que atestam sua incerteza inicial, como "Houve um ano em que", "Acho que foi", "Creio que", "Não sei se foi", "Pensei que"; as quais deixam de ser empregadas quando ele chega a uma conclusão:

> Só mais tarde me apercebi de que havia na minha mãe um crônico ressentimento. Tornava-se negativa porque não conseguia aceitar a vida, tal como ela é. Vitimizava-se por ter perdido meu pai (embora eu nunca sentisse que tivessem sido, alguma vez, felizes), por viver sozinha (embora não aceitasse viver conosco nem com mais ninguém, muito menos, uma residência assistida, ou partilhada), por se sentir isolada no mundo rarefeito, uma vez que quase todas as pessoas que conhecia tinham mudado de cidade ou morrido. Ressentimento porque não queria nem podia dispensar uma mulher-a-dias que lhe fizesse as compras e o trabalho, mas não se entendia com nenhuma. Estava sempre a despedir a última e à procura da seguinte. Em seu entender, todas tinham defeitos em absoluto impossíveis de argumentar.
> Ressentimento finalmente, contra mim, contra a Jill e as crianças, como se fôssemos culpados por ser felizes, ao contrário dela (GERSÃO, 2016f, p. 74).

Esse trecho permite evidenciar um relevante aspecto na vida da idosa: as perdas. Perda de pessoas estimadas por morte ou mudança de moradia, perda da vitalidade física e a perda de seu papel social de mãe como a detentora do poder familiar, além das perdas de autonomia e de liberdade; todas essas situações contribuindo para a síntese de algo profundo: a perda da sensação de bem-estar, de segurança e acolhimento em seu lugar no mundo.

Segundo Tuan (2012, 2013), de acordo com as experiências individuais, um mesmo ambiente pode ser um lugar topofílico para uns, mas de sensação topofóbica[20] para outros e, ainda, essas sensações podem se alterar ao longo da vida de uma pessoa, mediante

[20] Convém esclarecer que esse termo não é empregado por Tuan. O estudioso remete-se à ideia sem empregar tal denominação, a qual, por sua vez, aparece em Oliveira (2014).

transformações nas circuntâncias vivenciadas, a exemplo da mudança vivida pela protagonista em relação ao filho, fazendo com que ela passasse a se sentir emocionalmente desconfortável junto a ele, até mesmo na casa onde sempre moraram juntos e que os aproximava em um vínculo afetivo familiar.

Entretanto, diante da realidade da mãe idosa, a única percepção do filho é que ela se tornou uma pessoa ressentida pela velhice, sendo também incapaz de preencher a própria vida. Aprofundando os equívocos, o filho e a esposa imaginam o que a idosa gostaria de viver, de receber de presente, de vestir, de fazer para se divertir, com quem gostaria de estar. Tudo isso é concluído a partir de suas opiniões e suposições, sem considerarem os sentimentos e ideias da mãe.

Desse modo, diversos gestos que poderiam significar atenção e afeto são, de fato, o cumprimento de um dever moral. E a indiferença (embora dissimulada) caracteriza as atitudes do filho em relação à mãe, pois ele nunca se deteve em buscar compreendê-la. Tal como o fez quando analisou o castigo que recebera quando criança por manusear fósforos e queimar a alcatifa recém-colocada: "Não dei importância a esse desastre, nem à minha mãe porque sua visão das coisas sempre me pareceu desproporcionada" (GERSÃO, 2016f, p. 71). Mesmo já sendo adulto, tal recordação não o fez admitir a relevância da motivação da enérgica reação da mãe. Ele somente a rotula como exagerada e de emoções desequilibradas. Essa visão será uma justificativa suficiente para que a ignore como uma pessoa autônoma e equilibrada, afinal.

Nesse sentido, há um interessante paralelo entre as cenas inicial e final do conto, na medida em que a atitude do filho no desfecho da narrativa em oferecer para uma estranha um buquê muito especial que se destinava à mãe, mas que ele julgava que ela não merecia, assemelha-se ao episódio do início do texto, em que a mãe age com indiferença ao que sentiria o filho e se desfaz também de algo que era muito especial para ele, no intuito de castigá-lo:

> Recordo-me de que uma vez, quando eu tinha uns sete anos, o meu presente de aniversário, um kit de ferramentas brilhantes com cabo de plástico vermelho, foi parar às mãos do filho da mulher-a-dias, porque na véspera ao fazer experiências com reagentes e tubos de ensaio, deixei um buraco na alcatifa do meu quarto (GERSÃO, 2016f, p. 71).

A contraposição dessas experiências que, de certa forma, se equivalem, evidencia, sobretudo, uma polaridade que se dá tanto no plano da composição textual (início/fim) quanto no plano da expressão, ao se remeter à inversão de papeis de autoridade (quem manda/quem

obedece) no contexto das relações familiares com pais envelhecidos e filhos adultos. Segundo Barros (2006), nesse contexto se encontra implicada a condição feminina da mulher que tinha o âmbito doméstico familiar como o lugar de exercício de sua autoridade e afirmação de sua identidade, mas, que, na velhice, pressente estar sendo destituída dessa prerrogativa.

Por ter suas ideias frequentemente ignoradas ou consideradas sem consistência, a mãe busca neutralizar as influências e o excessivo controle do filho. Logo, ela não compactua com o comportamento socialmente esperado em diversas ocasiões, como em seu aniversário, pois não fingiu estar satisfeita em uma situação na qual novamente sua opinião foi ignorada e circunstâncias lhe foram impostas.

Como analisa Beauvoir (2018, p. 467), diversas situações vividas na velhice se assemelham à da condição de exílio, pois não raro o idoso vai sendo gradativamente posto à margem, por diferentes formas, terminando por ficar à parte, como um "exilado no seu tempo" . Essa segregação tanto pode ocorrer pela exclusão física dos velhos dos espaços de convívio familiar e social, quanto se concretizar em uma dimensão psicossocial em relação à qualidade das relações sociais vivenciadas, quando eles estão fisicamente presentes, porém são desprezados, infantilizados ou tratados com indiferença; sendo esse o aspecto que, de fato, está no cerne dessa questão.

No contexto de interdições dissimuladas em que se encontra a idosa, ela opta por fechar-se em uma intensa vivência de interioridade subjetiva, o que se assemelha ao "exílio interior" de que trata Paul Ilie (1932-2017). O professor norte-americano pesquisou a experiência exílica expressa na literatura espanhola em relação ao contexto da ditadura de Franco. Ilie defende a ampliação da perspectiva de compreensão da experiência exílica a partir de distintas experiências ligadas ao exílio, as quais ultrapassam o aspecto de afastamento físico propriamente dito. Ele trabalha com o conceito de "exílio interior", um isolamento assumido como "uma condição mental, mais do que material" (ILIE, 1980, p.2). Ganham relevância, nesse contexto, aspectos relacionados à estrutura interna dessa experiência, tais como emoções e valores referentes à separação como uma condição de o indivíduo manter-se à parte para expressar uma resposta emocional ao fato de não compartilhar com os valores dominantes em um determinado contexto. Para Ilie, o indivíduo que vive isso, vive no exílio.

Essa perspectiva teórica fundamenta os estudos de Miriam Volpe (2005, p.80) ao analisar a obra do autor uruguaio exilado Mario Benedetti. Para ela, o exílio interior é um comportamento que reflete o "estado de ânimo, uma atitude" das pessoas em um contexto opressor e adverso, de forma que não consiste em omissão, desistência, simples fuga ou

alienação, como uma atitude de quem se exclui para atribuir a outros o poder de decisão sobre sua vida e seu futuro. Mas sim,

> um tipo de alienação, no sentido filosófico e humanista, como o exercício responsável do poder do homem: é o exílio da livre e responsável aegis dos poderes de iniciativas. Em vez de uma condição econômica ou metafísica, o exílio interior funcionaria psicologicamente como resposta e oposição de uma comunidade desconectada, alienada, no estranhamento da sociedade em relação às instituições com que compactuou para poder ter uma referência de seu mundo e instituir esse mundo como o mundo (VOLPE, 2005, p. 82).

Tal ampliação acerca do exílio tem permitido a visibilidade de nuances mais subjetivas e íntimas dessa experiência, como a compreensão das vivências de lugar no conto em estudo, uma vez que a senhora se retira da intensa convivência, da obrigação de agradar e atender às expectativas de outrem, para, em vez disso, vivenciar suas próprias escolhas.

Uma dessas atitudes é a importante decisão de não deixar sua casa para morar com o filho ou ir para um lar de idosos. Ao contrário, ela quer mantê-la como algo significativo para sua existência, quer preservá-la como seu lar. A casa ou o equivalente ao lar para a pessoa idosa é também uma espécie de arquivo pessoal de sua existência, de seu lugar no mundo. Segundo Relph (2014), as experiências espaciais definem o pertencimento a um lugar. Dessa forma, o lar não é simplesmente onde uma pessoa mora, ou necessariamente o lugar de nascimento, lar é "onde as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e é conhecido, onde se pertence" (RELPH, 2014, p. 24).

Apesar de não conseguir concretizar o plano de trazer uma prima conhecida há décadas para morar consigo, a atitude da idosa, pensada e executada sem a participação do filho e da nora, representou um exercício de livre-arbítrio, além de configurar um sinal de que não deseja isolar-se de fato, antes resistir à dependência e à decadência associada à sua condição de idosa.

No conto em foco, a idosa rejeita ter uma ajudante nas tarefas domésticas, fato que é entendido pelo filho como sinal da incapacidade da mãe em conviver com as pessoas e de sua intenção de se vitimizar. No entanto, de acordo com os estudos de Motta (2006), no contexto da velhice feminina, esse comportamento pode ser compreendido como uma atitude de autoafirmação da independência e da capacidade de gerir a própria vida e ser responsável por seu lugar.

A dificuldade enfrentada pela personagem para conseguir demarcar seu lugar autônomo aparece representado também no plano da tessitura textual, pois o discurso do filho carrega o silenciamento da voz da idosa. As ações dele e da esposa, narradas como bem-

intencionadas, escondem certa imposição de decisões unilaterais e vazias de sentimento de amor em relação à mãe. Isso se evidencia no trecho em que se propõe a lhe ofertar as rosas:

> Setenta e cinco rosas cor de salmão (as que a Jill achava mais bonitas), presas com um laço de seda e embrulhadas em celofane e papel de prata.
> Nem sempre tinha dado flores à minha mãe, no aniversário, em geral optávamos por outras pequenas lembranças. Mas dessa vez, não sei porquê, as rosas pareciam-me evidentes (GERSÃO, 2016f, p. 77).

Nota-se que a mãe e seu aniversário se inscrevem como objeto e obrigação que precisa ser cumprida, ainda que sem motivação afetiva autêntica. O descortinamento desse convencionalismo também se configura textualmente pela hipérbole das "setenta e cinco rosas" que, no entanto, eram as preferidas da esposa, revelando, assim, que a escolha do "valoroso" presente não fora algo pensado, de fato, para agradar a mãe.

E, ainda, no trecho: "Como único trabalho, (a senhora) poderia sorrir, como quando se recebe um ramo de rosas, disse a minha mulher, sem ironia" (GERSÃO, 2016f, p. 76). O narrador, ao destacar a sinceridade da esposa, confirma a nulidade atribuída à idosa (sua única tarefa seria gentilmente agradecer, nada mais), confirmando, assim, o artificialismo que marca a ocasião na qual há clara tentativa de manipulação do comportamento da aniversariante.

A construção estética, consciente do silenciamento da protagonista operacionalizada na escrita de Teolinda, segundo Dias (2008), revela, assim, uma intenção ideológica em direção a um discurso de resistência que se dá

> [...] não pelo ataque direto à realidade externa, mas por um tipo de intervenção poderosa: a rebeldia e a transgressão no seio mesmo da realidade. Espécie de "resistência" armada no próprio processo de criação, colocando-o em causa e desarticulando o texto para que a prática com formas de intervenção se ofereça como permanente busca e não acomodação, nas relações com a realidade (DIAS, 2008, p. 30).

Destaca-se, ainda, que a reificação da mãe idosa, em um contexto de precarização da comunicabilidade e da autêntica afetividade nas relações familiares, encontra espelhamento no conto "Feliz Aniversário", do livro *Laços de Família* (1998), da consagrada Clarice Lispector. Anita, a mãe idosa, assim como a senhora do conto português, também constata a artificialidade do tratamento que recebe. Ela vive forçosamente uma rotina vazia e tem a consciência de ser considerada um fardo para Zilda, a filha com quem mora e de cujos cuidados depende.

Ao analisar o conto clariceano, Secco (1994) observa que o envelhecer da personagem se transforma em amargura tanto para a idosa quanto para os familiares que se sentem moralmente obrigados a cumprir ritos em relação à mãe que, por sua vez, alimenta uma profunda aversão a toda essa situação. A estudiosa também associa a ideia de exílio à condição de vida imposta aos idosos:

> A linguagem corporal da anciã aniversariante expressa seu rancor contido. Sempre tesa, dura, e impassível, sua imagem metaforiza a opressão sofrida. O silêncio e a revolta são as reações do ressentimento existente em seu íntimo, conotações do exílio infligido aos idosos no contexto contemporâneo (SECCO, 1994, p. 80).

Ambas as narrativas aboliram a visão romanceada da figura da mãe e avó, assim como dos filhos e netos devotados à matriarca admirada, pois, em "Mal-entendidos", também o filho reclama do fato de ter que cuidar da mãe, ou melhor, de minimamente se importar com ela e lamenta não ter irmãos com quem pudesse dividir tal obrigação.

Assim como no conto de Clarice, no desfecho de "Mal-entendidos", não ocorre a esperada superação do conflito, ao contrário, há um surpreendente aprofundamento da incompreensão do filho em relação à mãe ao que ela reage com profundo silêncio. A irresolubilidade do conflito na narrativa indica também o agravamento dos desafios existenciais da idosa, pois a condição do exílio interior intencional e voluntário é um estado de vida em suspensão, de alto custo emocional. Conforme avalia Beauvoir (2018, p. 496), esse comportamento não soluciona os conflitos que o provocaram:

> Geralmente, o ensimesmar-se não basta para proteger o velho contra outrem: sua afetividade está concentrada nos limites de seu estreito universo, mas não suprimida. Ele continua vulnerável em seu corpo, em seus hábitos, em suas posses. Subsistem ameaças e a ansiedade permanece.

A ideia da falha na comunicação, indicada pela expressão "mal-entendidos" que intitula o conto, parece, portanto, funcionar, de fato, como o eufemismo de uma profunda incapacidade de diálogo, ainda que a situação se dê entre pessoas muito próximas e que a pessoa idosa esteja em pleno gozo de sua lucidez.

Havendo, ainda, uma ironia em relação ao fato de filho ser uma pessoa notória e premiada no campo científico, assim como ter "generosamente" elogiado a mãe em uma cerimônia pública, mas que, no convívio com ela, o filho se mostra incapaz de compreender o que ela deseja e, principalmente, como se sente no mundo em sua velhice. Como analisa Bosi (2006, p. 74),

> Os atos públicos dos adultos interessam quando revestidos de um sentido familiar, íntimo, compreensível no dia-a-dia. Os feitos abstratos, as palavras [...] só se revestem de significado para o velho e a criança quando traduzidos por alguma grandeza na vida cotidiana.

Beauvoir (2018) explica que os adultos tendem a neutralizar o poder de decisão e autonomia do idoso, infantilizando-o por meio de controle de suas ações através de excessivos cuidados, indiferença a seu pensamento e discursos fingidos. Tais ações, que são caracterizadas como tirânicas pela estudiosa, podem, ainda, ser desencadeadoras de um mal-estar em relação ao lugar onde vivem. No conto, a idosa sofre apinhamento causado pela presença do filho, da nora e dos netos, porque ela não se sente à vontade na presença deles.

Bosi (2006) e Chauí (2006) reconhecem haver um contexto desfavorável na experiência de lugar dos idosos no âmbito do cotidiano doméstico familiar contemporâneo, que é o enfoque dado nas narrativas de Teolinda. Como observa Beauvoir (2018), tudo e todos que estão no entorno do idoso e que a ele pareçam hostis ou ameaçadores, por não poder suprimi-los, levam-no a romper ou a minimizar a comunicação.

Para a estudiosa, o fechamento voluntário é uma autodefesa contra possíveis armadilhas de manipulação, orquestradas por meio de falsos diálogos, por exemplo. A instauração do exílio interior, nesse caso, implica em um posicionamento de reclusão deliberadamente assumido em decorrência de forças opressoras, que lhe fizeram perder a topofilia na casa familiar, restando-lhe silêncio e reclusão como um ato de contestação, de resistência. O ensimesmamento da protagonista corresponde a um mergulho em sua interiorização reflexiva, buscando o distanciamento do mundo externo que a oprime e contra o qual busca instaurar uma reação (DIAS, 2008). A expressão do inconformismo da idosa assume a forma de um exílio subjetivo que possibilita que ela se defenda e se reafirme, ainda que circunstancialmente, pois a narrativa termina com essa problemática sem solução.

A referência à sensação de vazio deixado pelas perdas é um aspecto recorrente na escrita da autora acerca da velhice, sendo um traço marcante em sua visão, portanto. Sem adentrar a discussões de gênero, pode-se destacar que a autora faz acentuada distinção desse aspecto entre a velhice feminina e a masculina. No conto “As tardes de um viúvo aposentado” (*A mulher que prendeu a chuva e outras histórias*, 2007), esse é um aspecto central do drama do protagonista. Apesar do distanciamento dos filhos e netos ser algo bem assimilado pelo idoso, a viuvez e a aposentadoria lhe desafiam a conseguir ocupações que preenchessem sua vida de sentido ao longo dos dias:

> No entanto, a sua morte (de Izilda, a esposa) deixara nele um enorme vazio. E, além disso, aposentara-se. Os últimos anos tinham sido, portanto, de perdas sucessivas. Aposentação e viuvez. Agora tinha diante de si todo o vagar do mundo e podia dar-se ao luxo de não fazer nada, ninguém se importaria nem lhe pediria contas. Aparentemente era ele o único a preocupar-se com o tempo e a forma como o passava (GERSÃO, 2007a, p. 13).

Diferentemente da mãe de "Mal-entendidos", o idoso aposentado sente-se independente e vê o ambiente doméstico somente como um local de moradia, porque o sentido de lar como aconchego e bem-estar, para ele, foi perdido quando da ausência da esposa. Embora estivesse habituado a uma vida social no trabalho que realizava e no lazer com amigos, assim como a senhora do conto, recusa-se a participar de programas voltados para a terceira idade. Para manter sua imagem de pessoa produtiva, opta por fingir que ainda trabalha, trancando-se no seu escritório durante as tardes em casa e inventando viagens a trabalho e até vasculhando a casa em busca de possíveis segredos do passado da esposa. No entanto, a ausência de objetivos e de companhia faz com que termine, de fato, desolado pelo vazio e pela solidão.

O que parece interessante ressaltar é que, ainda que variem as circunstâncias, assim como diferem as vidas das personagens nos dois contos, a pessoa idosa tende a viver em situação de exílio e solidão e em atitude de autodefesa se, de alguma forma, ela se sente vulnerável em relação ao mundo que lhe era intensamente familiar, porém, na velhice, encontra-se com a topofilia perdida.

Nota-se que há um possível jogo complementar a ser estabelecido entre os textos de Teolinda em relação a vários aspectos, dentre os quais se sobressai a condição da mulher no contexto patriarcal que, mesmo no contexto da velhice, possui alguns agravantes quanto às possibilidades de ser e de se expressar. Nesse sentido, considerando os contos referidos, vê-se que, em "As tardes de um viúvo aposentado" o homem velho vivencia uma liberdade que não se encontra gratuitamente no universo feminino gersiano. E "Mal-entendidos", por meio de uma tessitura sensível, aborda duras faces da luta silenciosa da mulher, tanto da mulher real que luta lançando mão do poder denunciador de sua escrita a respeito de realidades esmaecidas pelo convencionalismo das relações humanas, quanto a da ficcionalizada que se rebela contra o apagamento de seu lugar existencial, lutando com aquilo que lhe resta na velhice: a própria subjetividade.

No plano da composição narrativa, o silenciamento feminino da mãe idosa, operado pelo discurso do filho adulto, detentor da uníssona voz narrativa, somado ao recurso

da ironia e ao eufemismo do título, servem de pistas para o profundo hiato emocional que pode se instaurar entre as pessoas de diferentes gerações.

A experiência de exílio interior, como uma atitude de resistência vivenciada pela idosa do conto, chama a atenção para o fato de que idosos lúcidos, como é o caso da idosa, podem, em decorrência de preconceitos e/ou insensibilidade, não estar sendo vistos como seres humanos ainda detentores de personalidade e com direito ao exercício do arbítrio sobre a própria vida. Como também alude a narrativa, ainda há muito o que aprender sobre um convívio intergeracional que seja autêntico, benéfico e que harmonize as características das distintas fases da vida, favorecendo, assim, a qualidade de vida das pessoas.

Em uma perspectiva mais ampla, tal observação indica que, em pleno século XXI, tem-se a emergência de uma formação humana que inclua a visão do homem em todas as fases de sua vida, que ele seja livre, o quanto possível, de preconceitos e idealizações, pois, assim como a criança não se configura um adulto incompleto, a velhice não deve significar a perda da humanidade. O que parece estar desumanizado, portanto, é o olhar do outro sobre os idosos e disso decorrem, como bem ilustrou a narrativa de Teolinda, graves mal-entendidos.

### 5.3 O "lugar líquido" em "Vizinhas"

> *"A velhice denuncia o fracasso de toda a nossa civilização".*
>
> (Simone de Beauvoir)

A respeito do conto "Vizinhas", apresenta-se uma leitura do lugar líquido como uma desmistificação da concepção de lar. Neste estudo, falar de espaço líquido articulado à concepção de lar é tratar da relação das pessoas com o lugar no mundo contemporâneo. E, para tanto, optou-se, neste estudo, por um caminho em que convergem os estudos da Geografia Humanista Cultural e a tese da "modernidade líquida" teorizada por Zygmunt Bauman (2001).

No âmbito da Geografia Humanista Cultural, "sempre que a capacidade do lugar em promover a reunião é fraca ou inexistente, temos os "não-lugares" ou "lugares sem lugaridade" (RELPH, 2014, p. 25). "Não-lugar" era um termo que englobava os locais de consumo ou passagem com os quais os indivíduos e grupos, exceto os com alguma motivação econômica, se vinculavam. Eram somente os shoppings, ruas da cidade (as pessoas interagem com indiferença umas às outras ao andarem pela cidade), aeroportos, rodoviárias, etc. No entanto, a não-lugaridade ampliou a semântica desse fenômeno e o que era específico ao

âmbito público passou a ser reproduzido na vida íntima das pessoas, nos relacionamentos pessoais na contemporaneidade. Segundo Relph (2014), lugares se constituem de maneira experiencial variável e mutável, ganham ou perdem força à medida que a lugaridade se altera.

Com base nessa discussão, analisa-se a categoria espaço no conto "Vizinhas" focalizando as experiências de lugar relativas a "lar", decorrente de líquidas relações afetivas vividas pelas personagens no âmbito familiar que, em certa medida, contemporaneamente, apresenta aspectos em desacordo com a concepção tradicional que a humanidade trazia em seu imaginário coletivo de concebê-lo como sendo lugar marcado por enraizamento e fixidez.

Nessa narrativa, o lar se apresenta (re)configurado como "lugar líquido" no mundo atual. As amigas do conto estiveram ligadas, direta e intimamente, ao lugar onde viviam. Sentiram-se felizes em suas casas enquanto essas estavam dotadas de valor, plenas de familiaridade e afeição, pois havia histórias e memórias que lhes davam sentido de lugar. Elas tinham sido vizinhas e amigas durante a infância e o início da juventude, tendo ficado separadas durante os anos em que estiveram casadas com o intuito de cuidar de suas respectivas famílias. Reencontraram-se viúvas ao retornarem para morar sozinhas nas casas que foram de seus pais, o que lhes permitiu retomar a amizade e a cumplicidade que perdurou até o fim.

O apoio mútuo era fundamental para que continuassem livres e seguras. E deveriam se manter "atentas aos sinais" dos familiares que as visitavam cada vez menos e depois passaram a vir, mesmo no Natal, em grupos alternados com desculpas inconsistentes. O ápice do conto é a proposta da venda das casas para que as senhoras, por serem muito unidas, passassem a dividir um quarto em um lar para idosos. Elas recusam deixar suas moradas, o que por ora é aceito.

Na trama, não há discussão e quase não há diálogos em discurso direto além das breves frases trocadas entre as protagonistas. No entanto, revela-se a fala de um filho: "Para o ano tratamos disso" (GERSÃO, 2016i, p. 81), confirmando o que o narrador anteriormente havia anunciado: "Tinham já decido por elas, perceberam. Agora era só uma questão de tempo (GERSÃO, 2016i, p. 81). Registra-se a indiferença em relação à opinião das mães, o que desvela o autoritarismo e o distanciamento afetivo na relação mantida com elas, a ponto de os familiares ignorarem o que pensam e sentem.

O silenciamento da mulher tem sido um tema caro à produção romanesca de Teolinda e se faz presente nos contos em torno da velhice. Assim como focalizado no conto "Mal-entendidos", visto no item anterior, o apagamento do discurso das idosas reaparece e em "Vizinhas" expressa também a negação (ou restrição) do espaço, da liberdade e da

afetividade. A autora trata magistralmente do que dizem os silêncios dos discursos humanos, da repressão disfarçada pela contingência dos bons modos ditados pela boa educação e do "respeito" aos mais velhos.

Ainda no âmbito da comunicação humana, tem-se um momento em que o tom sublime é rompido por um desabafo tácito, a única exasperação e que serve para dar voz à expressão sincera da intensidade da indignação sentida: "Em vez de o deixarem sossegado e morrer, sem porra de tubo nenhum" (GERSÃO, 2016i, p. 80).

Dias (2008, p. 104) analisa a intenção subversiva pela ruptura do silêncio nas obras de Teolinda, por meio de uma linguagem que denuncia

> contra qualquer forma de ditadura, seja política, familiar, social e até mesmo literária. É a revolta contra a filiação, a pertença, as ligações obrigatórias e à submissão, impostas pelo sistema que faz pesar sobre o indivíduo seu poder mitificador. O alvo de ataques são instituições como escola, educação e família, desmascarando-se os anacronismos e contradições do mecanismo viciado que deteriora o corpo social. Em meio ao contexto degradado das relações humanas, o amor aparece como signo corrompido, já que atrelado a convenções e arbitrariedades. E a palavra, contaminada também pelos vícios do sistema no qual se inscreve e está condenada a reproduzir, só pode libertar-se pela recusa de si mesma, fazendo-se outra. Desse modo, escrever é manter uma guerrilha permanente contra os abusos da violência opressora.

Assim, a escrita de Teolinda indica que o ponto central desta análise são as transformações dos sentimentos das mulheres, refletidas na sua relação com os lugares onde vivem. Elas sabiam que não seriam verdadeiramente ouvidas e, por isso, sentiam um profundo abandono, muito mais afetivo que material, e partem juntas em busca da morte no lugar e condições escolhidos.

Os lugares de sua história, de suas memórias de quase toda a vida estavam agora esvaziados do sentido que os faziam lugar e seriam deixados para trás ao seguirem a um "casinhoto abandonado", de "chão batido" e "cobertura tosca, onde faltavam telhas". Uma forte razão as fará preferir ir ao encontro do fim em um lugar ermo a um lar de idosos. Irão preferir a companhia uma da outra à consanguinidade de seus familiares. Todas as variáveis dessas questões estão interligadas sob a perspectiva das relações humanas mantidas na atualidade.

No conto, filhos e netos não se dedicam às idosas e, ainda assim, parecem resolutos de que o mais adequado seria se elas permanecessem com outros de sua mesma condição, ou seja, se fossem morar num lar para idosos. No entanto, a conveniente solução dos familiares, longe de ser uma boa opção para as senhoras e, apesar de elas terem se manifestado contrárias a tal ideia, parecia-lhes algo que fatalmente lhes seria imposto. E isso

lhes sinalizava uma ameaça ainda maior: terem, cada vez mais, sua liberdade cerceada em uma vida sem autonomia legítima. Sabem-se indefesas e isso lhes causa perda da sensação de bem-estar no lugar, ou seja, da perda da topofilia que fazia da casa muito mais que uma simples habitação. A casa era, até então, o seu lar.

Verifica-se, assim, a desconstrução da ideia de lar de acordo com a concepção clássica de Tuan (2013, p. 11), segundo o qual essa categoria de lugar tem como referência "a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria", "onde as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e se é conhecido pelos outros, e onde se pertence", como explica Relph (2014, p. 24). O que não mais se configura na realidade das amigas.

Os lugares aos quais as idosas encontravam-se ligadas afetivamente pelas histórias vividas, memórias e a todas as demais referências materiais e emocionais com que sustentam seu cotidiano perdem o sentido à medida que suas famílias não compartilham nem reconhecem tais ligações. O distanciamento emocional é crescente e perceptível nas artificiais visitas de Natal, a ponto de planejarem mudá-las para outro lugar, conforme a situação, asilo ou hospital, simplesmente.

Em decorrência do enfraquecimento dos valores experienciais que davam às casas a configuração de lar, esses ambientes tornaram-se, agora, lugares-sem-lugaridade, os quais, desprovidos da experiência do envolvimento, não oferecem segurança emocional. Entretanto, os laços afetivos, cultivados desde o passado entre as amigas, proporcionaram maior confiança mútua, muito mais significativa, portanto, que a relação de parentesco com os familiares, de quem o distanciamento físico trouxe também o esfacelamento da confiança, condição fundamental para a manutenção dos relacionamentos humanos. Assim, somente a cumplicidade entre as vizinhas reflete a relação de afinidade de que fala Bauman (2005) ao se referir às relações interpessoais anteriores ou fora do circuito da modernidade líquida.

Outros aspectos que evidenciam a mudança do referencial de lar das personagens podem ainda ser identificados na trama do conto, tal como o fato de um casinhoto de pastor ser o lugar onde passam a se sentir protegidas. No isolamento, em sua extrema simplicidade, é escolhido para ser o abrigo final daquilo que passou a representar o perigo: as pessoas mais novas com seus pensamentos desconhecidos e o mundo por extensão: "Não tinham medo dos cães, nem era deles que fugiam. Infelizmente era das pessoas. Das famílias" (GERSÃO, 2016i, p. 80).

A esse respeito, cumpre lembrar que Beauvoir (2018) destaca que, na vida cotidiana, os idosos comumente adotam uma conduta defensiva, um isolamento afetivo operado intencionalmente que, além de um comportamento egocêntrico, revela que sentem

ansiedade, desconfiança e mal-estar gerados devido à precarização das relações afetivas do mundo para com eles, sobretudo dos seus familiares.

Assim como no conto em estudo, o enfraquecimento dos laços familiares sendo um agravante pressentido pelas idosas aparece em "A velha" e "A defunta", ambos da coletânea *Histórias de ver e andar* (2002). Para as senhoras dessas narrativas, a casa onde habitam também é o seu lar. Como analisou Vieira (2013, p.76), essas protagonistas são viúvas solitárias que "vivem confinadas ao respectivo casulo doméstico, em contexto rural ou urbano, sentindo-se protegidas na privacidade inviolável dos seus lares. [..] Só a sua casa lhe garante uma sensação de completude e de refúgio [...]". E elas também temem que a permanência em sua própria casa possa ser alterada por decisão dos familiares, todavia, ironicamente, o distanciamento das famílias lhes permite permanecerem ali até o fim de suas vidas como desejavam.

No entanto, em "Vizinhas", o que se apresenta na intimidade das relações familiares é que, pelo distanciamento afetivo, a casa onde as idosas habitam torna-se um lugar de pouca ou nenhuma lugaridade devido à perda do sentido de reunião autêntica que nela havia enquanto lar. A presença/a visita dos familiares que deveria ser expressão de afeto e acolhida, reduz-se ao cumprimento de uma obrigatoriedade. A convivência, em vez de harmonia e segurança, causa sensação de apinhamento devido ao desconforto e à insegurança que comprometem a espaciosidade das pessoas; portanto o que antes era lar, torna-se lugar topofóbico.

Elas não se sentiam seguras junto de seus familiares e, por extensão, o mundo atual com sua linguagem desconhecida é visto como perigoso, como no trecho em relação aos medicamentos: "O mais fácil era tomarem comprimidos, mas não sabiam o nome dos remédios, nem aonde iriam arranjar suficientes. Além de que podiam falhar como, se não morressem, arriscavam-se a ficar entrevadas ou loucas" (GERSÃO, 2016i, p. 82). Assim, a confiança estava atrelada ao seu conhecido e familiar mundo tradicional, com suas memórias e elementos já vividos.

As experiências, portanto, desencadearam mudanças na concepção de lar das personagens que, como explica Relph (2014), pode estar ligada ao local de nascimento, onde a pessoa cresceu e onde vive, mas não se restringe a essas delimitações. Dessa forma, o lar pode ser um lugar especial com o qual se mantém laços afetivos topofílicos, decorrentes de intensas experiências de acolhimento e segurança que fazem com que o indivíduo sinta uma íntima e profunda sensação de pertencimento a ponto de se considerar representado perante e para o mundo. Assim, a casa tradicionalmente concebida como lar - lugar de relações estáveis

-, é substituída por uma cabana, um abrigo de caráter transitório, normalmente utilizado por pastores em seu trabalho com os rebanhos, mas que passará a ser o lar das vizinhas cúmplices, a sua a morada final, a que é planejada, como referida na fenomenologia bachelardiana.

Bachelard (2008, p. 48) analisa a ideia de cabana ligada à significação da casa como uma variante que remete à ideia de escapismo. Explica que, "na maior parte dos sonhos de cabanas, desejamos viver em outro local, longe da casa atravancada, longe das preocupações citadinas". Esse lugar é "a raiz axial da função de habitar. Ela é planta humana mais simples, aquela que não precisa de ramificações para subsistir". O casinhoto é uma espécie de cabana e o escapismo sugerido condiz com o desejo de evasão das personagens que pretendiam afastar as possibilidades dos maus-tratos de que receavam ser vítimas. A decisão pelo abrigo simples e familiar na serra é um retorno às origens por meio da recuperação da sensação de segurança e referencial familiar.

Outro aspecto de mudança em relação à concepção de lar é que não se trata mais de um lugar de acolhimento para muitas pessoas, para os familiares, por exemplo. Isso porque, no abrigo das amigas, evidencia-se a ideia do isolamento do lugar a que Bachelard (2008, p.49) se refere quando trata da cabana do eremita, a qual representa "a solidão centralizada [...] uma feliz intensidade de pobreza. [...] De despojamento em despojamento, ela nos dá acesso ao absoluto do refúgio".

A solidão, o despojamento e o isolamento de que fala o autor estão expressos na melancolia subjacente à radicalização da escolha do lugar feita pelas idosas e que também se inscrevem na tessitura textual, pois não há mais referências a outras personagens que não sejam as duas companheiras: elas se refugiaram em um lugar que possibilitará o cumprimento de um propósito apoiado plenamente por ambas..

A atitude das idosas revela também que as simplórias matriarcas que haviam vivido somente em função de seguirem o "destino" das mulheres e de cuidarem dos outros, agora se voltam para seus propósitos, ignorando o julgamento dos familiares que se outorgaram o poder de decidir-lhes o futuro. Segundo sua caracterização na narrativa, elas inusitadamente puderam agir com liberdade e autonomia, o que representa a rejeição ao enquadramento a que se submeteram ao longo da vida. Elas agem com o egocentrismo que Beauvoir (2018) destaca como sendo um comportamento peculiar aos idosos no enfrentamento das adversidades nas relações interpessoais, sobretudo no âmbito familiar.

Assim, as idosas, em uma atitude estoica, abandonam casa e família serenamente, como as duas meninas que juntas iam para a escola, mas que agora se apoiam na bengala e no cajado - uma referência ao suporte físico na velhice e ao simbolismo do guia, do papel do

sábio, do "tutor, mestre indispensável na iniciação" (CHEVALIER; GEERBRANT, 2016, p.124).

Quando caminhavam pela serra, andavam serenamente pelo espaço, pela amplitude das possibilidades, em busca de um ponto que lhes fizesse sentido. Essa é uma imagem repleta de poeticidade e de relevância a esta narrativa porque representa uma ação pensada e executada pelas idosas que, apesar de suas fragilidades, dispuseram-se à ação. À medida que caminham, vão sendo fortalecidas pelo ato de coragem e exercício de liberdade e autonomia frente às adversidades, rompendo com a inércia e acomodação que comumente se associam à velhice. Acerca da simbologia dessa imagem explica Bachelard (1997, p. 169):

> A marcha contra o vento, a marcha na montanha é sem dúvida o exercício que melhor ajuda a vencer o *complexo de inferioridade*. Reciprocamente, essa marcha que não deseja objetivo, essa *marcha pura* como uma *poesia pura*, proporciona constantes e imediatas impressões de vontade de poder. É a vontade de poder no estado discursivo. Os grandes tímidos são grandes caminhantes; conquistam vitórias simbólicas a cada passo; *compensam* sua timidez a cada cajadada (grifos do autor).

A força simbólica da imagem de pessoa idosa em uma marcha de caminhada também é empregada no conto "Avó e neto contra vento e areia" (*A mulher que prendeu a chuva e outras histórias*, 2007), quando a idosa, cansada e com a visão prejudicada devido à perda de seus óculos, conduz seu neto criança, machucado, em uma caminhada pela praia em meio ao vento forte que levantava a areia. Percorrer o trajeto também remete ao sentido bachelardiano de fortalecimento emocional e superação de limites, pois conseguir levá-lo de volta a salvo para casa significa para ela cumprir uma tarefa importante graças ao voto de confiança que a família lhe conferia ao deixá-la ir sozinha com ele à praia.

Assim como as companheiras idosas do conto em análise, nessa narrativa, o mundo também se tornara estranho e, às vezes, incompreensível, mas, ao contrário daquelas, a relação familiar ainda lhe servia de refúgio afetivo, sobretudo porque ainda reconheciam que ela era capaz de cuidar do neto. Entretanto, esse aspecto denuncia a lógica do sistema produtivo e consumista permeando a inserção do idoso no meio social, ao imprimir a ideia de utilidade sem a qual a idosa considera que a vida perde o sentido:

> A mãe do neto confiava nela. Deixava-a à sua guarda em manhãs assim. A avó sentia-se orgulhosa [...]. Ainda era uma avó útil, antes que viesse o tempo que mais temia, em que poderia tornar-se um encargo para os outros. Mas na verdade essa ideia não a preocupava muito, porque tencionava morrer antes disso (GERSÃO, 2007b, p. 71).

Deste modo, em ambas as narrativas, há uma evidente referência ao fato de que a condição do idoso com o mundo define-se em torno das relações humanas e que, se a importância das pessoas e dos laços afetivos se liquefazem, a vida, sobretudo a longeva, se desprestigia. Mediante a perda de consistência na afetividade, associa-se facilmente a velhice à inutilidade, à decadência e naturaliza-se sua exclusão das relações, incluindo as vividas no contexto familiar.

Em "Vizinhas", evidencia-se a sugestão do rito que reforça a importância do casinhoto como o lugar sagrado, visto que foram se abrigar junto aos elementos em que confiavam, no mundo que lhes era familiar. Junto à natureza, não se sentiam tolas e ignorantes como quando em presença de embalagens e bulas; eram sábias, pois conseguiam interpretar os sinais da natureza "pelo cheiro do ar e pelas cascas das árvores, sabiam que a neve ia em breve começar a cair" (GERSÃO, 2016i, p. 83).

A partida levando consigo o pão e as uvas, o alimento físico para a última refeição que fariam na luz que lhes restasse no simples local de paragem do pastor, é clara referência a elementos que remetem aos momentos iniciais e finais da trajetória de Jesus na Terra: o local do nascimento e o momento da transfiguração do pão e do vinho em Sangue e Corpo de Cristo na última ceia, uma alusão à experiência de sagrado segundo a concepção católica cristã. O que é reforçado pelo expressivo desapego material e afetivo das idosas em prol da adoção de uma condição de desamparo total perante a finitude de sua existência terrena.

No entanto, paradoxalmente ao previsto pelo dogma religioso aludido nos artigos 2280 e 2281 do Catecismo da Igreja Católica Apostólica Romana (VATICANO, [s.d]), a circunstância vivida pelas idosas é a de dar fim à própria vida e tal construção literariamente cria uma imagem subversiva que amplia o viés crítico-reflexivo que vinha sendo explorado no texto. Além das relações familiares, a narrativa alude à liberdade humana no tocante ao direito de dispor da própria no contexto da velhice. Considerando que a tessitura textual sugere que o ato foi uma decisão racional e planejada, tem-se também uma referência à eutanásia, outro aspecto ligado ao contexto da velhice e que é igualmente controverso, mas ao qual Teolinda publicamente tem se manifestado favorável (GERSÃO, 2017).

O suicídio aparece circunstanciado em uma criação poética que ameniza a carga dramática da situação representada. Essa atitude já vinha sendo sugerida ao longo da narrativa desde a primeira frase: "Tinham combinado ir juntas, quando a hora chegasse." As idosas protagonistas não queriam viver de forma vulnerável, à margem de si mesmas, dependentes das decisões e ações indiferentes às suas próprias vontades e opiniões, como em um prolongamento técnico de vida que, para elas, seria alongar somente o sofrimento: "A vida

tinha passado, e agora só faltava morrer. O que era um passo difícil. Por isso tinham prometido ajudar-se, quando chegasse a altura" (GERSÃO, 2016i, p.79).

A dificuldade de morrer referida no trecho decorre da perda do controle da própria vida por parte dos idosos: "Quão frágeis e incertas se tornaram as vidas daqueles já dispensáveis [...]" (BAUMAN, 2001, p. 185). Exatamente como viram acontecer com a Madalena do Álvaro, que "viveu três anos, amarrada com um lençol a uma cadeira de rodas para não tentar levantar-se, repetindo a toda hora que a deviam ter deixado morrer" e com o compadre Zacarias, "meses e meses o hospital com um tubo enfiado no nariz [...] as mãos amarradas a cama [...] o tubo o sufocava e ele tentava sempre tirá-lo mesmo a dormir" (GERSÃO, 2016i, p. 80).

Assim, as protagonistas idosas, diante da perda da topofilia em seus lares originais, procuram juntas por uma experiência plena de ligação ao lugar que configure seu novo *lar* e o encontrarão fora da existência terrena, sob a égide do sagrado. Como esclarece o geógrafo humanista João Baptista Ferreira de Mello (2014, p. 65), em seu estudo intitulado "O triunfo do lugar sobre o espaço":

> O ser humano está sempre em busca do lar, refúgio e aconchego, luz, esperança e felicidade. O entendimento sobre o lar/lugar é múltiplo, divergente, descontínuo e surge em diversas escalas. A procura e as destinações, para os monoteístas, não se limitam a essa dimensão. No ato da santa missa e nas orações, como prêmio de redenção, os fiéis, em comunhão, clamam que 'no fim da peregrinação terrestre' todos mereçam chegar 'à morada eterna', plena de luminosidade. Nestas condições, movimento, destino, morada/lar/lugar persistem nesta e em outra dimensão.

A imagem final do texto das duas idosas quietas na escuridão do casinhoto trancado, somente à espera do fim, é melancólica e poética. A morte viria atingi-las pelo soterramento da cabana pela neve, à semelhança de um sepultamento em meio à frieza das relações familiares. A atitude pode ser compreendida como um gesto de ruptura que buscam estabelecer em função de uma intensa sensação de deslocamento no mundo e negação a uma condição de vida que lhes seria pior que a morte.

Nesse contexto, tem-se a significação de morte como rito de passagem para uma existência plena, o que permite compreender a busca por essa possibilidade na experiência de lugar em duas narrativas: a da materialização de uma atitude de escapismo, de desprendimento e enfrentamento ao vazio do lugar sem lugaridade que o mundo se tornara para alcançar o lugar original da existência primeira, atingida pelo sagrado; e o outra, tendo o suicídio e a eutanásia abordados como exercício de autonomia e liberdade numa clara oposição ao discurso religioso de orientação cristã.

A importância da abordagem do espaço nesse conto parece referendada em seu título, pois "vizinho" não é necessariamente "amigo", embora as do conto sejam. Conforme consta no dicionário Aurélio (FERREIRA, 2008, p. 821), esse vocábulo significa aquele (aquilo) "que está próximo ou mora perto" e, ainda, que é "semelhante, análogo", o que suscita a ideia de que as protagonistas do conto são assim denominadas porque possuem proximidade por pertencimento a um mesmo espaço, assim como têm condições de vida semelhantes.

A generalidade da referência às protagonistas evidencia a condição do que representam: mulheres de uma geração intensamente submetida aos desígnios de uma sociedade patriarcal, possivelmente salazarista ou o que dele restou. A elas se relegava limitada instrução e uma perspectiva de vida voltada para servir, além do marido e filhos, a outros familiares, caso não se casassem.

O título põe em destaque o fato de elas se encontrarem igualmente aproximadas pelas condições da velhice, o que lhes favoreceu serem apoio uma para a outra. Eis o pacto entre elas, definido logo na abertura da narrativa, porque esse é o aspecto mais relevante de sua história. Criá-lo e executá-lo foi um ato ressignificador na existência dessas mulheres que, apesar de idosas (ou porque idosas e sábias!), finalmente conseguem exercer o protagonismo em suas vidas. Permanecer unidas como previsto em seu plano fez com elas se tornassem capazes de agir de acordo com suas convicções, a despeito das limitações físicas e culturais que as fragilizavam.

Como visto na narrativa, o pacto restitui às vizinhas a sensação de terem um lugar com sentido de *lar* - lugar de acolhimento, segurança e proteção. De forma que o último lugar no mundo de cada uma delas foi um lar simples e autêntico, tendo uma a outra como companhia. Por trazer à baila temas relacionados à condição humana, sobretudo a condição feminina no mundo contemporâneo, em "Vizinhas", Teolinda ilumina poeticamente o tema da velhice, primando por revelar o aprisionamento de relacionamentos familiares em que imperam o silêncio e a indiferença, o distanciamento e a insegurança; onde o lugar sem lugaridade invade e afrouxa os laços da vida pessoal e o sentimento mais íntimo de lar.

## 5.4 O mergulho na imensidão íntima em "Água-marinha"

*"The Past excite us because it is in fact a new frontier".*
(Yi-Fu Tuan)

> *"Bastará um vento noturno para que a água que se calara fale-nos mais uma vez... Bastará um raio de lua, muito suave, muito pálido, para que o fantasma caminhe de novo sobre as ondas".*
>
> (Gaston Bachelard)

O conto "Água-marinha" é uma singela narrativa, em que a poeticidade cria uma ambiência que suaviza o desnudamento da solidão na velhice, vista inusitadamente nesta narrativa como um tensionamento da própria existência. O fato central da história é a experiência de reflexão existencial vivenciada pela protagonista a partir das lembranças suscitadas por um objeto que lhe pertencera na juventude: um anel com uma pequena pedra, uma água marinha, que lhe volta inesperadamente às mãos após muitos anos. Trata-se de uma restituição a quem a joia pertencia de fato, como lhe explicara o visitante mensageiro que pessoalmente lhe entregara a encomenda em cumprimento ao pedido do pai dele, o verdadeiro emissor, pouco antes deste falecer.

O texto é uma prosa poética com simbologias que ampliam e sinalizam interessantes interpretações desencadeadas a partir do objeto central da história: o anel com a pedra água-marinha. O espaço da narrativa é o da intimidade, localizado fisicamente na casa da protagonista, onde ela vivencia uma experiência de aprofundamento vertical dessa intimidade por meio de um mergulho subjetivo em suas memórias.

Apesar de não haver uma subdivisão explícita na narrativa e considerando que o lugar resulta da atribuição de valor mediante as experiências vivenciadas, conforme teorizado pela geografia humanista, é possível reconhecer que o espaço se desdobrará em duas configurações de lugar: uma ligada à exterioridade e outra, ao espaço íntimo simbolicamente representado pela ambiência da água.

Segundo a percepção poética de Dardel (2015), o espaço ligado à água, que denomina de espaço aquático, é o espaço líquido onde estão todas as águas, é normalmente reservado e calmo, mas nunca é fixidez, ao contrário, é uma potência de mobilidade incessante. As correntes marinhas, por exemplo, temporalizam o mundo a partir do movimento incessante do mar, fazendo aparecer o tempo na construção da existência. Enquanto a costa, a planície ou a montanha representam a estabilidade e a eternidade, a fluidez das águas gera a renovação da vida. A antítese entre esses espaços marca a experiência vivenciada pela protagonista do conto: a aridez e a inércia da velhice solitária no lugar à margem, a que os idosos são relegados pelo funcionamento do mundo prático, regido por sistemas de exploração, produção e consumo, confronta-se com a possibilidade de uma

existência mais fluida, em que a liberdade e a lucidez vivenciadas na velhice podem ser mecanismos de edificação de uma forma de estar no mundo.

O primeiro espaço da narrativa é de aridez e apinhamento no momento da visita. Tanto a senhora como o visitante sentiam-se mal: o homem apenas queria cumprir a tarefa e retirar-se, enquanto ela precisava conter o ímpeto de tentar alongar o contato e deixar transparecer seus sentimentos. A tensão pelo controle dos sentimentos e dos comportamentos encontra-se inscrita por um vasto emprego de advérbios e locuções adverbiais de intensidade, comparações, gradações, hipérboles e antíteses que constroem uma atmosfera de sobressaltos e emoção que precisa ser contida ou disfarçada ao longo de todo o primeiro momento da visita do rapaz. Como se pode notar nas expressões em destaque nos primeiros parágrafos do conto:

> Mas o que *mais* impressionou *de imediato* foi sua semelhança com o pai, quando ele era bem mais novo do que agora o filho: *o mesmo* sorriso, *o mesmo* tipo de corpo e postura e *quase o mesmo rosto, de repente* ela *via diante de si quase o mesmo* rosto, *como se o tempo tivesse voltado para trás.*
> Tê-lo-ia *sem hesitar* reconhecido, se o tivesse encontrado *em qualquer outro lugar ou circunstância*, e não naquele dia combinado, em sua casa.
> Era-lhe portanto *imensamente familiar*, embora a reciprocidade não se verificasse. Para ele, ela era desconhecida, e *em absoluto indiferente*. Sentiu que, *mal acabava de entrar, já ele ansiava pelo fim da visita* (GERSÃO, 2016b, p. 95, grifos da pesquisadora).

A secura da aridez emocional que marca esse momento reflete-se no artificialismo dos comportamentos e na dissimulação dos sentimentos, pois a racionalidade e o convencionalismo dominam o comportamento das personagens, não as deixando expressar o que realmente gostariam de dizer e, portanto, agem como se estivessem em um jogo de regras bem definidas e que somente deveriam ser cumpridas, como é possível observar no trecho a seguir:

> Nem ao menos falou da neve [...]. Talvez esperasse que fosse ela a fazê-lo.
> Mas ela não iria falar da neve. Ocorreu-lhe que os povos do Sul extravasam emoções com um à-vontade despudorado e ruidoso que os povos do Norte invejavam e, provavelmente por isso, criticavam tanto (GERSÃO, 2016b, p. 96).

Essa superficialidade faz com que a companhia de ambos se torne um fator de apinhamento mútuo, ainda que não intencional. Como explica Tuan (2013), a simples presença humana pode ocasionar a perda de espaciosidade de outra quando provoca inibição dos movimentos livres e da sensação de bem-estar. Cabe ressaltar que, para o geógrafo, movimento não se restringe ao plano físico, pois o pensar, o transcender é, na verdade, a mais importante movimentação humana ligada à sua espaciosidade.

Nota-se que, nos trechos citados, há o delineamento circunstancial da narrativa em que se destaca o tensionamento no tocante à expressão dos afetos em relação ao funcionamento convencional do mundo, segundo o qual a velhice é associada à ideia de secura, período de perdas e de restrições existenciais. Isso predomina por todo o primeiro momento até o instante final quando o visitante parte sem olhar para trás e a senhora permanece por instantes à porta: "Tudo o que queria era poder olhá-lo assim, quase clandestinamente, sem perder um instante da felicidade de ver cada segundo dos seus passos, tentando decorar o seu vulto, a forma e o balançar do corpo" (GERSÃO, 2016b, p. 99).

Confirma-se, assim, a senhora em uma condição de impedimento, em relação à qual a presença do mensageiro foi fugaz, mas de profunda significação e certamente de intenso efeito, como um vento que parece agitar a água somente na superfície, porém colabora com suas movimentações mais profundas.

Memórias e reflexões marcam o segundo momento da história, caracterizado pelo mergulho na imensidão íntima, que se inicia após a partida do mensageiro. A narrativa que, até então, foi uma sucessão de formalidades e dissimulações, ganha novo ritmo e intensidade, configurando, assim, um novo espaço. A mulher, sozinha e à vontade, tem restituída sua espaciosidade na intimidade e no aconchego do lar. Liberta do rigor do condicionamento das convenções, ela vivencia um mergulho introspectivo ao entregar-se às suas reminiscências e reflexões que emergem a partir da contemplação do anel e da água-marinha, como se neles tivesse mergulhado.

A imersão construída pela superposição de planos (ficcional e simbólico) através do ato de olhar contemplativo da água-marinha é muito importante para a experiência da protagonista, pois, como explica Bachelard (1997, p. 180), em sua obra *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*: "uma meditação íntima proporciona uma contemplação em que se decifra a intimidade do mundo". Assim, a experiência do mergulho é uma ruptura simbólica com a estabilidade racional e convencional. É adentrar ao contexto da imensidão íntima, em que tempo e espaço estão sob o domínio da imagem, de desconstrução, não com choque, mas como um escorregar suave por entre lembranças, mensagens e pensamentos.

Como analisou Dardel (2015, p. 21-22), "O espaço fluido se faz cúmplice dos desígnios do homem", favorecendo seus feitos. Além das relações de ordem objetiva entre o ser humano e o espaço aquático, esse ambiente está amplamente presente no imaginário humano por diversas configurações. A água em geral é uma referência simbólica ligada aos temas de "fonte de vida, meio de purificação e centro de regenerescência" (CHEVALIER;

GHEERBRANT, 2016, p. 15), e, como ressalta o geógrafo, o mover da água convida à reflexão, o oceano é uma voz que fala à terra, "surge das profundezas e vem vibrar na superfície", porém sem a interlocução humana, as águas permanecem em latência. É "[...] o homem antes de tudo que se dirige à escrita movente das águas. Sem a presença do homem o mar não passa de um eterno monólogo". Assim, a protagonista contempla o claro azul esverdeado, semelhante à cor do mar (CUNNINGHAM, 2005), em busca da mensagem trazida por sua água-marinha.

Para Bachelard (1997, p. 55), "O passado de nossa alma é uma água profunda", imagem que se refere à imensidão íntima - espaço designado pelo valor da intimidade e que pode ser acessado pelo devaneio, afastando o sonhador do mundo próximo e levando-o a contemplar a grandeza/o engrandecimento de seu íntimo em uma experiência vivida ou recordada. Como ele poeticamente observa, "Quando a grande solidão do homem se aprofunda, as duas dimensões (o espaço da intimidade e o espaço do mundo) se tocam, se confundem" (BACHELARD, 2008, p. 206).

Pelas lembranças da mulher, reveladas pelo narrador onisciente, sabe-se que o remetente da encomenda se chama George, um grande amor do passado com quem quase se casara. O anel que recebera de volta era o do noivado. Ela mesma havia escolhido por uma fascinação à primeira vista, mas que devolvera ao pretenso noivo devido ao rompimento do compromisso. O tempo passou, eles seguiram suas vidas sem nenhum contato. Ambos casaram, tiveram filhos e netos, porém, mesmo após tantos anos, houve o retorno intencional do anel às mãos de sua dona. Ela reconhece haver um significado em torno da circunstância criada e, compreendendo que aquele gesto representa a mensagem da permanência do amor e de sua importância na vida daquele homem, resgata seu apreço pelo anel e passa a usá-lo novamente como uma forma de confirmar a reciprocidade de tais sentimentos.

Segundo Bachelard (2008), os objetos guardados, como o anel do conto, registram a vida de quem os possui, pois tais objetos sempre possuem um valor para quem o guardou e, ao serem retomados nos devaneios da intimidade, iluminam espaços profundos onde há segredos e sonhos da alma humana.

Pela perspectiva da fenomenologia bachelardiana do redondo, as imagens circulares são pontos de convergência, que unem aspectos centrais da vida, assim como a retomada do anel que permite a reunião do casal. Complementarmente, o uso de anéis com a intenção de vincular partes, como símbolo de um compromisso ou de uma aliança, é largamente difundindo na cultura humana. Seu formato circular remete à ideia da infinitude do pacto estabelecido (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016).

A ideia da profunda ligação entre o casal do texto, suscitada e restabelecida pelo anel, completa-se com os significados relacionados à água-marinha, cuja importância também é sugerida pelo fato de estar presente tanto no enredo como ser usada para dar nome à história. Na cultura geral, essa pedra, de cor azul-esverdeada, possui um rico campo de referências simbólicas ligadas às ideias de paz e consolo nos problemas emocionais e em relacionamentos, estabilidade, sensitividade, coragem, purificação e felicidade alcançada na maturidade matrimonial. É considerada o amuleto dos marinheiros e seu uso favorece a sensibilidade e a intuição, devido ao poder de ativar a clarividência. E, ainda, "[...] são trocadas por parceiros para suavizar o curso de suas interações, e constitui um presente adequado, potentemente mágico, para o noivo dar à noiva no dia de suas núpcias (CUNNINGHAM, 2005, p. 84).

Dessa forma, as associações feitas à água-marinha parecem confirmar a suspeita da mulher, ainda ao escolher o anel no passado, de que "aquela pedra azul pálida tinha algo de misterioso em comum com eles". A pedra remete à ideia de que entre o casal do texto há um "amor tão grande como o mar" e que regressou para estar junto de sua amada: "Acendeu o candeeiro ao lado olhou a água-marinha brilhando em sua mão. Como se a pedra tivesse atravessado o mar para vir ter com ela, num momento inevitável, muito mais seguro e rigoroso do que qualquer outro acto humano" (GERSÃO, 2016b, p. 99-100). Esse fragmento contém a síntese da intensidade e beleza que se instauram na narrativa, tanto no plano do conteúdo quanto da forma poética.

Nesse sentido, convém observar que o homem somente devolveu o anel quando ambos já seriam apenas uma lembrança para sua destinatária, posto que ele estaria falecido. Pela impossibilidade de reatar concretamente o relacionamento e o fato de ter pedido a outro homem de sua inteira confiança para fazer a entrega pessoalmente, o gesto do envio do anel revela um misto de romantismo e racionalismo, tão caro à cultura portuguesa como é também a imagem poética desse gesto: o retorno do homem amado em sua última viagem pelo mar, como pode ser observado no trecho: "Como se a pedra tivesse atravessado o mar para vir ter com ela [...] aquele anel que viera dizer-lhe: Amo-te. E era um amor tão grande como o mar" (GERSÃO, 2016b, p. 99-100). Apesar de uma abordagem mítica não ser o foco deste estudo, reconhece-se que Teolinda empregou elementos do imaginário português no tocante à imagem arquetípica do mar e aos sentimentos a ele associados: sonhos, partidas, regressos e conquistas, assim como esperas, perdas e dores.

No tocante à experiência da protagonista, o acender do candeeiro remete à ideia de iluminação, da clarividência ritualística do transportar-se a outras dimensões. A

contemplação se dá pelo olhar pausado sobre a pedra brilhando em sua mão. O símbolo daquela união estava novamente sob o poder de sua dona e lhe permitia o devaneio, pois "O olhar é como o mar, mutante e brilhante, reflexo ao mesmo tempo das profundezas submarinas e do céu" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p. 653).

O olhar fascinado da mulher capta a intensidade do significado daquela singela joia em sua vida. Ela, então, passa a lembrar da história de amor vivida com George. O que ela pensava, sentia, o que viveram juntos e o que diziam um ao outro naquele tempo, tudo sendo retomado em articulação com o tempo que passara, lançando sobre as lembranças a visão amadurecida da mulher do presente.

Como afirma Tuan (2013, p. 228), "os objetos seguram o tempo", como um mecanismo desencadeador do ato de lembrar, porém o constructo espaciotemporal das experiências lembradas é sempre afetado pela passagem do tempo. Assim, a experiência é passível de ser rememorada, mas não como uma forma cristalizada, pois o pensamento e a percepção envolvidos na vivência são influenciados diretamente por elementos da subjetividade, ligados à trajetória pessoal dos indivíduos em relação ao acúmulo e à intensidade do que se vive.

Pela história a ele relacionada, o anel possui essa importância para a mulher no presente. Aquela simples joia tornou-se capaz de presentificar um período passado, ainda muito marcante em sua existência atual. Para Bosi (2006, p. 441), "mais do que da ordem e da beleza, (objetos) falam à nossa alma em sua doce língua natal [...] (são) um elo familiar com as sociedades do passado, (que) pode nos defender da atual, revivendo-nos outra". Os sentimentos e sensações rememorados recolocam o idoso em sua posição no mundo, pois, por integrarem sua história de vida e referirem-se às experiências vividas, reafirmam sua identidade, o que os torna mais emocionalmente fortalecidos. Como observa Tuan (2013, p.227), o passado está diretamente ligado à percepção do ser humano a respeito de si mesmo: "Eu sou mais do que aquilo definido pelo presente fugaz" e resgatá-lo ou acessá-lo é escorar as paisagens de uma existência e renovar a confiança.

O realismo intimista que caracteriza a produção de Teolinda implica num jogo de planos temporais, como neste conto em que a narrativa claramente possui um momento de tempo psicológico (o mergulho na subjetividade para reminiscências e reflexões), inserido no tempo presente cronológico. Assim, o percurso reflexivo vivido pela personagem do conto é uma trajetória de saída de uma secura existencial da velhice estigmatizada para uma experiência de revigoração (umidificação) subjetiva, trazida pela água-marinha. O ponto culminante dessa experiência revigorante é conseguir retornar à vida cotidiana equilibrada e

renovada pelo prazer desencadeado por aquela memória. Isso aparece na imagem de servir-se prazerosamente de seu chá ainda quente e do pensamento conclusivo: "O círculo fechava-se, portanto. O anel voltara ao seu lugar. Para onde quer que fosse, levá-lo-ia consigo" (GERSÃO, 2016b, p. 101).

O anel passou a simbolizar o restabelecimento de sua ligação com George, tinha agora as memórias como companhia: "[...] ele viera dizer-lhe que também continuara a pensar nela. Foi isso que mandara seu filho transmitir-lhe, numa mensagem muda. [...] Só havia duas personagens em cena, ela e George. No fim como no princípio" (GERSÃO, 2016b, p. 100). No entanto, a história da mulher não se encerra nesse fato. A tessitura textual veicula um sutil convite a um mergulho em águas mais profundas a partir do estranhamento na forma como a protagonista decide lidar com essa experiência no fechamento do texto:

> Sorriu olhando a sua mão: era um segredo. [...] Se por ventura alguém lhe perguntasse por que razão ela nunca mais usara outros anéis, ela responderia com indiferença que aquele era o anel ideal para trazer todos os dias, porque tinha pouco valor e era compatível com o trabalho doméstico, a pedra nem sequer era realmente preciosa:
> Afinal de contas era apenas uma água-marinha (GERSÃO, 2016b, p.101)

Nota-se que a senhora tem um evidente retorno – aparentemente injustificado – ao comportamento dissimulador, expresso por meio da ironia. Recurso que tem sido um mecanismo atenuador dos temas cáusticos presentes no enredo das narrativas de Teolinda (MARRECO, 2012), o que corrobora, assim, com a ideia de que há algo a mais sendo contado nessa história.

Segundo Beauvoir (2018, p. 365), a velhice para as mulheres não é necessariamente uma libertação, pois, tendo vivido submetidas a tabus sociais, podem desejar manter esses valores com os quais aprenderam a se interligar ao funcionamento do mundo, sempre regido por uma lógica masculina. Do que se pode inferir uma intenção da mulher do conto em guardar o segredo com sendo uma "preocupação de decência profundamente interiorizada" ou, ainda, insegurança de expor um passado que lhe possa causar julgamentos morais pelo simples fato de rememorá-lo, uma vez que há uma severidade crítica em relação "às mulheres idosas que não representam seu papel de avó serena e desencarnada."

Mas a atitude da protagonista também revela um evidente apego ao passado, como explica Tuan (2013, p. 229):

> Em geral, podemos dizer que, sempre que uma pessoa (jovem ou velha) sente que o mundo está mudando muito rapidamente, sua resposta característica é evocar um passado idealizado e estável. Por outro lado, quando uma pessoa sente que ela mesma está dirigindo as mudanças e controlando os assuntos importantes para ela, então a saudade não tem lugar em sua vida: a ação em vez de lembranças do passado, apoiará seu sentido de identidade.

Assim como o geógrafo, Bosi (2006, p.82) também afirma que, estando à margem, "a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento". Vê-se que as condições vivenciadas pelo indivíduo no presente é que o impelem a decidir se sua atenção se voltará para a vida no momento atual ou para os fatos e circunstâncias do passado.

A partir do retrospecto reflexivo que a protagonista faz de sua vida por meio das lembranças desencadeadas pela contemplação da água-marinha, ela chegou a conclusões sobre suas escolhas no passado e o que viveu a partir delas, de forma que atribui ao anel um imenso valor simbólico em relação a uma história vivida e que ela manterá como uma companhia íntima no decorrer da vida. Isso denota, como explicitado pelos teóricos, uma atitude saudosista devido ao enfraquecimento da ligação com sua realidade atual.

O apego ao passado aparece com diferentes delineamentos e intensidade nos demais contos analisados neste estudo, assim como em todos os escritos de Teolinda em que a velhice é focalizada, evidenciando-o como um aspecto marcante na visão da autora acerca dessa temática.

Santos (2012, p.44) reconhece haver a ideia de segurança em relação ao passado revivido no conto "Avó e neto contra vento e areia" (*A mulher que prendeu a chuva e outras histórias*, 2007):

> Quando saía com o neto, a avó tinha a sensação de entrar para dentro das fotografias, tiradas nos mesmos lugares, muitos anos antes. Era uma *sensação de segurança*, porque as coisas boas vividas ninguém as podia mudar: eram instantes absolutos, que durariam para sempre (GERSÃO, 2007b, p. 93, grifo da autora).

Já em "A mulher cabra e a mulher peixe" (*Prantos, amores e outros desvarios*, 2016), o passado vivido equivale à sabedoria acumulada: "Quem é velho sabe do que fala, rapaz. Nunca ouviste que o diabo sabe muito porque é velho? Escuta o que te digo e pira-te daqui. Não ganhes o vício de ficar aí sentado e quedo, a olhar pra ontem" (GERSÃO, 2016a, p. 85). Com ar de sábio conselheiro, o velho bêbado conta a um jovem, em um bar, suas memórias de histórias com mulheres, revivendo com orgulho e saudosismo as experiências e os saberes que julga ter obtido. Como explica Beauvoir (2018, p. 387), quanto mais

decepcionante forem o presente e as perspectivas de futuro de um homem, mais intensamente ele se voltará para o que lhe causou orgulho no passado.

No conto "A velha" (*Histórias de ver e andar*, 2002) (GERSÃO, 2002b), assim como em "Água-marinha" (GERSÃO, 2016b), há uso de ironia, mas, naquele, o amplo emprego desse recurso denuncia as contradições decorrentes de uma existência marcada pela acomodação como estratégia de sobrevivência da idosa em um contexto de intensa carência que culminará com sua morte nessas condições. Enquanto no outro conto, a ironia serve de provocação ao leitor em relação ao valor ressignificador da experiência vivida pela protagonista.

Os elementos centrais de "Água-marinha": a mulher, o olhar e a água aparecem imbricados em muitas produções de Teolinda Gersão. Seguindo o estilo gersiano, no conto em análise, eles foram contextualizados no enredo de forma verossímil e aparentemente limitados à imanência, porém a elaboração textual os torna potencialmente veiculadores de aspectos existenciais, o que se deu por meio da experiência do "mergulho vertical" de interiorização reflexiva, explicitado por Dias (2008, p.194).

Segundo Bachelard (1997, p.24), quando um autor enfatiza o elemento água em sua escrita, não se trata somente de ser fiel a uma imagem favorita, mas a "um sentimento humano primitivo, a uma realidade orgânica primordial, a um temperamento onírico fundamental".

Em relação à experiência poética em torno da água, o estudo bachelardiano revela que tais imagens simbólicas remetem a um aprofundamento existencial, uma vez que

> [...] a água é também um caminho *de destino*, não mais apenas o vão destino das imagens fugazes, o vão destino de um sonho que não se acaba, mas um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser. [...] (como no) mobilismo heraclitiano [..] (de que ) Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio, porque, já em sua profundidade, o ser humano tem o destino da água que corre. A água é realmente o elemento transitório. É a metamorfose [...]. O ser voltado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente. A morte cotidiana [...] é a morte da água. A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal (BACHELARD, 1997, p.11, grifo do autor).

Essas referências simbólicas articulam-se à análise realizada por Dias (2008, p. 179-180) a respeito de outras protagonistas gersianas, todas jovens ou adultas:

> Sua luta em meio à água reflete o desejo de transcender a indigência a que se vê reduzida, para mergulhar na magia primitiva que devolve o ser ao um estado de pureza e integralidade primordiais. Por isso, o espaço líquido em que a personagem submerge representa metaforicamente a recusa à permanência em um estado solidificado, coeso, já constituído; é uma espécie de negociação da solidez que a

> realidade histórica forjou para si mesma, mas que se liquefaz diante de uma consciência capaz de enxergar suas fraturas. Mediadora entre vida e morte, criação e destruição, a água se oferece à personagem como o solvente que a um só tempo diluiu o peso da história político-social do país e o de sua própria história de vida, fazendo-a emergir como novo ser.

No conto em estudo, a mulher vivencia uma importante experiência em meio à água - uma imagem simbólica de sua subjetividade ou da imensidão íntima, como denomina Bachelard, entretanto ela não triunfa sobre as circunstâncias de sua vida no presente, uma vez que não demonstra ter alcançado uma existência de plena liberdade.

Entretanto, ainda assim, sua atitude final (valorizar imensamente uma experiência pessoal de seu passado e mantê-la em segredo) é uma experiência ressignificadora à medida que essa representação possui uma perspectiva dialética de se posicionar perante o mundo. Ao mesmo tempo que a atitude em dissimular e fechar-se retrata uma existência ainda sob o domínio de padrões comportamentais que lhe apinham a existência, essa conduta também indica um posicionamento de subversão e resistência como estratégia de sobrevivência, mostrando-se, por fim, uma mulher idosa não totalmente adaptada ao condicionamento sofrido ao longo de sua vida, sobretudo por ser mulher num contexto de valores patriarcais.

Como afirma Bachelard (2008, p. 224), "Dizer, se não aos outros, pelo menos a si mesmo. E sempre avançar. Nessa orientação, o universo da palavra comanda todos os fenômenos (novos) do ser". Há, portanto, imenso valor ético e social em perceber a imagem revelada pela tessitura textual e focalizada pela ironia na afirmação da mulher idosa de que "era apenas uma água-marinha" (GERSÃO, 2016b, p.101), pois ela exprime a ideia exatamente contrária ao afirmado: a subjetividade representada pela imagem da água-marinha é de grande importância por ser uma potência instauradora de humanidade. Nela se resguardam as experiências acumuladas e tudo o mais que compõe a existência de cada pessoa; ela é um lugar de combate pela vida que sempre está precisando ser ressignificada frente aos desafios do próprio ato de viver.

## **5.5 Horizontes do envelhecer:** o entrelaçamento entre as narrativas analisadas

*"É na arte que o homem se ultrapassa definitivamente".*
(Simone de Beauvoir)

A partir das experiências de geograficidade configuradas na representação da velhice, em que se buscou identificar os aspectos do envelhecimento que cada narrativa discute, segue-se uma breve análise comparativa com base em alguns aspectos dos estudos

realizados no que se refere a aproximações e distanciamentos que permitam demonstrar o entrelaçamento entre a produção contística de Teolinda Gersão com o lugar existencial dos idosos para compor os "horizontes do envelhecer".

O ponto principal de convergência entre os quatro contos[21] é que todos abordam a mulher idosa representada sem sentimentalismo, mas com muita sensibilidade, tanto na seleção dos aspectos abordados quanto na construção textual.

Convém ressaltar que, nessas narrativas, é possível identificar especificidades da subjetividade, da história de vida e do contexto socioeconômico e cultural das personagens que as particularizam e impossibilitam que todas sejam reunidas em um perfil único de velhice. Como explicam Barros (2006), Beauvoir (2018) e Motta (2006), esse "perfil geral" da velhice é algo incontornável e buscá-lo seria um equívoco, o que também se mostra despropositado às intenções deste estudo, uma vez que tais traços são elementos constitutivos do "mundo vivido" de cada uma delas, onde experienciam a geograficidade teorizada por Dardel (2015), sobre a qual recai o interesse central desta pesquisa. Com esse entendimento, os contos trazem representações de algumas "formas de velhice", entre as quais há aspectos comuns que as aproximam, entre eles a feminilidade da mulher idosa cuja velhice interliga-se às etapas anteriores vividas no contexto patriarcal da família nuclear tradicional, constituindo, assim, um recorte passível de ser objeto de reflexão, como será exposto ao longo deste item.

A velhice feminina retratada por Teolinda não é um momento plácido da vida, nem a própria mulher é uma figura serena, tão pouco a emancipada que vence todas as adversidades ou uma vítima oprimida à espera de ajuda. As circunstâncias e os conflitos remetem ao contexto da vida pessoal e das relações familiares contemporâneas vivenciadas em ambiente doméstico citadino em uma perspectiva não circunscrita à realidade de Portugal.

Outro aspecto de aproximação refere-se à observação de que, à exceção de Luísa, no conto AMI, as demais protagonistas não possuem nome próprio, o que permite aproximá-las no tocante à representação daquilo que as caracteriza em sua vida doméstica solitária: mulher idosa, viúva e mãe. Já Luísa, não vivenciou o casamento nem a maternidade e seu conflito se relaciona à condição feminina de filha e cuidadora da mãe senil. Nesse sentido, as famílias e suas relações com as idosas também podem ser compreendidas como uma representação metonímica da sociedade em relação aos velhos em geral.

[21] Neste item, serão usadas abreviaturas e siglas para nomear os contos: "As mimosas" (AMI), "Mal-entendidos" (ME), "Vizinhas (VI) e "Água-marinha" (AM), assim como para a obra *Prantos, amores e outros desvarios* (PAOD).

Nos contos analisados, tal representação corresponde a, fundamentalmente, ser uma *mulher*, cujo simples ato de existir como ser humano livre, não apenas como um espectro ou objeto, já a insere na luta diária contra sistemas de ideias pré-concebidas e de naturalização de sua condição com intuito de reprimi-la, controlá-la e manipulá-la nos diversos papeis sociais que possa ocupar, como o de mãe e o de filha.

O foco do sofrimento dessa mulher não é a degradação física em si, ocasionada pelo envelhecimento; o que a angustia é a mutilação de sua condição existencial (a forma de estar no mundo como reflexo de sua realização profunda como ser humano). É a perspectiva humanista na escrita de Teolinda, identificada por Conrado (2016), ao observar que a produção da autora focaliza sempre o anseio das personagens por sua realização e felicidade, o que, inevitavelmente, as situa em contraposição a forças exteriores e interiores que lhe são adversas. Em cada narrativa há uma forma particular de romper com a estagnação e reagir a essa perturbação, apesar das incertezas, angústias, frustrações, insegurança, vulnerabilidade e limitações de ordem física ou cultural.

As protagonistas idosas nos contos são ativas e saudáveis, mas a senilidade é abordada em todas as narrativas analisadas. Mostra-se como uma situação que incomoda profundamente as pessoas na vida longeva, uma vez que é uma circunstância que lhes causa vulnerabilidade e marca a inversão da autoridade entre os papéis sociais de pais e filhos. Além disso, demonstram ter consciência de a condição de dependência traz muitos desafios de ordem psíquica, social e econômica aos familiares e à sociedade de forma geral, cujas ações correspondentes nem sempre são benéficas para ambos os lados.

Na visão gersiana, a experiência da mulher idosa no mundo, enquanto constructo histórico-cultural, reflete o que ela sempre viveu. Sua velhice não é marcada por uma fatalidade inesperada, nem se trata de uma experiência isolada do restante da história da vida dessa mulher; ao contrário, é uma extensão, uma realidade composta pelos desdobramentos das vivências anteriores ligadas a seus papéis sociais, relações interpessoais e, fundamentalmente, a intrapessoal.

O silenciamento da mulher tem sido um tema caro à produção romanesca de Teolinda e se faz presente na produção contística em torno da velhice, sendo operado principalmente pelo discurso do narrador; tal como focalizado na análise do conto “Mal-entendidos” por meio do emprego da primeira pessoa, imprimindo um tom memorialístico ao texto. Nos demais contos, há o uso da terceira pessoa pelo narrador heterodiegético onisciente que se mostra solidário às personagens, uma vez que veicula o que elas pensam e sentem. Entretanto, ainda assim, convém ressaltar que as duas modalidades de ato narrativo

representam a neutralização da expressão das idosas, equivalendo à negação (ou restrição) de liberdade e autonomia que elas vivenciam em relação ao espaço na diegese.

Dessa forma, a estrutura composicional dos textos denuncia o silenciamento que vem representado no plano da diegese, explorando, assim, o que dizem por vários viéses os silêncios dos discursos humanos. A intensidade trágica da representação da velhice articula-se também às características do conto no tocante à depuração expressiva e à economia diegética exigidas, consoante ao que concluiu Vieira (2013).

Na relação da mulher idosa com o espaço, imbrica-se também a sua relação com o tempo. As análises retratam formas de apego ao passado, considerando-o um período de maior significação do que o presente, confirmando, assim, a importância das lembranças (assim como pessoas e objetos ligados a um tempo que lhe fora muito estimado), como um mecanismo identitário na velhice. Isso ocorre devido à sensação de desconexão/descompasso que os idosos vivenciam entre o estágio de sua vida atual (velhice) e o mundo presente, como explicado por Bosi (2006), Ferreira (2006), Tuan (2012, 2013) e Beauvoir (2018).

Nos quatro contos, aborda-se a experiência da mulher idosa quanto à sensação de se sentir deslocada em consequência do esvaziamento dos papéis sociais vividos no âmbito doméstico que estabilizavam sua existência perante seus familiares, preenchiam seu tempo e lhe permitiam domínio sobre o mundo e estabilidade. Essa perda a retira do lugar privilegiado que ocupava ao ser útil para os outros, fazendo com que esteja vulnerável e solitária. Em MI, o conflito da protagonista idosa decorre de sua profunda angústia por ter abdicado de viver suas realizações pessoais, ainda que involuntariamente, em prol do cuidado com a mãe idosa, acometida de grave enfermidade. Em ME, a mãe idosa, viúva, vê sua autoridade e sua autonomia em conduzir sua própria vida sendo ignorada pelo filho adulto e sua esposa que, ao invés de buscarem compreendê-la, julgam-na como uma pessoa ressentida e frustrada. Em VI, as senhoras viúvas receiam ser submetidas aos cuidados sem afetividade e aos tratamentos em hospitais e asilos por decisão de seus familiares. Em AM, a idosa viúva apega-se à memória de um relacionamento do passado como forma de enfrentar a solidão do presente.

Como explica Beauvoir (2016, p.386), a mulher narcisista, por ser centrada em si mesma, prevê a inelutável decadência, prepara-se e adapta-se gradativamente. No entanto, a "mulher que se esqueceu, que se dedicou, que se sacrificou ficará muito mais desnorteada pela súbita revelação: [...] desalojada de seus retiros, arrancada a seus projetos, acha-se colocada subitamente sem ter para que apelar, em face de si mesma". Como as personagens de Teolinda, nos contos analisados, possuem esse segundo perfil, suas histórias giram em torno desse choque e a luta de cada uma delas em prol da ressignificação de seu lugar

existencial, não para retornarem ao que eram, mas para a instauração de uma nova condição humana nessa fase da vida.

A estratégia de ação das protagonistas para defesa de seu lugar no mundo consiste na ressignificação de si mesmas, o que equivale a se "liquefazer", desfazendo-se da segurança de ser o que sempre foi, e se reconstituir, assumindo novas formas de estar no mundo - pensamentos e comportamentos, para tentar seguir sua vida sem se submeter. Essa atitude pode ser compreendida como forma de protesto, subversão e resistência. Trata-se, portanto, da subjetividade sendo usada com lucidez por essas mulheres como exercício da liberdade e da autonomia em um viver o mais autêntico quanto lhes for possível alcançar. Nisso consiste o poder de heroicização da figura da mulher idosa na produção gersiana, tal como sintetizado pela idosa Ana na obra *Passagens:* "Era uma estranha sensação de liberdade, sim. [...] E no entanto triunfando ainda pelo poder da mente. A lucidez era uma força: poderia escolher, e escolhia o que achava certo. Ainda estava viva. Era dona de mim e do que tinha vivido" (GERSÃO, 2014, p. 82).

O espaço nos contos ME e VI giram em torno da experiência do lugar na perspectiva de lar, especificamente em relação à deterioração dos laços afetivos entre o ser humano e o lugar para que o lar se efetive. Tais laços estão relacionados à maternidade e à família. Essas narrativas abordam a insegurança e o isolamento que as mães idosas sentem pela impossibilidade de estabelecer uma comunicação autêntica com seus familiares mais íntimos, filhos e netos. Esse isolamento é ressignificado e passa a ser operado pelas idosas, pois elas decidem se afastar das famílias. Ele se torna uma estratégia de proteção contra a opressão decorrente, sobretudo, da imposição das ideias dos mais jovens, como se elas tivessem perdido a capacidade de gerir a própria vida. Diante disso, em ambos os contos, as mulheres buscam uma reconstrução e, para isso, assumem uma atitude de confronto ao negarem os estereótipos e ao partirem em busca de novos lugares onde possam usufruir de autonomia, confiança e liberdade.

Em ME, isso se dá em forma de exílio interior, uma retirada mais metafórica e atitudinal operada por um intenso ensimesmamento, denotando sua resistência. A mãe idosa do texto instaura uma ruptura com seu papel social esperado a partir de uma visão estereotipada dos idosos. Ao adotar um comportamento de intenso afastamento em relação às propostas dos familiares, ela vivencia uma peculiar experiência de lugar: o estar no mundo em uma interação intermediada pelo bloqueio emocional. Com tal comportamento, intenciona proteger-se em meio ao apinhamento e à necessidade de reafirmação de sua autonomia e

liberdade. No conto, a mulher não tem qualquer ato que comprometa seu bem-estar, o que denota a lucidez de sua luta.

Já em VI, as personagens, que se sentem um peso para os familiares, retiram-se do local que cristaliza a dominação de uma estrutura familiar que as aprisiona e condiciona a situação de abandono afetivo e vulnerabilidade. As vizinhas tinham cumplicidade o suficiente para vivenciarem um pacto de apoio para que juntas pudessem enfrentar a sensação de deslocamento que sentiam. Em função disso, permanecerem no mundo não lhes fazia mais sentido, então partem em busca do novo lar fora da existência terrena e vão encontrá-lo numa cabana simples que serve de repouso para pastores em um morro.

Nos dois contos, resgata-se o valor da companhia das antigas amizades entre as mulheres. Em ME, a idosa rejeita a companhia dos familiares, mas gostaria que uma prima também idosa viesse morar consigo, porém ela recusa o convite porque estava debilitada, preferindo permanecer próxima a seus filhos e netos. Já em VI, as amigas viúvas compreendem que sempre estiveram irmanadas em suas condições de vida e passam a ser, reciprocamente, uma a família da outra. Fato que denota a expressão de dois aspectos transgressivos: um se refere à experiência de acolhimento e segurança com base em afetividade autêntica que caracteriza o *lar*, como algo que pode tornar-se impossível de ser vivido com familiares originais, porém verdadeiramente encontrado junto a um não consanguíneo. O outro é o enaltecimento da relação de solidariedade e amizade entre as mulheres a partir da ideia do pacto que as une, desmistificando a ideia de superficialidade nas relações do universo feminino.

A tônica do espaço nos contos AMI e AM recai na experiência do lugar na velhice, ligado à condição da mulher, acerca da qual os dois textos trazem referências simbólicas fundamentais para a trama narrativa. Nos quatro contos, Teolinda explora a construção textual por meio do cenário verossímil, mas, nesses dois, há migração da existência material real para territórios subjetivos, criando atmosferas oníricas pelo devaneio nos dois contos e pelo acontecimento fantástico em AMI.

Nessa narrativa, em um ato comum de dormir e acordar, a protagonista passa de uma fase da vida (adulta) para outra (velhice), de forma que essa insólita passagem de tempo se liga à criação de uma paisagem marcada pelo estranhamento que será o fator decisivo para o destino da protagonista, sobre o qual os padrões de comportamento e pensamento da cultura patriarcal sempre exerceram muita influência, como referendado no simbolismo das acácias. Em AM, a circunstância é mais simples: trata-se de um devaneio, um mergulho na imensidão

íntima (BACHELARD, 2008), que se dá a partir da referência simbólica de um anel contendo uma pequena água marinha.

Em AMI, sua existência é tensionada nos limites do espaço central da narrativa, o quarto onde cuida de sua mãe idosa inválida, testemunhando sua vida e sua finitude como uma força que a aprisiona emocionalmente quando adulta. De forma que não chega a ser uma paisagem topofóbica porque ela se sente bem ao cuidar da mãe, porém também não é topofílica, pois sente sua espaciosidade comprometida devido ao desgaste em torno da dependência dessa relação e pela busca angustiante por atender às expectativas sociais que pesam sobre sua condição de mulher. A morte da mãe de Luísa esvazia seu papel social de filha pelo qual viveu seu lugar no mundo até aquele momento e isso lhe faz perceber sua estreiteza de sua existência. Em sua condição de idosa, ela se sente emparedada, uma topofobia extrema, sensação que se configura na expressão do quarto trancado e isolado, do qual se liberta somente simbolicamente, ao se lançar pela janela afora.

AM é uma singular história de amor e reencontros em torno do mergulho na imensidão íntima, representada no texto pela imagem da água marinha. Mais do que uma religação amorosa de uma pessoa em relação a outra, trata-se de um possível reencontro harmonioso da mulher consigo mesma. A protagonista do conto sente uma topofobia circunstancial, sendo sua condição melhor identificada como um apinhamento pelo condicionamento decorrente das convenções sociais a que se vê submetida, de forma que recupera sua espaciosidade ao estar sozinha. Sua condição é de solidão, mas, por meio das memórias de um antigo amor simbolizado em um anel, ela encontra um meio de ter uma companhia simbólica, ao que Simone de Beauvoir (2016) refere-se como sendo uma ilusão característica da solitária velhice feminina. Ainda que não tenha alcançado a plenitude de sua forma de estar no mundo, a atitude subversiva que a idosa assume, ao guardar essa realização somente para si, pode ser compreendida pela desconfiança quanto aos julgamentos de que possa ser vítima, mas também representa o tensionamento de concepções e comportamentos consolidados, no sentido de buscar uma forma de reconfigurar o lugar de isolamento em que se encontrava.

Esse tensionamento do que se é, do lugar que se ocupa e do que se poderia ser ou que lugar ocupar no mundo sendo protagonizado por pessoas idosas evidencia uma ebulição de experiências em torno do envelhecer humano, evidenciando o equívoco de reduzir essa etapa da vida às perdas e associá-la à inércia (BARROS, 2006; BEAUVOIR, 2018; MOTTA, 2006). A erupção de inquietudes, desejo de mudança e atitudes de inconformismo na velhice ressalta a possibilidade de a pessoa (idosa) buscar ressignificações existenciais a partir da

vivência de sua subjetividade como estratégia de confrontar-se contra a opressão e a indiferença do mundo.

Nos quatro contos analisados, a morte aparece sob uma perspectiva naturalizada, ou seja, é finitude a que se chega no seguir natural da vida, mas sendo sempre um fator de comoção. Não parece como algo abstrato nem distante da pessoa idosa, mas sim "um acontecimento próximo e pessoal" (BEAUVOIR, 2018, p.458), pois se materializa na experiência de familiares e amigos que morrem, tornando-se perdas que se somam a outras da velhice. Entretanto, na geograficidade vivenciada da mulher idosa nos contos AMI e VI, há a implicação do suicídio como uma ruptura intencional de ligação com o mundo em função de uma profunda sensação de deslocamento e intensa frustração. Ao analisar a morte em outras obras de Teolinda, Dias (2008, p. 68) observa que é um ato de subversão, como o ápice de um processo de enfrentamento que vai se compondo ao longo da narrativa:

> [...] (Há) um círculo inexorável que é preciso romper. O confronto com a morte vai-se impondo como realidade iminente, impossível de ser evitada porque pertencente a um caminho já preparado desde o início: a medição de forças entre a personagem e o meio, daí devendo resultar a vitória de um dos dois.

Nos contos analisados, o gradativo desgaste das relações e o aprofundamento dos sentimentos que levam as personagens a essa opção aparece nos enredos das narrativas, evidenciando a complexidade e o extremismo em torno dessa opção.

Em AMI, a protagonista, a despeito de sua velhice, finalmente rompe com a passividade com que se submeteu à vida e tenta libertar-se por meios convencionais (escreve pedido de socorro, grita, faz barulhos, tenta abrir portas e janelas), mas não obtém sucesso, ninguém lhe dá atenção. Por fim, num ato desesperado, rompe violentamente o limite do espaço que lhe causa o profundo apinhamento, quebrando o vidro e saltando pela janela do quinto andar em um gesto simbólico de libertação.

Em VI, o suicídio é cautelosamente pensado e realizado sem conflito; um ato ligado ao contexto da espiritualidade, uma vez que pretendem que o lar perdido na existência terrena seja restabelecido em outra dimensão. Sua efetivação consiste em uma retirada da convivência social e uma literal espera pela morte, cuja dramaticidade é acentuada pela cena do soterramento da cabana durante a neve, à semelhança de um sepultamento em meio à frieza das relações familiares.

Essas atitudes de abandono do lar, opção pela morte, assim como o exílio interior e o segredo dissimulado, podem ser compreendidas como ações de enfrentamento à estereotipia e expressam a radicalidade da negação das protagonistas em relação às limitações

existenciais sofridas. Esse é, portanto, mais um meio pelo qual o caráter combativo e subversivo da escrita gersiana é reiterado no contexto da velhice.

Ainda que este estudo não tenha se aprofundado na busca pelas motivações da autora para a produção de “As mimosas”, “Mal-entendidos”, “Vizinhas” e “Água-marinha”, constatou-se que a tessitura dessas narrativas permite a visibilidade de paisagens que evidenciam uma condição deslocada da mulher idosa no mundo atual, como peças distintas que se harmonizam na composição de um mosaico. Reunidas, elas constituem um horizonte cuja dinâmica de desdobramento de sentidos dá-se a partir da escrita ficcional de Teolinda que traz os idosos da margem e do papel secundário para a centralidade e ao protagonismo. Esse deslocamento e as experiências vividas nesse novo lugar são, fundamentalmente, expressões de inconformismo e resistência porque confrontam e denunciam aspectos do real, visando redimensioná-lo. Pode-se afirmar, portanto, que tais narrativas compõem um horizonte poético (literário) de tensionamentos humanistas em torno do envelhecer humano.

# 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os que amam a literatura compreenderão a satisfação em poder afirmar que ela esteve à frente na realização desta dissertação, delineando a pesquisa e redirecionando-a, quando necessário, para torná-la mais significativa, como aconteceu em relação à alteração da proposta pensada no início do curso do Mestrado e na nova orientação seguida a partir do estudo do conto "Vizinhas", como justificado na introdução.

À pesquisadora, coube cumprir o desafio de unir fios literários e teóricos, entrelaçando-os no intuito de reconhecer a geograficidade configurada nos contos "As mimosas", "Mal-entendidos", "Vizinhas" e "Água-marinha", da obra *Prantos, amores e outros desvarios* (2016), de Teolinda Gersão, buscando que ideia de velhice representam e, ainda, como se dá o entrelaçamento entre essa produção contística e o lugar dos idosos na contemporaneidade.

No tocante à geograficidade, serviram de base teórica os estudos geográficos da vertente humanista cultural, com destaque para as categorias "espaço", "lugar", "lar", "apinhamento", "topofilia" e "exílio", presentes nos estudos de Eric Dardel, Yi-Fu Tuan e Edward Relph, cuja compreensão foi enriquecida pelas igualmente significativas pesquisas dos geógrafos brasileiros, sobretudo, Eduardo Marandola Jr., Lívia de Oliveira e Werther Holzer; e na área da literatura, Márcia Manir e Ida Alves com seus estudos sobre a paisagem nas literaturas de língua portuguesa, assim como Miriam Volpe e Paul Ilie acerca da ampliação semântica em torno da experiência exílica e, ainda, as discussões de Gaston Bachelard a respeito da fenomenologia do espaço poético complementadas pelas informações acerca de referências simbólicas obtidas junto a Jean Chevalier e Alain Gheerbrant.

Na complementaridade do pensamento desses teóricos e pesquisadores, estão os principais fundamentos empregados nesta leitura literária do fenômeno geográfico, apontando, por meio de uma visão antipositivista, que o conhecimento geográfico encontra-se expresso na ligação direta das pessoas ao mundo, através das experiências vivenciadas, gerando vínculos que formarão a sua geograficidade, à medida que o lugar se constituir a partir do sentido e do valor para sua existência.

Nesse contexto, destaca-se o pensamento de Eric Dardel em relação à análise da experiência de lugar em textos literários realizada nesta pesquisa. A renovação dos estudos geográficos em torno da ideia de geograficidade, assim como os estudos/comentários realizados por ele nos textos literários ao longo de sua obra, ampliaram os caminhos que interligam o geográfico ao literário, e mais, ampliaram o conhecimento acerca dos horizontes

da existência humana em extensão/variedade, mas sobretudo e, talvez de maior importância, em profundidade de significados.

Como no cerne deste estudo está a experiência humana de lugar vivida na velhice, buscou-se o pensamento de Simone de Beauvoir a respeito dessa temática, sendo complementado com a pesquisa de sociológica de Ecléa Bosi e, no campo da Antropologia Social, de Myriam Moraes Lins de Barros, Guita Grin Debert, Clarice Peixoto, Alda Britto da Motta, para ampliar e fundamentar a discussão de aspectos suscitados pelos textos literários analisados. Segundo as estudiosas, em torno do processo do envelhecimento e da velhice enquanto etapa de vida, importa muito menos a discussão da cronologia etária "exata" do que saber que, na verdade, o que há são *velhices* decorrentes de características biológicas socialmente influenciadas em relação ao sexo/gênero, à etnia, à condição socioeconômica, ao nível cultural, à geração, ao grupo etário e à condição de classe. Tudo isso influenciando como as pessoas se sentem, como se veem e com percebem os outros, ou seja, como as experiências humanas de velhice são vividas no mundo.

A partir da incursão teórica realizada, evidencia-se que a condição humana do idoso ainda é estigmatizada e marginalizada, a despeito de toda "leveza" e despojamento que o envelhecimento ativo propõe no contexto da "modernidade líquida", como teorizada por Bauman.

Velhice não é nem pode ser reduzida à decadência ou à espera pela morte; velhice é vida pulsante, é combate subjetivo no processo de viver, uma experiência original como fora todo o trajeto anterior. Infelizmente, as pesquisas expressam que na relação entre os idosos e o mundo, as desigualdades se aprofundam e ter acesso a condições favoráveis nesse momento da vida depende de uma personalíssima combinação de aspectos relacionados, principalmente, à saúde, à família ou grupo social equivalente e às condições econômicas.

Beauvoir reflete que a velhice é uma realidade que permanece desfocalizada na experiência da vida até que os outros a evidenciem, aliás, há quase cinquenta anos, a estudiosa denuncia que essa etapa da vida humana é majoritariamente marcada por invisibilidade e silenciamento, apesar de ser uma realidade que diz respeito a TODOS os viventes por razões éticas e por significar a própria sobrevivência. Nesse sentido, a indignação da filósofa francesa, ao denunciar e discutir essa realidade, tornou-se um marco e uma voz que tem encontrado muitos ecos a ressoar o inconformismo e a luta em favor dos idosos.

Na realização deste estudo, comprovou-se que Teolinda Gersão tem abordado enfaticamente essa temática em sua produção contística de 2002 a 2016. A autora segue sua estilística ao produzir narrativas em que enuncia cotidianos, buscando subverter a vida por

meio do jogo que realiza entre o ficcional e o real. Ela se faz escrita para denunciar e disseminar ideias, sensibilizando pela poeticidade, mas provocando fundamentalmente reflexão crítica.

Tomando em conjunto as narrativas analisadas “As mimosas”, “Mal-entendidos”, “Vizinhas” e “Água-marinha”, tem-se uma composição na qual se encontram aspectos marcantes da escrita gersiana: a focalização na condição da mulher, a articulação tensionada entre o real e o ficcional, a verossimilhança construída pela hegemonização da linguagem e pela escolha de um cenário com circunstâncias da vida comum particular que aponta para uma abordagem universal, a subversão, a trajetória de mergulho introspectivo vivenciado por protagonistas, traços do imaginário português, a disposição gráfica do texto como um aspecto criador de sentido, o emprego da ironia e da ambiguidade, a simbologia da água e a abordagem de temas cáusticos.

As análises evidenciaram que a produção de cada conto se mostrou planejada em tema e tom, o quê e o como dizer articularam-se em composições que não se ocuparam em dizer tudo, ao contrário, dizem o mínimo necessário e na intensidade precisa para causar o efeito de estranhamento, revelando-se textos de qualidade excepcional, como preceitua Cortázar (1993). Essa provocação é o elemento propulsor da busca pelas histórias contadas, a superficial e a enigmática, teorizadas por Piglia (2004). Decerto, encontrar respostas aos estranhamentos e às ressonâncias desses textos não foi um trabalho fácil porque os indícios foram compondo caminhos labirínticos cuja significação, por vezes, anulava as hipóteses iniciais, exigindo mais perspicácia e sensibilidade no trabalho analítico. No entanto, parece que, dessa forma, cumpriu-se o intendo de fazer com que texto não fosse somente lido, mas que ressoasse ao permanecer junto ao leitor para falar-lhe mais em relação ao real a partir do ficcional.

Nos contos gersianos, a concisão não prejudica a fluidez e o poder dos jogos simbólicos aguçam os sentidos e permitem ao leitor deslindar perspectivas temáticas que emancipam o pensamento e geram reflexão. Os recursos poéticos empregados nas narrativas analisadas corroboram com o viés crítico-reflexivo desses textos, confirmando que a tendência combativa da escrita de Teolinda, amplamente reconhecida na produção romanesca, também se faz presente na sua produção contística em torno da velhice.

Na construção desses textos, há onisciência em primeira e em terceira pessoa, exploração dos arquétipos de família e velhice no mundo contemporâneo, em que a mulher na velhice não aparece como uma contadora de histórias, mas sim, uma figura silenciada, que, não sendo mais útil, mãe ou não, perde também seu poder de fala, restando-lhe a exclusão e o

isolamento. Essas histórias, ao retratarem ficcionalmente as estratégias de resistência e resignação adotadas pelas personagens para manterem sua autonomia e liberdade, servem de voz para a coletividade que representam. Ressalta-se que esse também é um aspecto conclusivo no estudo desenvolvido por Vieira (2013) acerca do tratamento ficcional da velhice em formas breves de autoras portuguesas, dentre as quais está Teolinda.

Ao observar as experiências de geograficidade vividas pelas personagens idosas nos quatro contos analisados, constata-se que alguns elementos se repetem com nuances diferenciadas, como se insistindo no que se intenciona enfatizar: a insegurança, a angústia e a solidão na vida das idosas, causando-lhes apinhamento e topofobia, o que termina por configurar uma condição de indivíduo deslocado. O mundo lhe parece mais "um espaço" e não o seu "lugar", devido ao enfraquecimento, ou mesmo a perda, dos laços de lugaridade à medida que sua vida avançou. E em decorrência dessas experiências, surge um desejo/uma necessidade de instaurar uma nova realidade, expressando, portanto, seu inconformismo. A figura central dessas narrativas é a mulher que, embora envelhecida, não sucumbe à reificação, à alienação e ao comodismo, e, por isso, precisa sempre agir como uma inadaptada ao funcionamento do mundo regido por valores do patriarcalismo e de outras formas de subjugação da existência humana.

Dessa forma, descortinam-se algumas faces da velhice feminina em um contexto que não se restringe ao espaço português. Como visto nos comparativos entre os contos, as análises revelaram diversos elementos que se somam, compondo uma espécie de mosaico de vivências humanas de geograficidade:

a) as experiências de apinhamento em meio à senilidade e à condição da mulher expressas na complexidade da vida da filha que precisa ser a única responsável por cuidar da mãe idosa senil em "As mimosas";
b) o exílio interior em "Mal-entendidos", abordando a experiência de lugar na velhice no tocante à incomunicabilidade e ao artificialismo nas relações familiares contemporâneas, abordando o vínculo entre mãe idosa e filho adulto. Ressalta-se que esses dois contos evidenciam a distinção na forma como homens e mulheres vivenciam o relacionamento filial com a mãe idosa;
c) o lugar líquido como uma desmistificação da concepção de lar em "Vizinhas" no contexto da "modernidade líquida". O *lar* - lugar de acolhimento, segurança e proteção, em contraposição ao lugar sem lugaridade na vida familiar na velhice;

d) e o mergulho na imensidão íntima em “Água-marinha”, abordando a solidão na velhice que favorece a experiência de aprofundamento subjetivo nas memórias, sendo um aspecto ressignificador à existência da idosa.

Considerando que este estudo foi uma tessitura textual, no arremate final, ficam o ponto e o fio de desejo de que esta dissertação possa servir como contribuição e inspiração para futuros projetos. Como sugestão, tem-se a proposta de investigação sobre a velhice masculina na produção de Teolinda, assim como um estudo que englobe toda a produção dessa autora acerca da velhice e, ainda, uma investigação por algum enfoque temático relacionado à velhice nessas obras, assim como um estudo comparado entre essa produção e a de outros autores e autoras.

Assim, a maestria poética com que Teolinda Gersão tem desvelado aspectos da realidade em torno da condição de envelhecimento suscita significativas reflexões em torno do envelhecer, no tocante a aspectos ligados à vida privada e no âmbito social, mas, acima de tudo, provoca que sejam repensadas as formas de (con)viver, sobretudo no tocante aos relacionamentos familiares com os filhos, pois esse vínculo é um fator decisivo na configuração do lugar das pessoas idosas no mundo.

# REFERÊNCIAS

ALVES, Ida; FEITOSA, Márcia Manir Miguel (Orgs.). **Literatura e paisagem:** perspectiva e diálogos. Niterói: Ed. da Universidade Federal Fluminense, 2010.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do século).

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Tópicos).

_____. **A poética do espaço**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. Tradução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARRENTO, João. A nova desordem narrativa: sujeito, tempo e discurso acendrados no romance de mulheres em Portugal. **Revista Abril** – Revista do Núcleo Estudos de Literaturas Portuguesa e Africanas da UFF, v. 2, n. 3, nov. 2009, p. 89-97. Disponível em: http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/245. Acesso em: 15 fev. 2017.

BARROS, Bruno Mazolini de. Passagens: uma meditação. **Revista Desassossego**, v. 9, n. 17, p. 214-217, 28 dez. 2017. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/130916. Acesso em: 15 jan. 2018.

BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. *In:* _____. **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p.113-168.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Modernidade líquida.** Tradução Plínio Dentizien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice.** Tradução Maria Helena Franco Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. (Biblioteca Áurea).

_____. **O segundo sexo:** a experiência vivida. Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v.2.

BELO, Isolda. Velhice e mulher: vulnerabilidades e conquistas. **Revista Feminismos**, v. 1, n. 3, set./dez. 2013. Disponível em: http://www.feminismos.neim.ufba.br. Acesso em: 18 ago. 2018.

BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra:** natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 111-140.

_____. **Ver a terra**: seis ensaios sobre paisagem e geografia. Tradução Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: Bíblia de Aparecida. Tradução Padre José Raimundo Vidigal. 20. ed. Aparecida - SP: Santuário, 2017. p.1585.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. Tradução Márcia Trigueiro. *In*: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007. p.17-78.

BUESCU, Helena Carvalhão. Paisagem literária: imanência e transcendência. *In:* CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA, 23., 2011. São Luís. **Anais [...]**. Organizado por Márcia Manir Miguel Feitosa e Renata Ribeiro Lima. São Luís: UFMA, 2012. p.m07-10. ISBN 978-85-7862-215-2. Disponível em: http://www.abraplip.org.br. Acesso em: 10 dez. 2018.

BUTTIMER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. Tradução Neide Piran e Antonio Christofoletti *In*: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 165-195.

CARETTI, Ana Carolina. **De Narciso a Eco**: metaficção e autointertextualidade em narrativas de Teolinda Gersão. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara -SP, 2017. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/150986. Acesso em: 8 nov. 2018.

_____. O teatro da existência e da resistência: a velhice em passagens, de Teolinda Gersão. **Revista Forma Breve**, 2014. Disponível em: http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/3127/2895. Acesso em: 10 fev. 2018.

CARVALHO, Maria Judith de. Desencontro. *In*: MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através de textos**. 34. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2012. p. 674-679.

CHAUÍ, Marilena. Apresentação: os trabalhos da memória. *In*: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.17-33.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 29. ed. rev. ampl. e atual. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. As perspectivas dos estudos geográficos. *In*: _____. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 11-36.

COELHO, Nelly Novaes Coelho. O discurso-em-crise na literatura feminina portuguesa. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 2, p.120-128, jul. 1999. Disponível em: http://www.periodicos.usp.br/viaatlantica/article/download/48738/52811. Acesso em: 21 ago. 2018.

CONRADO, Júlio. Teolinda Gersão, contista. **Revista Triplov de Artes, Religiões e Ciências**, p. 1-11, 2016. Disponível em: http://triplov.com/letras/Julio-Conrado/2016/teolinda_gersao/index.htm. Acesso em: 10 fev. 2017.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. Organização Haroldo de Campos e Davi Arrigucci Junior. Tradução Davi Arrigucci Junior e João Alexandre Barbosa. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. (Coleção Debates, v. 104).

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Tradução Sandra Mallmann da Rosa. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CUNNINGHAM, Scott. **Enciclopédia de cristais, pedras preciosas e metais**. Tradução Cacilda Rainho Ferrante. 3. ed. São Paulo: Gaia, 2005. Disponível em https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/100969/mod_resource/content/1/enciclopedia%20de%20gemas%20e%20metais.pdf. Acesso em: 15 jul. 2018.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DEBERT, Guita Grin. Velhice e o curso da vida pós-moderno. **Revista USP**, São Paulo, n. 42, p. 70-83, jun./ago. 1999. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28456. Acesso em: 18 ago. 2018.

DIAS, Maria Heloísa Martins. Infiltração do mítico na narrativa de Teolinda Gersão. *In*: _____. **As distintas margens da escrita literária**. São Pulo: UNESP, 2011. p. 167-179.

_____. **O pacto primordial entre mulher e escrita**: Teolinda Gersão e a atual prosa feminina portuguesa. São Paulo: Scortecci, 2008.

_____. **O poder, a palavra, a mulher na escrita de Teolinda Gersão**. Programa do XV Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa e IV Seminário de Estudos Literários (24 a 27 de outubro de 1994). Assis- SP: Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista, 1994. p.176-189.

DUARTE, Olga Maria Carvalho. **Teolinda Gersão**: a escrita do silêncio. 2005. Dissertação (Mestrado no Instituto de Letras) - Universidade do Minho, Braga, 2005. Disponível em: http://hdl.handle.net/1822/5620. Acesso em: 18 ago. 2017.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução Waltensir Dutra. 9. ed. São Paulo: Marins Fontes, 2003.

FARIA, Alexandra Sofia Cunha Correia de. **O mundo onírico em Teolinda Gersão**. 2007. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2007. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/23128. Acesso em: 12 jan. 2018.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel. Diálogos fronteiriços: uma leitura de Mário de Carvalho à luz da geografia humanista cultural. *In*: VALENTÍN, Rui Jacinto; DIÉGUEZ, Cabero (Orgs.). **Diálogos (trans)fronteiriços**: patrimónios, territórios, culturas. Lisboa: Ed. Âncora, 2016. p. 297-310. (Coleção Iberografias, v.31).

FEITOSA, Márcia Manir Miguel; MORAES, Cláudia Letícia Gonçalves; COSTA, Janete de Jesus Serra. O entrelaçamento de fios entre a geografia e a literatura: a construção de um saber múltiplo. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 4, n. 6, jan./jul. 2012. Disponível em http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/viewFile/222/170. Acesso em: 20 abr. 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio**: dicionário da língua portuguesa. Coord. de edição Marina Baird Ferreira. 7. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzuchi. Memórias e velhice: o lugar da lembrança. *In*: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 207-222.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (UNFPA). **Envelhecimento no século XXI**: celebração e desafio (Resumo Executivo). Tradução Eleny Corina Heller. Nova York: [s.n.], 2012. Disponível em: https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Portuguese-Exec Summary_0.pdf>. Acesso em: jan.2018.

GERSÃO, Teolinda. **A árvore das palavras**. São Paulo: Ed. Planeta, 2004.

_____. **A cidade de Ulisses**. 5. ed. Porto: Sextante, 2015.

_____. A defunta. *In*: GERSÃO, Teolinda. **Histórias de ver e andar**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2002a. p. 123-130.

_____. "A morte não me assusta nada". [Entrevista cedida a] Ana Tomás. **Notícias Magazine.pt**, 26 fev. 2017. Disponível em: https://www.noticiasmagazine.pt/2017/teolinda-gersao/. Acesso em: 5 jul. 2018.

_____. A mulher cabra e a mulher peixe. *In*: GERSÃO, Teolinda. **Prantos, amores e outros desvarios.** Porto: Ed. Porto, 2016a. p.85-94.

_____. A velha. *In*: GERSÃO, Teolinda. **Histórias de ver e andar**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2002b. p. 71-84.

_____. Água-marinha. *In*: GERSÃO, Teolinda. **Prantos, amores e outros desvarios**. Porto: Ed. Porto, 2016b. p. 95-102.

_____. As mimosas. *In*: GERSÃO, Teolinda. **Prantos, amores e outros desvarios**. Porto: Ed. Porto, 2016c. p. 23-32.

_____. As tardes de um viúvo aposentado. *In*: GERSÃO, Teolinda. **A mulher que prendeu a chuva e outras histórias**. 6. ed. Porto: Sextante, 2007a. p. 13-26.

_____. Avó e neto contra vento e areia. *In*: GERSÃO, Teolinda. **A mulher que prendeu a chuva e outras histórias**. 6. ed. Porto: Sextante, 2007b. p.71-76.

_____. Enredos. *In*: GERSÃO, Teolinda. **Prantos, amores e outros desvarios**. Porto: Ed. Porto, 2016d. p. 109-114.

_____. Jogo Bravo. *In*: GERSÃO, Teolinda. **Prantos, amores e outros desvarios**. Porto: Ed. Porto, 2016e. p. 49-58.

_____. Mal-entendidos. *In*: GERSÃO, Teolinda. **Prantos, amores e outros desvarios**. Porto: Ed. Porto, 2016f. p. 71-78.

_____. O leitor. *In*: GERSÃO, Teolinda. **Histórias de ver e andar**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2002c. p. 177-190.

_____. **O silêncio**. 6. ed. Porto: Sextante, 2013a.

_____. **Os guarda-chuvas cintilantes**. Lisboa: O jornal, 1984.

_____. **Passagens**. Porto: Sextante, 2014a.

_____. Porto de Encontro - Teolinda Gersão. [Entrevista cedida a] Sergio Almada. **Porto Canal**, Porto, n. 25, 23 mar. 2014b. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cxJkakTGzLw. Acesso em: 05 jul. 2018.

_____. Teolinda Gersão no Câmara Clara. [Entrevista cedida a] Paula Moura Pinheiro. **RTP2**, Portugal, 29 maio 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7Q0a0qYiKO4. Acesso em: 06 jul. 2018.

_____. **Um livro sobre a mãe de todos nós**. (Texto baseado na comunicação oral de Teolinda no lançamento de A Mãe Eterna, de Betty Milan), Lisboa, 2016g. Disponível em: http://www.bettymilan.com.br/um-livro-sobre-mae-de-todos-nos-teolinda-gersao/. Acesso em: 10 dez. 2017.

_____. Uma tarde de verão. *In*: GERSÃO, Teolinda. **Prantos, amores e outros desvarios**. Porto: Ed. Porto, 2016h. p. 59-70.

_____. Umas Palavras. [Entrevista cedida a] Bia Corrêa do Lago. **Rede Globo**, Canal Futura, Rio de Janeiro, n. 82, 2013b. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=-Y1MKNaYT_4. Acesso em: 06 jul. 2018.

_____. Vizinhas. *In*: GERSÃO, Teolinda. **Prantos, amores e outros desvarios**. Porto: Ed. Porto, 2016i. p.79-84.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Álvaro Cardoso. **A literatura portuguesa em perspectiva**. São Paulo: Atlas, 1994. v.4.

_____. **A voz itinerante**. Ensaio sobre o Romance Português Contemporâneo. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1993. (Criação e Crítica, v. 14).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Traduzido por Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. *In*: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. p.141-154.

_____. **A geografia humanista**: sua trajetória 1950-1990. Londrina: Eduel, 2016.

_____. A geografia humanista: uma revisão. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, p. 137-147, 2008. Edição Comemorativa - 1993-2008.

_____. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. *In*: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs). **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p.281-304.

ILIE, Paul. **Literature and Inner Exile**. Authoritarian Spain, 1939-1975. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1980.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (Portugal). **Projeções de População 2015-2080**. Destaque Informação à Comunicação Social, 29 mar. 2017. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=277695619&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt. Acesso em: 14 nov. 2018.

JESUS, Maria Cristina Pinto de *et al*. Cuidar da mãe idosa no contexto domiciliar: perspectiva de filhas. **Texto contexto – enferm**, Florianópolis, v. 22, n. 4, p.1081-1088, out./dez. 2013. Disponível em: http://ref.scielo.org/k8b2q8. Acesso em: 25 jul. 2018.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Revista Geografia**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009. Disponível em: http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4795. Acesso em: 10 jan. 2017.

MARANDOLA JR., Eduardo. Contribuições recentes em geografia humanista e cultural. **Revista Geografia**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 612-617, set./dez. 2009. Disponível em: http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4810/3961. Acesso em: 10 jan. 2017.

_____. Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Revista Geografia**, Rio Claro, v. 37, n. 1, p.81-94, jan./abr. 2012. Disponível em: https://fenomenologiaegeografia.files.wordpress.com/2012/11/marandola-jr-heidegger-e-o-pensamento-fenomenolc3b3gico-em-geografia-2012.pdf . Acesso em: 10 jan. 2017.

_____. Humanismo e a abordagem cultural em geografia. **Revista Geografia**, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-419, set./dez. 2005. Disponível em: http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/611. Acesso em: 25 set. 2017.

_____. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. **Revista Geosul**, Florianópolis, v. 25, n. 49, p.7-26, jan./jun. 2010. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/15475. Acesso em: 18 jan. 2018.

_____. Prefácio. *In*: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. XI-XIV.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Orgs). **Geografia e literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Do sonho à memória: Lívia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **Revista Geografia**, Londrina, v. 12, n. 2, jul./dez. 2003. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia. Acesso em: 12 set. 2017.

MARRECO, Maria Inês de Moraes. Teolinda Gersão: uma contista portuguesa com certeza. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 47, n. 4, p. 430-436, out./dez. 2012. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/11389/8538. Acesso em: 10 jun. 2017.

MELLO, João Baptista Ferreira de. O triunfo do lugar sobre o espaço. *In*: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs). **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 33-68.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos. Entre a liberdade e dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR. Carlos (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2002. p.11-25. (Coleção Antropologia e Saúde).

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através de textos**. 34. ed. rev. e ampl. São Paulo: Culrix, 2012.

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Edição revisada e modificada pelo autor. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MOTTA, Alda Britto da. As idades da mulher. **Revista Feminismos**, v.1, n.3, set./dez. 2013. ISSN: 2317-2932. Disponível em: http://www.feminismos.neim.ufba.br. Acesso em: 15 ago. 2018.

_____. Chegando pra idade. *In*: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 223-236.

_____. Envelhecimento e saúde do corpo. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR. Carlos (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2002. p.37-50. (Coleção Antropologia e Saúde).

NEVES, João Alves das. **Contistas portugueses modernos**. 3. ed. rev e aum. São Paulo: DIFEL,1982.

OLIVEIRA, Lívia de. O sentido do lugar. *In*: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs). **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p.3-14.

OLIVEIRA, Maria Lúcia Wiltshire de. Estranhamento e heterotopia em contos de Teolinda Gersão. *In:* CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA, 23., 2011. São Luís. **Anais [...]**. Organizado por Márcia Manir Miguel Feitosa e Renata Ribeiro Lima. São Luís: UFMA, 2012. p. 814-828. ISBN 978-85-7862-215-2. Disponível em: http://www.abraplip.org.br/wp-content/uploads/2015/01/Anais-XXIII-Congresso 2011.pdf. Acesso em: 10 dez. 2018.

PAIVA, José Rodrigues de. A narrativa breve de Teolinda Gersão: um diálogo entre o real e o fantástico. *In:* COSTA, Veronica Prudente; WANKLER, Célia Monteiro; RIOS, Otávio (Orgs). **"Entre dois fins de século"**: estudos de literatura portuguesa. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015. p. 131-146.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idosos terceira idade... *In*: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 223-236.

PERPÉTUA, Elzira Divina. Modos de ver, modos de andar: o leitor em Teolinda Gersão. *In:* ENCONTRO DE PROFESSORES BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA DA ABRAPLIP, 20., 2005. **Anais [...]** Niterói, RJ: L. Christiano, 2005. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B6Yjdi1fotMmV0xGOWtvS0xHSVE/view. Acesso em: 18 ago. 2017.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 87-94.

REAL, Miguel. Teolinda Gersão - Cartografias da existência. **Portal da Literatura: Crítica literária por Miguel Real**, 17 jun. 2015. Disponível em: https://www.portaldaliteratura.com/critica-literaria.php?id=30. Acesso em: 15 jun. 2017.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essências de lugar. *In*: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs). **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 17-32.

RITA, Annabela. Ver e andar com Teolinda Gersão. **Abril – NEPA/UFF**, [S. l.], v. 4, n. 6, p. 29-38, abr. 2011. ISSN 1984-2090. Disponível em: http://www.revistaabril.uff.br. Acesso em: 12 fev. 2017.

ROCHEDA, Maria Isabel; MARTINS, Serafina (Coords.). **Conto português (séculos XIX-XXI)**: antologia crítica. Porto: Ed. Caixotim, 2006. (Coleção Antologias do Caixotim).

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Jane Rodrigues dos. **Histórias de ver e narrar**: um estudo comparado da obra de Teolinda Gersão. 2012. Tese (Doutorado no Programa de Pós-graduação em Letras) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/7771. Acesso em: 13 ago. 2018.

SEVERINO, Isa. Transfigurações da velhice no conto "A velha", de Teolinda Gersão. **Revista A luz de Saturno** - figurações da velhice, Universidade de Aveiro, n. 12, 2005.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **Além da idade da razão**: longevidade e saber na ficção brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Graphia, 1994.

SILVA, Rosângela Guedêlha da. A narrativa transgressora de Teolinda Gersão: uma leitura do espaço pela perspectiva da experiência. *In:* CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA, 24., 2017. **Anais [...]**. Curitiba-PR: ABRAPLIP, 2017. Disponível em: http://www.abraplip.org.br/wpcontent/uploads/2015/01/AnaisABRAPLIP2017a.pdf. Acesso em: 12 jun. 2018.

SILVA, Rosângela Guedêlha da; FEITOSA, Márcia Manir Miguel. O lugar líquido: a desmistificação da concepção de lar em "Vizinhas", de Teolinda Gersão. **Revista Contexto**, Vitória, n. 34, 2018. Dossiê: Literatura de autoras de língua portuguesa. ISSN 2358-9566. Disponível em: http://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/20526. Acesso em: 20 mar. 2018.

SOUTO, Rinah de Araújo. **O olho, a mão e o caleidoscópio**: espaço(s) e violência em contos de Teolinda Gersão. 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6283. Acesso em: 12 fev. 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

_____. Geografia humanística. Tradução Maria Helena Queiróz. *In*: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 143-164.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VATICANO. Catecismo da Igreja Católica Apostólica Romana. Edição Típica Vaticana. [s.d]. Disponível em: file:///C:/Users/user/Downloads/Catecismo%20da%20Igreja%20Catolica%20%20Igreja%20Catolica%20Apostolica%20Roma.pdf. Acesso em: 21 set. 2018.

VIEIRA, Judite de Jesus Rosa Judas da Cunha. **Em tom menor**: o envelhecimento na narrativa breve de autoria feminina. 2013. 146 p. Dissertação (Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas) - Departamento de Línguas e Cultura, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2013. Disponível em: http://: http://hdl.handle.net/10773/12006. Acesso em: 14 nov. 2018.

VOLPE, Miriam Lídia. **Geografias de exílio**. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005.

## APÊNDICE A - Quadro-síntese sobre obras de Teolinda Gersão de 2002 a 2016 que abordam a velhice.

| **OBRA** | ***Histórias de ver e andar* (2002) (O conto "A Velha" também está na obra *Os teclados & Três histórias com anjos,* 2012)** | | ***A mulher que prendeu a chuva e outras histórias* (2007)** | | ***Passagens* (2014)** | ***Prantos, amores e outros desvarios* (2016)** | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **TEXTOS** | **"A Velha"** | **"A Defunta"** | **"Avó e neto contra vento e areia"** | **"As tardes de um viúvo aposentado"** | ***Passagens*** | **"A mulher cabra e a mulher peixe"** | **"As mimosas"** | **"Mal-entendidos"** | **"Vizinhas"** | **"Água-marinha"** |
| **GÊNERO** | **conto** | conto | conto | conto | romance | conto | conto | conto | conto | conto |
| **ESPAÇO** | casa e entorno | casa | praia | casa e ambientes externos(cemitério, restaurante, hotel, agência bancária e outros) | asilo/lar de idosos | bar | quarto | casa da família | casa e cabana | casa e o devaneio |
| **PERSONA-GEM IDOSO** | mulher (mãe e viúva) | mulher (mãe falecida que era viúva) | mulher (avó e neto criança) | homem (viúvo aposentado) | mulher (mãe e viúva, familiares e funcionários do asilo. | homem (bêbado contador de histórias) | mulheres (a mãe senil que é viúva e a filha idosa solteira) | mulher (viúva e mãe de um filho adulto) | duas mulheres (que são viúvas, mães e amigas) | mulher (viúva e mãe) |
| **PERSPEC-TIVA DE VELHICE** | solidão, isolamento, insegurança, abandono afetivo e material, e morte. | solidão, autonomia do idoso; afastamento afetivo entre família e idoso; morte. | a integração do idoso à família, relação entre a avó e o neto; convívio entre gerações | exclusão e solidão na aposentadoria e viuvez masculina; machismo. | cuidados físicos e afetividade com o idoso senil nas relações familiares e profissionais; morte. | memórias; busca por autoafirmação em relação à aventuras amorosas do passado; machismo. | a solidão na velhice, a complexidade de cumprir o dever de cuidar do idoso senil, tendo com ele uma relação familiar; morte. | solidão, autonomia do idoso; afastamento afetivo entre família e idoso (entre o filho adulto casado e a mãe); convívio entre gerações, morte afetiva (simbólica). | solidão, insegurança sentida pelos idosos em relação às decisões da família sobre a vida deles; tratamento médico-hospitalar do idoso; amizade; morte/suicídio | solidão, memórias; liberdade, segurança e autonomia. |